

TAÍS DINIZ SOUSA CASTILHO

**ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO DE TRAVESTIS
BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA**

Orientadora: Prof^a Doutora Hélia Augusta de Magalhães Correia Bracons Carneiro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Serviço Social**

**Lisboa
2018**

TAÍS DINIZ SOUSA CASTILHO

**ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO DE TRAVESTIS
BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA**

Dissertação defendida em Provas Públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social e Política Social no Curso de Mestrado em Serviço Social e Política Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, no dia 18 de dezembro de 2018, perante o Júri nº 406/2018.

Presidente: Prof.^a Doutora Marlene Braz Rodrigues

Arguente: Prof. Doutor Carlos Diogo Moreira

Orientadora: Prof.^a Doutora Hélia Bracons Carneiro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Serviço Social**

Lisboa

2018

Na árdua busca para o entendimento sobre a vida, sabemos que a meta é o fim de um novo começo, pois tudo isso ainda é uma incógnita.

Brasil terra de travestis belas, de alma leve, de sorriso solto que vem representar uma sociedade em processo de entendimento entre o feminino e o masculino que demanda uma pluralidade de contextos do corpo da imagem que possibilitem identificar as várias facetas e totalidades do privilégio ou não de ser travesti.

Amália Andrade

Somos o que quisermos ser, pois foi nos dado o livre arbítrio, portanto usamos essa ferramenta para seguirmos com fé e determinação, pois não devemos baixar a cabeça e nem levantar alto demais, olho no olho está de bom tamanho.

Andréa Brito

Embasada no pensamento dos autores acima citados, quero contribuir para que os dias sejam de boas escolhas, baseadas na determinação. O ser travesti tem o direito e o dever de seguir como quer e como pode, não esquecendo os seus direitos e os seus deveres, pois é para isso que vivemos numa democracia.

Taís Diniz Sousa Castilho

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, à minha tia e ao meu esposo, que me incentivaram a seguir esta jornada.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Porém, o meu agradecimento maior é para com Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui colocando pessoas maravilhosas e importantes no meu caminho e que eu tivesse esta oportunidade grandiosa de frequentar este importante Mestrado.

Quero agradecer à minha querida e amada mãe, por ter me concebido e dizer o quão é importante na minha vida.

Ao meu esposo por sua dedicação e companherismo, sem o seu apoio e amizade, teria sido mais difícil.

Às Travestis que participaram no estudo, pela abertura e confiança.

A todos os Professores que me ajudaram a chegar até aqui, dando-me formação necessária para atingir esta meta.

À Professora Doutora Hélia Bracons pelo incentivo, disponibilidade e simpatia e pelos ensinamentos que me foi transmitindo e, acima de tudo, por ter acreditado em mim.

Resumo

O presente estudo pretende conhecer quais os elementos que contribuem para que as travestis brasileiras decidam sair do Brasil e imigrarem para Portugal, tendo como preocupação conhecer como é que as travestis brasileiras, que imigram para Lisboa, analisam as estratégias das políticas públicas e sociais, vislumbrando ficar livres do contexto de violência urbana e vulnerabilidade social do Brasil. A perspectiva metodológica foi de caráter histórico oral, em pesquisa qualitativa, sobre as vivências das travestis na cidade de Lisboa, rumando significar quais os aspectos que auxiliem no mapeamento para a produção de conhecimento e saberes acerca das realidades sociais e da integração das travestis fora de seus país de origem. Neste estudo foram investigadas as experiências sociais de seis travestis brasileiras que vivem na cidade de Lisboa, afim de perceber, também, como constroem as suas relações sociais com a comunidade portuguesa. De acordo com os resultados, destaca-se que as travestis entrevistadas encontraram em Lisboa melhores condições económicas, sociais e de integração. Começaram a imigrar para Portugal na procura de encontrar melhores oportunidades de trabalho e conseguirem viver uma vida com menos violência e discriminação.

Palavras-chaves: Integração; Travestis Brasileiras; Cidade de Lisboa.

Abstract

The study intends to know which elements contribute to Brazilian transvestites deciding to leave Brazil and immigrate to Portugal. Concerned to know how the Brazilian transvestites, who immigrate to Lisbon, analyze the strategies of public and social policies, aiming to be free of the context of urban violence and social vulnerability in Brazil. The methodological perspective was of oral historical character, in qualitative research, on the experiences of travestis in the city of Lisbon, aiming to signify the aspects that help in the mapping to produce knowledge and knowledge about social realities and the integration of transvestites outside their country of origin. This study investigated the social experiences of Brazilian transvestites living in the city of Lisbon, in order to understand how their social and cultural relations with the Portuguese community build. This demand is related to dialogues with the organized social movement of these people and triggers elements for mapping (rethinking) the models of knowledge production in Social Work, regarding the formal processes of the individuals participating in this research were 6 interviewed transvestites of some regions. According to the results, the travestis interviewed found in Lisbon better economic, social and integration conditions. They began to immigrate to Portugal in search of better job opportunities and live a life with less violence and discrimination.

Keywords: Integration; Travestites Brazilian; City of Lisbon.

Índice de Siglas

ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas
ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural
ACM – Análise de Correspondências Múltiplas
ADCP – Assembleia de Deus Comunidade Portuguesa
AMB – Associação Mais Brasil
AML – Área Metropolitana de Lisboa
AMP – Área Metropolitana do Porto
AP – Autorização de Permanências
AR – Autorização de Residência
ABHO – Associação Brasileira de História Oral
BO – Boletim de Ocorrência
BRASUP – Associação de Cidadãos Brasileiros na Universidade do Porto
CID – Classificação Internacional de Doenças
CBL – Casa do Brasil de Lisboa
CCSC – Centro Comunitário São Cirilo
CEE – Comunidade Económica Europeia
COCAI – Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração
CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CRD – Centro de Referência e Defesa da Diversidade
GAT - Grupo de Ativistas em Tratamento
INE – Instituto Nacional de Estatística
LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
OCPM – Obra Católica Portuguesa das Migrações
ONU – Organização das Nações Unidas
PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
SIISEF – Sistema Integrado de Informação do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social
SMDHC – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SDH/PR – Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Índice Geral

Introdução.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo I – Enquadramento metodológico.....	17
1.1 Objetivos da pesquisa.....	17
1.2. População de estudo	18
1.3 Metodologia da pesquisa: Abordagem qualitativa	19
1.4 Técnica de recolha e análise de dados	22
Capítulo II - Fundamentação teórica	23
2.1 Conceito de travesti	23
2.2 Género e suas análises para a construção social	24
2.3 Identidade de género no percurso social	30
2.4 Homofobia e transfobia	34
2.5 Preconceito e discriminação como factor da exclusão social.....	36
2.6 Travesti, exclusão social e violência	41
2.7 Imigração dos brasileiros para Portugal	43
2.7.1 Travestis brasileiras na Cidade de Lisboa	48
2.7.2 População de brasileiros residentes por grupos etários de travestis	51
Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados.....	55
3.1 Investigação qualitativa.....	55
3.1.1 Análise de conteúdo e discussão das entrevistas às travestis	56
3.1.1.1 Histórico sobre percepção e trajetória de vida	65
3.1.1.2 Transformação do corpo e problemas com o preconceito.....	67
3.1.1.3 Ocupação Brasil e Portugal	69
3.1.1.4 Políticas Públicas: Brasil e Portugal.....	74
3.1.1.5 Condições de vida Brasil e Portugal	76
3.1.1.6 Projetos futuros	77
3.1.1.7 Integração e relações sociais	78
3.1.2. Análise de conteúdo e discussão da entrevista à assistente social	81
3.2 Síntese conclusiva das entrevistas	85
Conclusão	89
Bibliografia	93
Apêndices	I
Apêndice I – Guião da entrevista às travestis	I

Apêndice II -Transcrição da entrevista às travestis.....	I
Apêndice III – Guião da entrevista à assistente social	I
Apêndice IV- Transcrição da entrevista à assistente social	I

Índice de Figuras

Figura 1- População brasileira em Portugal com estatuto legal de residente, entre 1960 e 2011	45
Figura 2 - Estrangeiros de nacionalidade brasileira a residir ou a permanecer em Portugal. ...	45
Figura 3 - O Índice de Desigualdade de Género.	49
Figura 4 - Questões relacionadas com a condição das travestis em Portugal.....	53

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Dados de identificação das entrevistadas	56
---	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Idade das Entrevistadas.	57
Gráfico 2: Naturalidade.	57
Gráfico 3: Identidade de Género	58
Gráfico 4: Orientação Sexual	58
Gráfico 5: Étnico - Racial	59
Gráfico 6: Escolaridade das Entrevistadas.	60
Gráfico 7: Estado Civil	61
Gráfico 8: Profissão no Brasil	61
Gráfico 9: Profissão em Portugal	62
Gráfico 10: Renda mensal no Brasil	63
Gráfico 11: Renda mensal em Portugal	63
Gráfico 12: Situação de residência no Brasil.....	64
Gráfico 13: Situação de residência em Portugal	64
Gráfico 14: Colaboração Financeira	70
Gráfico 15: Programa Social..	71
Gráfico 16: Movimento LGBTI..	73

Introdução

Esta pesquisa pretende problematizar as relações de preconceito e discriminação acerca da inserção de travestis brasileiras na cidade de Lisboa, fazendo emergir os processos e estratégias de coletividade entre estas pessoas para a garantia de direitos destes indivíduos.

Foi executada nesta pesquisa um mapeamento das experiências sociais de travestis brasileiras que vivem em Portugal, mais precisamente na cidade de Lisboa, a fim de potencializar como se elaboram as relações sociais destas com a comunidade portuguesa.

“Mapeamento significa traçar os contornos geográficos de uma região ou, então, relacionar ou ligar um conjunto de itens de dados a outros” (Cabral; Ornat & Silva, 2013, p. 38). Apesar do gênero e das sexualidades constituírem campos já consagrados na geografia em vários países, no Brasil, a temática é incipiente e evolui a passos lentos, apesar do avanço percebido nos últimos anos na geografia brasileira com o lançamento da Revista Latino Americana de Geografia e Género, em final de 2012, possibilitando um caminho de visibilidade para esse perfil de abordagem. As geografias feministas trilharam importantes caminhos teóricos e metodológicos na geografia mundial e contribuíram, sobretudo, na construção de justiça social, a partir de uma geografia cultural crítica (Cabral, et al, 2013).

A investigação desenvolvida centra-se na relação socialmente incomum entre sexo (biológico) e gênero (social) expressada por alguns indivíduos, fenómeno que nas ciências psico-médicas é conhecido como “disforia de gênero” ou “perturbação de identidade de gênero”. Referimo-nos a travesti que até bem recentemente têm sido perspectivadas como categorias médicas e não como “outros” modos ou modos diversos de experienciar e expressar o gênero, ou seja, identidades e expressões de gênero minoritárias em termos sociais. Portanto, mapear essas experiências sociais das travestis brasileiras, que imigraram para a cidade de Lisboa, que de acordo com Simpson (2015), são muito discriminadas.

As travestis são discriminadas e apontadas, como um dos maiores preconceitos e existentes no Brasil. Isso ocorre porque essa população ostenta uma identidade de gênero diversa da imposta pelos padrões convencionais, em que homem é homem e mulher é mulher, e qualquer coisa que fuja dessa norma é encarada com estranhamento, no caso das travestis esse estranhamento se traduz em violência e não aceitação social dessa população (Simpson, 2015).

Ainda hoje, existe um preconceito de que elas abdicam do sexo atribuído no nascimento para se identificarem e se expressarem socialmente com o sexo oposto. Numa

sociedade machista, a população de travesti é alvo fácil de ser discriminada e violentada de forma verbal ou física, sem ao menos ter chance de poder explicar o porquê dessas objeções.

Elas reivindicam o respeito e suas vivências e individualidades, bem como o viver no género feminino, assim como o direito de serem respeitadas em suas expressões e identidades de género dentro desse universo feminino que atribuíram em suas vidas.

No contexto europeu, Kulink (2013) aponta que foi despertado a partir da década de 70, as notificações de imigração de travestis brasileiras que foram trabalhar nos espetáculos teatrais e nas noites de Paris, especialmente no “Bouis de Bologne” um grande parque público onde ainda hoje existe uma grande concentração das travestis brasileiras que imigraram para lá em busca de fama e fortuna. Em Portugal, as travestis só aparecem no contexto migratório ao final dos anos 90 associadas sempre ao trabalho sexual.

Neste sentido, Teixeira (2013) defende que o sonho da travesti que migra para trabalhar na Europa é, nessa perspectiva, entrar nas fileiras dos milhares de brasileiros que saíram de casa à procura de trabalho no exterior. O facto do trabalho realizado pelas travestis ser em grande parte a prostituição, situa como um elemento-chave nos debates sobre a exploração sexual e o tráfico de seres humanos. O argumento tenta mostrar que o estigma triplo de ser um imigrante “indocumentado”, travesti e prostituta, coloca as travestis em situações de vulnerabilidade em alguns países.

Portanto, as travestis Brasileiras começaram a imigrar para Portugal em busca de oportunidades de trabalho, principalmente em atividades voltadas ao mercado sexual, este fenómeno foi visto pelas experiências das travestis como ponto de partida para a investigação. Conforme pesquisa realizada no Brasil, cerca de 10% da sua população é composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT), que chega a cerca de 20 milhões de pessoas, sendo que 40% dessa população está no estado de São Paulo (IBGE, 2018).

Outra pesquisa, realizada por Abramovay (2014), acerca dos preconceitos e discriminação homofóbica nas escolas, alega que aproximadamente 1/4 dos/as alunos/as não gostariam de ter um colega homossexual, e ainda é mais elevada a proporção dos pais que afirmaram que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola de seu filho/a.

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer e compreender as experiências sociais de travestis brasileiras que imigram para Portugal, para a cidade de Lisboa, buscando melhores condições económicas, sociais e culturais.

Tendo como objectivos específicos: conhecer os fatores que levaram as travestis saírem do Brasil e imigrarem para Portugal; identificar se na cidade de Lisboa as travestis Brasileiras conseguem escapar da violência urbana (discriminação, preconceito), e de vulnerabilidade social; conhecer os tipos de atividades sociais e económicas desenvolvidas pelas travestis

Brasileiras na cidade de Lisboa e descrever as relações sociais com a comunidade portuguesa e suas estratégias de integração. Para além das entrevistas às travestis foi aplicada uma entrevista semiestruturada à assistente social que trabalha no Espaço Intendente, mais especificamente no GAT com o objectivo de conhecer o papel do serviço social, conhecer como funciona o Espaço e o serviço prestado às travestis.

O interesse pelo tema surgiu a partir da minha experiência profissional como assistente social durante quatro anos num centro de atendimento a pessoas LGBT, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, chamado CRD - Centro de Referência da Diversidade, na cidade de São Paulo, que é um espaço destinado a atender profissionais do sexo, gays, lésbicas, travestis e transexuais e portadores de VIH/AIDS. O CRD desenvolve atividades que possibilitam a esse público a geração de renda e inclusão social, além de buscar o reconhecimento da autonomia e cidadania da população atendida. Uma das principais metas do CRD é aumentar a visibilidade de travestis e transexuais, garantindo direito à cidadania.

Neste período de trabalho, um dos projetos mais importantes era o espaço de convivência e diálogo, com grupos temáticos envolvendo informações e autoajuda. Um deles era realizado às terças-feiras, chamado Terças Trans, cujo foco são as travestis e transexuais, foi neste momento que observei que inúmeras travestis que passavam por essa atividade tinham suas histórias reveladas e muitas vezes em comum, essas histórias eram marcadas pela discriminação e preconceito. Muitos eram os problemas sociais e económicos vividos por elas, denúncia de violência doméstica e familiar, atendimento discriminatório em bares e restaurantes, impedimento do uso do banheiro feminino, violência institucional na escola, entre outras formas de violação de direitos que sempre foi exposto nestes encontros.

Ao mesmo tempo aquele grupo buscava um refúgio e vislumbrava o desejo de morarem nos países da Europa, em busca de uma vida melhor com cidadania, aceitação social e melhoria na sua qualidade de vida, acreditando que nos países europeus poderiam ter uma vida com mais dignidade e respeito por parte da sociedade.

Partindo deste fenómeno, pretende-se introduzir nesta pesquisa de investigação as experiências sociais de travestis brasileiras que vivem em Portugal na cidade de Lisboa e perceber como se constroem as relações sociais destas com a comunidade portuguesa.

Para além da Introdução, o presente trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à contextualização metodológica, faz referência à metodologia qualitativa, às técnicas utilizadas e aos objetivos do estudo; o segundo capítulo diz respeito à revisão da literatura incluindo temas relativos à questão de género, identidade e travesti; no terceiro capítulo serão apresentados e discutidos os resultados das entrevistas aplicadas. Por fim,

apresenta-se a conclusão deste trabalho, onde é apresentado uma síntese geral do percurso teórico e empírico da pesquisa.

Capítulo I – Enquadramento metodológico

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados com o intuito de atingir os objectivos propostos. Serão apresentados e fundamentados os objectivos da pesquisa bem como a técnica de recolha de dados utilizada e a sua análise.

1.1 Objectivos da pesquisa

Segundo Guerra (2000), os objectivos devem ser coerentes e para isso têm de decorrer da problemática identificada e ser realistas fundamentando-se nos recursos identificados. Os objectivos gerais são aqueles que descrevem as grandes orientações para as acções e são coerentes com as finalidades do projecto. São globalizantes, mas formulados em termos de verbos de acção já que explicitam as intenções para cada um dos tipos de actores que fazem parte da população alvo abrangida pelo projecto.

Na perspectiva da mesma autora, os objectivos específicos exprimem os resultados que se espera atingir e que detalham os objectivos gerais. Indicam estádios a alcançar enquanto os gerais indicam direcções a seguir.

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer e compreender as experiências sociais de travestis brasileiras que imigram para Portugal, para a cidade de Lisboa, buscando melhores condições económicas, sociais e culturais.

Para operacionalizar este objetivo definimos os seguintes objectivos específicos: conhecer os fatores que levaram as travestis saírem do Brasil e imigrarem para Portugal; identificar se na cidade de Lisboa as travestis brasileiras conseguem escapar da violência urbana (discriminação, preconceito), e de vulnerabilidade social; conhecer os tipos de atividades sociais e económica desenvolvidas pelas travestis Brasileiras na cidade de Lisboa e descrever as relações sociais com a comunidade portuguesa e suas estratégias de integração.

Numa primeira fase buscou-se compreender as experiências sociais de travestis Brasileiras que vivem na cidade de Lisboa, e perceber como constroem suas relações sociais e culturais com a comunidade portuguesa. O motivo que leva a estudar este tema tem como propósito produzir conhecimento que possa contribuir para a qualificação de políticas públicas na garantia de direitos, por perceber que este é o grupo mais discriminado no Brasil.

Como já referido, a recolha de informações com as travestis foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, gravada em áudio. As entrevistas tiveram a duração de cerca de duas

horas e ocorreram no local onde os sujeitos da investigação se sentiram mais à vontade, neste caso, na residência das mesmas.

Para além das entrevistas às travestis, foi aplicada uma entrevista semiestruturada à assistente social que trabalha no Espaço Intendente, mais especificamente no GAT com o objectivo de conhecer o papel do serviço social, conhecer como funciona o Espaço e o serviço prestado às travestis.

1.2. População de estudo

O campo de observação e aplicação da pesquisa diz respeito a travestis brasileiras que residem na cidade de Lisboa. A população deste estudo tem características peculiares nos processos das relações em suas vivências ao longo de suas trajetórias.

Dado tratar-se de uma população sem dados estatísticos conhecidos e ao facto de se pretender realizar um estudo de natureza exploratória e de acesso dificultado, optou-se por uma amostra de tipo intencional.

Esta amostra do estudo incidiu em 6 travestis brasileiras que estão a viver na cidade de Lisboa há mais de 6 meses entre os 25 e os 45 anos de idade.

A análise de conteúdo foi a técnica que utilizámos para o tratamento dos dados, pois foi ela que nos permitiu analisar as informações recolhidas nas entrevistas. Este tipo de análise assume um papel muito importante na investigação social, porque possibilita o tratamento das informações e testemunhos recolhidos de forma metódica e com rigor, que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade (Quivy, 1992).

Esta técnica pretende, não apenas compreender o conteúdo manifesto das respostas obtidas, mas também o que está por detrás dele: conseguir captar características relevantes de natureza quer psicológica, quer sociológica, histórica, política ou cultural sobre a origem, destino e aspectos das mensagens.

A análise de conteúdo segundo Guerra (1996: 62), “tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face ao objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teóricoanalíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência”.

1.3 Metodologia da pesquisa: Abordagem qualitativa

A metodologia pode ser entendida como um conjunto de procedimentos para obtenção do conhecimento científico.

A metodologia de investigação escolhida para o estudo foi a qualitativa. Segundo Carmo (1998), a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, investigando o que está “por trás” de certos comportamentos, atitudes ou convicções. Não há qualquer preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados e não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos, como acontece com a investigação quantitativa.

O investigador desenvolve conceitos e chega à compreensão dos fenómenos a partir das relações entre esses conceitos e a realidade empírica.

É uma investigação que produz dados a partir de documentos, entrevistas e da observação. A investigação qualitativa tem em conta a realidade global, o significado tem uma grande importância.

A metodologia utilizada na investigação foi a análise qualitativa, os métodos qualitativos “visam o estudo dos significados intersubjetivos situados, construídos e usados (repetidos) (...) elegem formas flexíveis de captar a informação e recorrem basicamente a uma linguagem conceptual e metafórica.” (Moreira, 2007:50).

Ainda, segundo Flick (2005), o objectivo da pesquisa qualitativa é o de compreender o fenómeno em profundidade, através da apreensão da subjectividade dos participantes, baseado no pressuposto que a realidade é construída socialmente, em que os actores sociais são reconhecidos como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; o investigador é o responsável por decifrar, interpretar o significado da acção humana, sendo também um elemento central da investigação que, devido à circularidade do processo de pesquisa, deve adoptar uma reflexão permanente ao longo da investigação, atendendo a todos os passos específicos e à sua interacção.

A pesquisa qualitativa apresenta, portanto, um carácter inovador, dado inserir-se na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências sociais.

Neste sentido, e como defende Martinelli (1999:24), o que interessa não é o número de pessoas que prestam informação, mas o significado que esses sujeitos têm, de acordo com o que procuramos com a investigação.

A metodologia qualitativa associada a uma lógica compreensiva, pela atitude que permite na relação flexível com o objecto de estudo, pareceu-nos a mais adequada pois a presente

pesquisa teve como ponto norteador mapear quais os elementos nas relações sociais que contribuem para que as travestis brasileiras decidam sair do Brasil e imigrarem para Portugal. Preocupou-se em conhecer algumas travestis brasileiras, que imigraram para Lisboa, a fim de conquistarem melhores condições de vida e de trabalho, vislumbrando ficar livres do contexto de violência urbana e de vulnerabilidade social que viviam no Brasil.

A perspectiva metodológica é de caráter histórico oral 'história oral' é o trabalho de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades”, em pesquisa qualitativa, sobre as vivências das travestis na cidade de Lisboa, rumando significar quais os aspectos que auxiliem no mapeamento para produção de conhecimentos e saberes acerca das realidades sociais e da integração das travestis fora de seus país de origem.

Furlim (2013), comenta que experiência social é tudo o que se, vivência em tempo real, ou por meio de trabalho e estudo. Portanto o motivo que levou a estudar esse assunto foi produzir conhecimentos por meio das experiências vivenciadas por travestis brasileiras para que possam contribuir na qualificação de políticas públicas buscando identificar a garantia de direitos por perceber que este é o grupo mais discriminado no Brasil.

Os métodos devem estar de acordo com os diferentes fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos que apoiam as inquietações e as linhas orientadoras da investigação e da entrevista (Fortin, Côté & Vissandjeé, 2010). Assim o método utilizado para o desenvolvimento do estudo é de caráter vivido, subjetivo e qualitativo, na medida em que se procuram significados.

Uma das técnicas utilizadas neste trabalho foi a dinâmica de conversação, pois é através desta, que se intensifica os comportamentos, as crenças e as atitudes. A dinâmica de entrevista tem como objetivo desenvolver uma proposição geral de que a socialização se baseia nos grupos aos quais pertence. O grupo é visto como instrumento de mudança e nesta perspectiva aparece como fonte de influência sobre os seus esforços para mudar o comportamento sobre cada um (Lewin, 1989 cit. in Lemos, 2010).

Como já mencionado, esta investigação pretende seguir a metodologia qualitativa para a compreensão do problema, embasado com a pesquisa bibliográfica, trabalhos e artigos realizados com o mesmo objeto de pesquisa desse estudo.

A pesquisa qualitativa leva em consideração as determinações históricas e condicionantes entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito pesquisado. Ela trabalha com o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, entre outras, bem como examina a fundo uma superfície não percebível nas relações sociais.

A coleta dos dados para análise nessa pesquisa será através de entrevista com perguntas abertas, assegurando assim, o objetivo da “História Oral” “de dar voz aos sujeitos até então invisíveis” (Gonçalves & Lisboa, 2017).

A história oral sustenta-se numa proposta investigativa viabilizando as tais circunstâncias para análise e compreensão das mais variadas e diversas conjunturas, de modo a contextualizar e ligar sobre a realidade de um determinado fenómeno social. Ou seja, para o reconhecimento dessa conjuntura inserida em contextos contraditórios, a fim instigar para além do visível, do palpável, do concreto, para compreender o que se passa naquela determinada realidade (Ferraz, 2013).

A história oral trata-se de uma metodologia qualitativa de pesquisa, adequada ao conhecimento do tempo presente; permite conhecer a realidade passada e presente, pela experiência e pela voz daqueles que a viveram (Lang, 1999 cit in Ferraz, 2013).

Este método não se limita a qualquer procedimento ou técnica, incitando o pesquisador a ir além do mero objetivo, pois, conforme continua (Lang, 1999 cit in Ferraz, 2013), a História Oral [...] não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes.

Deste modo, a história oral enquanto método investigativo privilegia a prática de entrevista com pessoas que vivenciam ou vivenciaram determinado fato, acontecimento, numa determinada conjuntura, cujo objetivo é se aproximar do objeto de estudo.

Logo, para que os elementos dessa pesquisa sintetizem com os sentidos da realidade, é pertinente incorporar, além da visão da pesquisadora, a fala do próprio sujeito pesquisado sobre a sua história.

Para Bezerra (2013), História essa que é riquíssima em experiência humana, e esse conhecimento da humanidade é o que dá vida à história. Considerando, obviamente, que são sujeitos que estão submetidos a determinadas condições sociais, culturais, políticas e vivem numa determinada realidade sob sujeições.

1.4 Técnica de recolha e análise de dados

Como já foi referido, foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas a travestis brasileiras a residir em Lisboa há mais de seis meses e também à assistente social que trabalha no Espaço Intendente, uma instituição que presta apoio e acompanhamento a estas pessoas.

Este tipo de entrevista pareceu-nos ser aquela que melhor se adaptava aos objectivos desta investigação, dado que sendo menos rígida do que a entrevista estruturada ou padronizada, se constitui como um instrumento em que o entrevistador, embora tendo um conjunto de questões previamente definidas, pode sempre introduzir novas questões de forma a obter mais informações. Neste sentido, há a possibilidade de adaptação do instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptividade do entrevistado. Este tipo de entrevista é o que vai mais ao encontro da pesquisa qualitativa, sendo muito útil como estratégia de descoberta (Moreira, 2007).

A técnica da entrevista permitiu obter de uma forma indirecta, de determinados actores sociais, as informações que necessitava, com a finalidade de responder aos objectivos da investigação. Para a realização da entrevista foi construído um guião que serviu de instrumento para a recolha dos dados, recolha esta que “... Consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou unidades de observação incluídas na amostra” (Quivy e Campenhoudt, 1992). Dispõe de uma série de perguntas, que serviram de guia, para receber da parte do entrevistado determinadas informações, ascendendo a um grau de autenticidade e profundidade.

Em termos de vantagens desta técnica, salientam-se a profundidade dos elementos de análise, a flexibilidade e a fraca directividade, respeitando as opiniões, quadros valorativos, o tipo de linguagem e as características dos entrevistados.

No caso concreto desta pesquisa, na construção do guião houve o cuidado de deixar ao entrevistado um grau de liberdade suficiente por forma a que a lógica do texto fosse a do entrevistado e não a do entrevistador. O período de recolha dos dados decorreu entre fevereiro e maio de 2018. As entrevistas foram feitas em casa das entrevistadas, tendo oscilado a sua duração entre 60 a 90 minutos.

Também foi realizada uma entrevista exploratória no início da investigação, individualmente, para recolha de informações que permitiram elucidar o investigador sobre as concepções da história de vida de cada participante travesti.

Inicialmente foi efetuada uma pesquisa bibliográfica, que é o ponto inicial para todo tipo de pesquisa, baseada em publicações de vários autores sobre o assunto tratado.

Capítulo II - Fundamentação teórica

Existem inúmeras investigações sobre a questão transgéneros, identidades de géneros, homofobia, preconceitos, exclusão social e violência. Quanto a imigração dos brasileiros para Portugal. Peixoto (2018), conceitua a importância de nos voltarmos para esta população, não só pela escassez de estudos sobre este fenómeno, mas também para explorar e compreender as especificidades.

Garcia et al (2017), defende que as travestis formam um grupo que tem vindo atrair uma crescente atenção dos investigadores tanto no Brasil quanto em Portugal, e parte desse interesse deve-se às características transexuais destes indivíduos, ao seu género e construção do corpo, assim como a sua sexualidade e à entrada no mundo da prostituição. Os autores dizem, ainda, que a construção da identidade travesti está fortemente associada ao trabalho sexual e não apenas à sua condição de transgénero e, por sua vez, o trabalho sexual está ligado a essa condição, mas também a extrapola, é por isso que o estudo específico sobre este tema é importante.

2.1 Conceito de travesti

Teixeira (2013), defende que travesti é uma pessoa que não se identifica com o género biológico e se veste e se comporta como pessoa de outro sexo. É um homem que se veste como mulher, se comporta como mulher e se sente mulher ou o contrário, uma mulher que se veste, comporta e age como se fosse um homem.

Para Cabral et al (2013), o conceito de travesti difere das mulheres vestidas de homem, essa palavra travesti aplica-se somente aos homens que se sentem mulheres, mas não tem nenhum interesse em mudar de sexo, essas pessoas estão satisfeitas com o seu sexo, diferente do transexual que procura fazer a transição para o género oposto através de intervenção médica.

Travesti segundo Bento (2016), é um artista travestido de mulher, que assume uma identidade que não é dele, é atua como protagonista em seu mundo de fantasias, fazendo disso um trabalho. Nesse aspecto, busca-se refletir sobre sexualidade, identidade política, e/ou cultural tentando significar o que é ser travesti no eixo Brasil/Portugal. Os subsídios de cada interesse, onde a travesti pode apresentar, difere ou não de informações que vão permeando a

cultura das sociedades e os seus conceitos perante o conceito e o entendimento de travestir para a sociedade como um todo.

2.2 Género e suas análises para a construção social

O termo género como categoria de análise, vem aderindo algumas metas de resignação sexual, nesse aspecto Scott (2015), enfatiza que este se constitui numa categoria para análise de pesquisa muito importante. O género é avaliado como uma construção social dos indivíduos sobre um corpo sexuado, desmistificando as ideias naturalistas sobre o sexo, bem como é analisada a existência do modelo hegemónico homem x mulher vindo a ser legítima a forma binária de género em tal sociedade.

Desse modo, os seres humanos que não se encaixam em certos padrões (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) são socialmente discriminados por serem “diferentes” do modelo convencional. A analogia de género travesti é construída pelo social como uma modelação do corpo com a real identidade pessoal, ou seja, como essa pessoa se vê na sociedade (Louro, 2018).

Para Scott (2015), o termo género como categoria de análise emergiu no século XVIII pelas feministas americanas para discutir sobre as desigualdades sexuais entre homens e mulheres. O objetivo foi comprovar que a desigualdade entre homens e mulheres não seria de carácter biológico, mas sim, a partir de um carácter essencialmente social baseado no sexo de cada ser humano.

Durante muitos anos passou-se por modificações teóricas na configuração de pensamento sobre género. Segundo Lima (2016), a maioria dos estudiosos se submeteu à teorização de género presos nas referências tradicionais das ciências sociais, empregaram formulações baseadas em princípios explicativos, causais e universais que, no melhor dos casos, apresentaram um carácter restrito, porque neste sentido introduziram generalizações redutivas numa concepção que se opõe aos compromissos feministas com a análise que levaria à mudança.

A partir dos anos 1980, o termo género¹ passa a constituir-se com maior legitimidade teórica entre as feministas como categoria analítica (Lima, 2016).

¹ Para Scott (2015), a definição de género se subdivide em duas partes, primeiro ela o define como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e (2) o género é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (Scott, 2015).

Esse termo faz parte das tentativas apreendidas pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo espaço de demarcação, para grifar a incapacidade das teorias existentes, onde a desigualdade entre homens e mulheres ainda era muito intensa, e precisava ser exposta e combatida (Scott, 2015).

Teixeira (2013), colabora dizendo que, mesmo nos primários conhecimentos a insegurança era o ponto fraco, o ponto forte era o debate, esse procedimento foi muito útil, uma vez que insinuava numa nova narrativa pela qual se incluiria o conhecimento das mulheres, e delas darem conta, dependia do alcance no qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise.

Portanto, o desenvolvimento da categoria gênero, se semelha com a categoria e com a raça/etnia eram visíveis, e por isso algumas pesquisadoras feministas mais politizadas recorriam às três categorias: de classe, de raça e de gênero, como cruciais para a escrita de uma nova história. Em primeiro lugar, destacavam como princípio a envoltura do/a pesquisador/a com a história que continha o conto dos/as oprimidos/as e uma crítica do sentido e da natureza de sua opressão e, em segundo lugar, um entendimento de que as diferenças de poder estão constituídas ao longo de no mínimo três eixos: classe, raça e gênero (Moira, 2015).

De acordo com a argumentação de Cabral (2013), estes três termos implicam numa analogia entre os mesmos, mas, na verdade, eles não têm um regulamento equivalente.

Dessa forma não existe nenhuma clareza ou coerência desse tipo para a categoria de raça ou para a de gênero. No caso do gênero, seu uso implicou uma ampla gama tanto de posições teóricas quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos (Aquino, 2016).

Nesse sentido, conforme a análise crítica da autora, a categoria gênero constitui-se em duas partes:

- A primeira pela proliferação do estudo de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e discontinuidades e não dar conta das persistentes desigualdades, assim como experiências sociais radicalmente diferentes. Em segundo lugar, porque a discrepância entre a alta qualidade dos trabalhos recentes de história das mulheres e seu status marginal em relação ao conjunto da disciplina.
- A segunda mostra os limites de abordagens descritivas que não questionam os conceitos disciplinares dominantes ou, ao menos, que não problematizam esses conceitos de modo a abalar seu poder e talvez, a transformá-los (Aquino, 2016).

Nesse sentido o sexo e sexualidade² segundo Ferreira (2014) traz o “gênero” como uma categoria social e útil, oferecendo assim círculos para a distinção da prática sexual nos papéis sexuais imputados às mulheres e aos homens. Dessa forma de relações que podem envolver o sexo, contudo, não sendo determinadas como uma incógnita, onde determinam diretamente a sexualidade.

A circunvizinhança de gênero foi utilizada para marcar as relações sociais entre os sexos. Seu uso renuncia explicitamente explicações biológicas [...] para diversas formas de subordinação feminina no fato de que a mulher tem capacidade para dar à luz e de que o homem tem a força muscular superior, onde o bicho homem é o predador (Lima, 2016, p. 74).

Essa é uma forma de análise daquelas que justificam as desigualdades sociais historicamente produzidas entre os sexos numa perspectiva sobre as distinções biológicas. Conforme Louro (2018), essa perspectiva acarreta uma argumentação final sobre as desigualdades sociais de caráter irrecorável, seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem científica (Louro, 2018, p. 43).

Dessa forma, é imprescindível evidenciar que não são propriamente as distinções sexuais, mas é a forma como essas distinções são representadas e valorizadas, a partir dessa interpretação, que efetivamente constrói o que é feminino e masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (Lima, 2016).

[...] o termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais”, a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Moirá, 2015).

Portanto, acentuar o debate na área do social, já que é nele que constrói e se reproduzem as desigualdades entre os sujeitos. Deste modo, gênero passa a ser uma categoria analítica, visto que é na esfera das relações sociais que se constroem os gêneros (Louro, 2018).

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos (Ferreira, 2014).

² Compreende-se que a sexualidade humana é diversa, composta pelo sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero, na qual a cada elemento correspondem papéis diferenciados, desta forma entendendo-se como diversidade sexual (São Paulo, 2014).

Deste modo, vale ressaltar que as concepções sobre género diferem não só entre as sociedades e/ou momentos históricos, mas também na sua essência, levando em consideração os diversos grupos que a constituem.

Lima (2016), relata que no período de 1968 vivenciavam-se no mundo, em especial em alguns países como França, Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, os movimentos protagonizados por intelectuais, estudantes, negros, mulheres, homossexuais e por diversos grupos expressando sua “inconformidade com a discriminação, a segregação e o licenciamento” almejando mudança epistemológica (tanto conceitos morais, como papéis sociais).

Moira (2015), refere que foi nessa conjuntura de luta política, contestação e transformação que as militantes feministas se reorganizaram e passaram a reivindicar os direitos políticos, econômicos, jurídicos e sociais afim de denunciar as desigualdades sociais fundamentadas no sexo. Deste modo, evidencia-se que no contexto das feministas mostrava o seu carácter político, que, lentamente demandou mais do que explicações esmiuçadoras e, por conseguinte, passou a ensaiar aclarações.

Conforme Louro (2018), esse debate sobre género chegou ao Brasil na década de 1980, mesmo com a timidez, e logo mais passou efetivamente a ser utilizado pelas feministas para denunciar as desigualdades entre os sexos. Estas desigualdades podem ser evidenciadas pelas construções de papéis³ masculino e femininos, que uma sociedade estabelece aos sujeitos. Scott (2015) sustenta:

[...] conceitos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino (Scott, 2015).

Essa é a posição predominante em uma sociedade, que seleciona e “define seus comportamentos, suas vestes, seus modos de se relacionar ou de se portar” essa definição sobre os instintos da espécie humana tem como desígnio o controle sobre si e sobre o outro (Louro, 2018).

Heller (2013) faz um diagnóstico sobre o papel social na vida cotidiana, relata que ele não passa a existir casualmente, pois o papel social é decorrente de vários fatores da vida cotidiana. Estes fatores são imitações não apenas de “momentos e funções isolados, mas também inteiros modos de condutas e de ação” (Heller, 2013). Pois, sem essa capacidade que o

³ Nesta pesquisa entende-se como papéis as variadas formas de definição dos comportamentos atribuídos a determinados sujeitos e que efetivamente são reproduzidos na sociedade (Heller, 2013).

Homem tem de imitar, não existiria assimilação de papéis, que se manifestam através das repetições dos costumes.

Em todos os estágios do desenvolvimento social, o homem nasce num mundo já “feito”, numa estrutura consensual já “feita” onde está tudo pronto, mas também pode ser mudado, o intuito é respeitar o outro e seus pensamentos, mesmo que esses pensamentos venham a contradizer os seus (Moirá, 2015). O conceito de gênero é construído socialmente num dado momento histórico para denunciar as desigualdades sociais baseadas no sexo, sendo que estas desigualdades são sustentadas nas ideias naturalistas e construções culturais de que o homem deve ter privilégios em razão de aptidões biológicas. Deste modo, são construídos os papéis referentes ao sexo, bem como se evidenciam as dessemelhanças entre os mesmos, apoiando para legitimar o condicionamento do sujeito dominado sobre o seu suposto “superior” de vida e sociedade baseado na lei (Heller, 2013).

Antunes (2010), explica que a globalização do mundo é organizada por um sistema normativo que se fundamenta nos costumes cujas disposições vão aderindo, de acordo com a prática constante do comportamento de um determinado grupo social pelas práticas normativas. Neste modelo organizacional da heteronormatividade⁴ considera-se que o sexo deve ser monogâmico, dentro do casamento e para fins reprodutivos, os demais que não condizem com este modelo são avaliados como anormais e passíveis de tratamentos o autor ainda rotula os modelos padronizados que ganham legitimidade:

Aquilo que é avaliado como padrões convencionais para homem é considerado normal: Pênis, menino, homem, identidade de gênero masculino, nome social idêntico ao do nome civil, comportamentos considerados culturalmente masculinos, desejo sexual exclusivo por mulheres, ativo sexualmente, fecundado, preferencialmente pai, perpetuador da espécie, bem resolvido psicologicamente e emocionalmente, culto, informado, jovem sarado, belo, branco, postura exclusivamente ativa diante da vida, produtivo, provedor, independente financeiramente, não resistente às normas de gênero, inteligente socialmente, existência reconhecida, visível (Antunes, 2010).

Berkins (2013), descreve que “o machismo mata, e o Estado é responsável por isso, se eu pudesse nascer de novo escolheria ser travestir”, o machismo pode ser denunciado por todos mulheres e homens, pois a mulher travestir sofre de repressão em sua história social. De acordo com a equívoca linha de raciocínio da cidadania brasileira, machismo é uma atitude normal e

⁴ Borrillo (2012), a heteronormatividade é um termo usado para referenciar o modelo heterossexual, fundamentado no regime binário do gênero, constituindo-se os sujeitos unicamente em sujeitos masculinos ou femininos.

aceitável culturalmente. Porém machismo é uma ideologia que traz consigo a repressão, de pessoas homofóbicas e racistas.

O homem Machista define as mulheres com padrão considerado “normal” é: Vagina, menina, mulher, identidade, de gênero feminina, nome social idêntico ao nome de registro civil, comportamentos considerados culturalmente femininos, desejo sexual exclusivo por homens, passiva sexualmente, preferencialmente mãe, fecundada, geradora, parideira, cuidadora, perpetuadora da espécie, bem resolvida psicologicamente e emocionalmente, culta, informada, jovem, sarada, bela, branca, postura preferencialmente passiva diante da vida, produtiva, preferencialmente independente financeiramente, competitiva, consumista, normal, saudável, correto, não resistente às normas de gênero, inteligente socialmente, existência reconhecida, visível, esquecendo assim do padrão de mulher travestir, preconceitos machistas advindos da cultura de cada indivíduo (Berkins, 2013).

Desta forma, após as definições de homem e mulher, bem como as padronizações de seus papéis, procuraram classificá-los conforme o que avaliam “certo” e “errado”. Tudo que não condiz com estes padrões será avaliado como “anormal” pelos demais indivíduos. Ficam evidenciadas, portanto, as formas de opressão, uma vez que nem todos respondem ao que está padronizado (Foucault 2010 cit in Antunes, 2010).

Moira (2015), considerando as falações sobre a sexualidade, investiga sobre a “verdade” que a ciência produz a respeito da sexualidade, em que esta parece estar inteiramente pautada pelas normatizações e regulamentações da vida sexual, visto que essa “verdade” estipula o que é “normal” e o que é “anormal”.

Essa norma se baseia no organismo teórico daquele que a define. Ao definir algo, a própria definição já limita e controla aquilo que está sendo definido. Isso ocorre, pois, as palavras que definem o que é isto ou aquilo criam regras padronizadas de como tal objeto “deve” ser ou não ser (Antunes, 2010).

Isso nos remete a pensar nas pessoas que não se enquadram nestas definições de homem e de mulher, e nem no que se espera para cada um. Vale lembrar que, sob essa perspectiva, as

peçoas lésbicas⁵, gays,⁶ bissexuais⁷, travestis⁸ e transexuais⁸ (LGBT)⁹ são consideradas “diferentes” e subversivas às normas vigentes, ou seja, se afastam da regra heterossexual¹⁰ e reprodutiva (Navas, 2011).

2.3 Identidade de género no percurso social

Navas (2011), comenta que o movimento homossexual no Brasil teve origem na década de 1970. Nesta época, tanto o movimento homossexual como o feminista foram os principais responsáveis por inserir a sexualidade no debate político.

Moira (2015) relata que nesse período formaram confrarias que tinham como desígnios, mas comuns, a defesa da igualdade entre homens e mulheres, contra violência e a discriminação de género. Em decorrência desta forma de reivindicar direitos ligados à sexualidade, fixar-se também outros sujeitos que se afastam da norma heteromativa, como lésbicas, bissexuais, pessoas trans, e profissionais do sexo como sujeitos politizados, almejando seu reconhecimento e reivindicando direitos iguais na sociedade.

Consequentemente, esses movimentos sociais foram caracterizados como “movimentos alternativos”, por se tratarem de necessidades específicas e de um certo referencial teórico distinto daqueles que supostamente se baseavam no conflito de classes (Navas, 2011).

Lima (2016), comenta que entre os militantes homossexuais na década 1980, havia algumas reivindicações que se destacavam, como inserir na Constituição Federal o respeito à orientação sexual e a retirada da homossexualidade da lista de classificação de doenças mentais, comenta que os grupos de homossexuais participam da Assembleia Constituinte.

Para Sales (2018), o desígnio era inserir a orientação sexual no rol dos obstáculos discriminatórios, porém não conseguiu concretizá-lo. Apesar disso, esta discussão passou a ser

⁵ Lésbicas são pessoas que se sentem atraídas afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/género, neste caso, sua orientação sexual é homossexual (Ferreira, 2014).

⁶ Gays são pessoas que se sentem atraídas afetivas e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/género, neste caso, sua orientação sexual é homossexual (São Paulo, 2014).

⁷ Bissexuais são pessoas que se sentem atraídas afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos (Aquino, 2016).

⁸ Travestis são pessoas que nascem do sexo biológico masculino e tem identidade de género feminina, assumindo papeis de género diferentes daqueles impostos pela sociedade (Amaria, 2015).

⁸ Transexuais são pessoas que nascem do sexo biológico masculino ou feminino possuem identidade deferente do sexo biológico, além de assumirem papeis de género diferentes daqueles impostos pela sociedade, elas podem manifestar a necessidade de realizarem cirurgia de resignação sexual (Lima, 2016).

⁹ LGBT – Sigla internacionalmente utilizada para se referir à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (São Paulo, 2014).

¹⁰ Heterossexual são pessoas que se sentem atraídas afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/género oposto (Ferreira, 2014).

efetivada por diversos movimentos sociais, o que acarretou algumas vitórias em diferentes estados, como a proibição de discriminar as pessoas por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Segundo a pesquisa de Lima (2016), o movimento homossexual, constituído majoritariamente por gays, deu origem à sigla que hoje é reconhecida por LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). É relevante afirmar que foi através deste movimento (LGBT) que o Estado foi obrigado a intervir nas formas de discriminação por orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Refere Navas (2011): [...] foi neste contexto de lutas e reivindicações que, em 1973, a homossexualidade foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID). Porém, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade de sua lista de doenças mentais, somente em 17 de maio de 1990, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão” (Navas, 2011, p. 45).

A intolerância a respeito da identidade de gênero tem acarretado intenso crescimento de discriminação, violência e exclusão de pessoas travestis, pois são pessoas que efetivamente transgridem as normas heteronormativas através de sua existência na sociedade vigente (Moirá, 2015).

Nesse sentido, é imprescindível reconhecer os discursos e valores de gênero como elementos construtivos dos processos sociais (Araújo, 2010, p. 66).

[...] os processos de transformação do gênero, exemplificados no caso das travestis e suas construções corporais, contribuem para ampliar a compreensão dos processos culturais de construção do corpo, do gênero e da sexualidade (Benedetti, 2011, p. 33).

Bento (2016), ser travesti é uma construção identidade que se encontra no campo de gênero e suscita conflitos para ordem dicotomizada e naturalizada do gênero, ou seja, as travestis são pessoas nascidas do sexo biológico masculino, no entanto, procuram ao máximo adequarem seu corpo com o gênero feminino. A sua identidade parte do princípio de como a pessoa se vê e se sente na sociedade.

A travestilidade era considerada uma distúrbio sexual e transtorno de gênero pelo Código Internacional de Doenças (CID-10), que considerava que o devido nome para essas pessoas seria travestismo, sendo o sufixo “ismo” utilizado pela medicina para caracterizar doença, neste caso, transtorno sexual. Isto designa o fato de considerarem uma anormalidade as travestis usarem vestimentas do sexo oposto e consequentemente classificam como uma perturbação mental pelo anseio de se comportarem como o outro sexo (Leite, 2013).

Navas (2011), descreve historicamente experiências de “transformações de género” são encontradas desde o século XVIII, pois informações encontradas sobre algumas comunidades da América do Norte no século XX mostram que indivíduos.

[...] que “nascidos homens” passavam a adotar vestimentas e comportamentos femininos e executavam tarefas e atividades nitidamente destinadas às mulheres e praticavam sexo com homens, geralmente no papel passivo. Esses indivíduos eram reconhecidos como pertencentes ao género feminino e desfrutavam de papéis legítimos, e, às vezes, específicos nas culturas em que viviam (Benedetti, 1999 cit in Navas, 2011).

Leite (2013) complementa que, na história do Brasil, pessoas que transitam entre os géneros [...] são encontradas e registradas desde os tempos do descobrimento da colônia, seja entre os indígenas, os negros trazidos como escravos, ou na variada população dos centros urbanos do século XVIII e XIX.

Essas pessoas no caso das travestis se identificam com a identidade de género feminina, promovendo transformações através de cirurgias plásticas, tratamentos hormonais, próteses, entre outros, no entanto, não cogitam realizar a cirurgia de mudança de sexo (Navas, 2011). Essa transformação do corpo tem como propósito adequar o próprio corpo à categoria de género com que se identifica a travesti sexualmente.

Antunes (2010), evidencia-se que as travestis vivem numa zona extrema entre o género feminino e o masculino, em que não se pode afirmar que são totalmente do universo masculino e tampouco do universo feminino, sendo que as mesmas propõem a ruptura dos padrões culturais construídos socialmente acerca do que significa ser homem e ser mulher viabilizados pela heteronormatividade.

A maior parte das travestis não se iguala às mulheres. Nem deseja isso. Elas sabem que são travestis e constituem seus corpos travestis a partir de seus corpos biológicos masculinos. Travestis em geral vivem transitando constantemente entre aquilo que foi denominado de características femininas e aquilo que foi denominado de características masculinas (Antunes, 2010).

Silva (2013), defende que os modelo padronizados de heteronormatividade são considerados pelo casamento, o sexo e a família devem ser concebidos, conforme o citado convencional, apenas entre pessoas do sexo e género opostos. A partir desta concepção autoritária, evidenciam-se relações de poder entre as diversas formas de sexualidade e também o que é ensinado e julgado por género e diversidade. Posto isto, na hierarquia onde ficam realçadas as diversas formas de preconceito e desrespeito à diversidade sexual entre os sujeitos do mesmo sexo.

Antunes (2010), comenta que essa forma de pensar as questões de gênero foi socialmente construída por meio de influência das normas religiosas, médicas, políticas e jurídicas. Colocando assim, quem nasceu com um pênis, por exemplo, só poderá desenvolver determinada forma de ser homem e macho.

Assim, as travestis subvertem essas normas habituais sobre o que foi denominado de gênero sexual e o modelo de gênero que obedece a uma lógica de imposição (Butler, 2002, cit in Antunes, 2010). A partir da identificação dessa lógica, a intenção é entender como a sociedade se constituiu para alcançar seus objetivos e quais as normas de decorrências que tal estrutura ou cultura acarreta para aqueles sujeitos que são considerados subversivos às normas vigentes convencionais.

Segundo Butler (2002 cit in Antunes, 2010), o modelo convencional é socialmente legitimado como a única forma sexualmente correta e saudável, as pessoas que se encaixam neste modelo têm sua vivência visível e aceita pelos demais. Este modelo estabelece que o sexo deve definir gênero, prática sexual e desejo, dessa forma, o gênero é entendido como uma modalidade de regulação de uma identidade naturalizada.

Segundo a pesquisadora Rubin, a partir deste sistema organizacional, cria-se uma pirâmide valorativa em que se destacam as seguintes divisões, no topo está a sexualidade considerada boa, normal, natural e abençoada pela religião, ou seja, heterossexual, conjugal, monogâmica, procriadora, [...] mesma classe social e étnica. Na base da pirâmide estão os excluídos, sexualidade considerada má, anormal, patológica, não natural e condenável, ou seja, homossexual solteiro, fora do casamento, em pecado, promíscua, não pro-criativa, comercial, sozinho ou em grupo, ocasional ou compulsiva, [...] transexuais e travestis (Rubin, 1999, cit in Antunes, 2010).

Portanto as travestis estão na base da pirâmide, portanto são consideradas “anormais”, “diferentes”, “esquisitas”, “aberrações” entre outras e passam a ser marginalizadas, ignoradas e perseguidas Araújo (2010), relata que isto se faz pela convencionalidade de ser hétero e não homo, bi ou tri sexual, que cria a concepção de que os seres humanos incidem exclusivamente em duas distintas divisões que se complementam, macho e fêmea, masculino e feminino, homem e mulher, desta forma, os relacionamentos sexuais e familiares são aceitos unicamente entre pessoas de sexos distintos.

A criação de sujeitos normais e naturais pelas estruturas sociais acaba estabelecendo espaços de violência social contra aqueles que são considerados anormais, perversos e idolatras (Bento, 2016).

Desta forma, a travesti não está em conformidade com o modelo heteronormativo, pois, segundo tais normas, a travesti não atende as regras estipuladas e logo são consideradas a sujeitos invisíveis. Como bem observa Antunes (2010), consequentemente este processo normatizador acaba produzindo indivíduos mais humanos e menos humanos.

Tais normas organizam e justificam hierarquias, [...] privilégios, visibilidades, e legislações que ditam quais vidas “devem” continuar existindo e quais devem ser “banidas” (Benedetti, 2011).

A partir do exposto, podemos analisar que este modelo de padrão socialmente imposto desqualifica as pessoas de muitas maneiras, no caso da travesti, ele contribui para sua vulnerabilidade social. Pois, concordando com Oliveira (2014), A experiência de constituir-se fora da heteronormatividade é marcada pela subalternidade, pois emerge de campo de hostilidades, de discriminações, de violência física, de interiorizações diversas.

Devido a sua “diferença”, ela é posta às margens da sociedade ou até mesmo fora do universo comum dos humanos (Antunes, 2010), pois, de acordo com Borrillo (2012), isso se dá pelo meio da homofobia, sendo esta uma maneira de manifestação do sexíssimo, que logo aparece como subsídio fundamental do regime binário de sexualidade.

Borrillo (2012) continua argumentando que o princípio heteronormativo funciona como um mecanismo de reprodução da ordem social e que a homofobia, em seu sentido estrito¹¹, “torna-se, assim, uma guardiã das fronteiras sexuais (hétero e homo) e de gênero (masculino e feminino)” (Benedetti, 2011), pois todos os que não adotam este modelo, “são marginalizados e silenciados por uma sexualidade considerada incompleta ou secundária”

2.4 Homofobia e transfobia

Segundo Mott et al (2015)¹², o termo homofobia foi usado pela primeira vez em 1972 nos Estados Unidos e ingressou no Brasil em 1984, pelo Grupo Gay da Bahia. Tal termo, conforme Borrillo (2012), é usado para denunciar atitudes de hostilidade, rejeição, ato irracional e ódio em relação à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), servindo assim, para desqualificar, inferiorizar ou até mesmo desumanizar o outro, como se o ser humano não existisse.

¹¹ Segundo Borrillo (2012), neste conceito estão inseridas a lesbofobia, a homofobia, bifobia e a transfobia, ou seja, LGBT fobia. E, para melhor compreensão do presente estudo, será usado o termo homofobia também quando se referir a transfobia.

¹² Luiz Mott, antropólogo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e criador e presidente do Grupo Gay da Bahia (Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2015).

A pessoa homofóbica, descrimina o movimento LGBT, esse tipo de atitude vem se agravando a cada ano, com assassinatos e agressões. Como informa o Relatório sobre violência homofóbica produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)¹³ no ano de 2014, o Brasil lidera o ranking mundial de crimes cometidos por ódio contra a população LGBT, apenas nos anos 2010 a 2014 foram documentados 1.249 assassinatos, equivalente a 310 por ano.

Pela primeira vez no Brasil a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) se mobilizou e passou periodicamente a produzir números oficiais sobre o assunto, tendo o seu primeiro Relatório sobre violência homofóbica construído com dados de 2010 publicado em 2011 e dados de 2011 publicado em 2018 (BRASIL, 2018).

Segundo o Relatório publicado em 2011 pela Secretaria de Direitos Humanos SDH/PR, as travestis foram as mais vitimadas, chegando a sofrer 50,5% do total, e no ano seguinte 51,68% das violações recebidas (Brasil, 2018). Os dados denunciam o fato vivenciado pelas travestis na sociedade brasileira e comprovam a perpetuação dos preconceitos e discriminações em razão de sua identidade de gênero.

Conforme Borrillo (2012), a homofobia é uma forma de interiorização causada a partir da hierarquização das sexualidades que concede à heterossexualidade um lugar privilegiado em relação aos demais.

Portanto a homofobia é um fenómeno abstruso e variado, podendo vislumbrar em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo [...] pode revestir-se também de formas mais brutais, chegando inclusive à extermínio, [...] e toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar a uma diferença: ela é interpretada e evidenciam com as conclusões dos materiais (Sales, 2018, p. 47).

Dessa forma, com base na análise do autor, é possível deduzir que as travestis são responsabilizadas pelo que a sociedade conservadora considera um pecado e, conseqüentemente, por sua condenação moral, uma vez que seus atos sexuais e afetivos são considerados quase como crimes (Ramalho, 2015, p. 34).

Moral segundo a ética quer dizer honesto, imoral desonesto, quer dizer, que opção sexual tem a ver com conduta moral? Posso ser o que eu quiser, homem ou mulher, E isso não interfere no meu caráter e, em minha conduta moral, a opção de sexo não te transforma num ser pervertido, como pode um ser humano criticar outro por sua opção? E nem sabe distinguir imoral de perversão (Jayme, 2001, cit in Carneiro, 2018).

¹³ Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>. Acesso em 07.02.2018.

Borrillo (2012), aponta a homofobia como um fenómeno, que, por conseguinte, é uma manifestação do sexíssimo¹⁴ que viabiliza a superioridade de um género sobre o outro. Consequentemente, este modo de dominação é compreendido como consequência de uma organização que busca empoderamento é a ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis, voltados a heterossexualidade com o privilégio da normalidade.

Araújo (2010), seguindo esse pensamento, em que a homofobia é uma das expressões da “questão social¹⁵”, uma vez que está produz diversidade e resulta em atitudes como: discriminação, violência e exclusão constitutivas da forma corriqueira de intimidar e inferiorizar o outro por conta de sua orientação sexual ou identidade de género.

Nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de “vigilância do género”, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas na rejeição à homossexualidade de cada indivíduo (Barbosa, 2010).

Pode-se observar na análise do autor, que a homofobia deixa cicatrizes em todos os sujeitos que escapam da heteronormatividade, além dos homossexuais e das travestis, também naquelas mulheres que não correspondem à definição de feminilidade e nos homens que fogem de papéis determinados. Dessa forma, toda oposição à heteronorma acarreta suspeita de homossexualidade, sendo que este também sofrerá preconceito por ter sua identidade questionada (Borrillo, 2012).

2.5 Preconceito e discriminação como factor da exclusão social

Desde o início da década de 1980, observa-se no Brasil um fortalecimento do movimento LGBT no que tange à conquista de direitos humanos e sociais. A história do movimento LGBT tem sido marcada por uma longa trajetória de lutas contra o preconceito e a

¹⁴ Segundo Borrillo (2012), o sexíssimo é uma ideologia que estabelece a hierarquia entre masculino e feminino como igualmente entre as sexualidades.

¹⁵ Segundo Yamamoto (2012), a questão social nada mais é do que a classe operária organizada em contradição antagonica com a burguesia. Segundo Netto (2003) (Cit. in Behring, Boschett, 2011), a questão social se expressa em suas múltiplas refrações, ou seja, são fenómenos que incidem sobre uma interface produzindo desigualdades. Nesta pesquisa utilizaremos a categoria de género para análise das expressões da questão social, pois entendemos que não só o confronto entre capital trabalho, mas, a desigualdade entre os géneros também efetivamente causa a exclusão e produz fenómenos sociais.

discriminação. Visto que não representam o padrão heteronormativo da sociedade brasileira, as pessoas LGBT têm vivenciado, historicamente, situações de exclusão social, como evasão escolar, violência e desemprego (Navas, 2011).

Rios (2012) relata que preconceito e discriminação são termos utilizados para distinguir diversos fenómenos, sendo o preconceito resultante das apreensões mentais negativas em prol de sujeitos e de grupos socialmente diminuídos e a discriminação a materialização do preconceito no âmbito das relações sociais motivadas pelos costumes discricionários dos comportamentos, produzindo, entre outros, violações de direitos de indivíduos ou grupos.

Preconceito é o termo utilizado, de modo geral, para indicar a existência de percepções negativas por parte de indivíduos e grupos, quando estes expressam, de diferentes maneiras e intensidades, juízos desfavoráveis em face de outros indivíduos e grupos, dado o pertencimento ou a identificação destes a uma categoria tida como inferior (Rios, 2012).

As percepções de irracionalidade, autoritarismo, ignorância e pouco interesse de conhecer e conviver com os grupos inferiorizados, por parte de indivíduos pertencentes a outros agrupamentos, como racial, sexual, religioso e étnico (Sales, 2018). Considerando as especificidades das relações de poder entre os grupos sexuais (heterossexualidade sobre a homossexualidade), notam-se atitudes negativas e pejorativas, bem como comportamentos hostis e discernimentos em relação aos membros de um grupo por parte do outro grupo.

Segundo Rios (2012), os termos preconceito e discriminação são temas pesquisados a partir do final da II Segunda Guerra por intervenções sociais referentes ao antissemitismo¹⁶, racismo¹⁷ e sexíssimo, enquanto preconceito, agressão e discriminação à orientação sexual ou identidade de gênero passaram a merecer atenção somente nos últimos anos.

Para compreensão deste fenómeno sobre preconceito e discriminação à orientação sexual ou identidade de género, associa-se a um conjunto de ocorrências de modo como pretende-se explicar a origem e reprodução deste processo pela valorização da diferenciação sexual e atribuição de identidade de género binário, fundamento do sexíssimo (Rios, 2012).

Considerando as características da modernidade ocidental e as especificidades destas manifestações, foram-lhes relacionados contextos próprios, cuja presença aponta para a sua propulsão e reprodução. Assim, respectivamente, ao antissemitismo relacionou-se a emergência dos totalitarismos; ao racismo, os desdobramentos da escravidão ao sexismo, a estrutura familiar patriarcal (Ferreira, 2014).

¹⁶ Antissemitismo: preconceito contra os judeus, ocorrido na época da Segunda Guerra (Rios, 2012).

¹⁷ Segundo Rios (2012), é a superioridade de uma raça sobre a outra, correntemente é fundamentada na cor da pele.

Portanto, as redes sociais e políticas produzidas diante deste acontecimento, confrontaram-se aos discursos religiosos, uma vez que este defende a família tradicional homem x mulher. Consequentemente, através da defesa das normas heteronormativo reafirmadas pelas raízes culturais e políticas, manifesta-se o fenômeno do preconceito e discriminação (Rios, 2012).

[...] o termo “heterossexismo” é apontado como mais adequado, disputando a preferência com o termo “homofobia”, para designar a discriminação experimentada por homossexuais e por todos aqueles que desafiam a heterossexualidade como parâmetro de normalidade em nossas sociedades (Amaral, 2015).

De todo modo, a discriminação sustenta-se a partir de condutas e práticas discriminatórias destinadas a um certo grupo de indivíduos dirigindo-se às causas e às origens. No caso da homofobia, é pelo fato de ainda continuarem impondo à homossexualidade uma natureza doentia e/ou condição de inferioridade em relação à heterossexualidade (Rios, 2012).

Segundo Michel Dorais (2001) cit in Amaral, 2015), [...] a pesquisa das causas psíquicas da homossexualidade constitui, em si mesma, manifestação preconceituosa e discriminatória, por pressupor a existência de uma sexualidade normal de cada pessoa (a heterossexualidade), parâmetro pelo qual as demais expressões da sexualidade serão interpretadas e valoradas.

Isso deixa claro que o preconceito e a discriminação contra esta população são elementos construídos pelos sujeitos num determinado contexto histórico, a fim de resguardar uma única forma de sexualidade (heterossexualidade) considerada entre seus membros a única “correta e saudável” (Moirá, 2015, 56), [...] a compreensão do preconceito e da discriminação sofridos por homossexuais a partir da noção de fobia tem como elemento central as dinâmicas individuais experimentadas pelos sujeitos e presentes em sua socialização (Sales, 2018).

Esta dinâmica é viabilizada pela norma heteronormativo, pela qual vai se instituindo um sistema determinante “como norma social, político, econômico e jurídico” (Ferreira, 2014) indiferentemente de se apresentarem de modo explícito ou implícito, pois, uma vez que é determinado e institucionalizado, passa a manifestar-se nas instituições e organizações sociais, como igreja, escola, família, trabalho, enfim, na sociedade como um todo.

Araújo (2010), dessa forma, evidencia-se a supremacia de direitos apenas para aqueles que aderirem a tal norma, restando para os demais (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) apenas o preconceito, a discriminação, a opressão, a exclusão.

Esta abordagem tratou sobre as diferentes formas de abordagem e compreensão sobre o universo de pessoas travestis, afastando-nos do senso comum de que as travestis são pessoas marginalizadas. Assim, levando em consideração que travesti é uma identidade marginalizada,

realizamos o estudo a partir de uma análise histórica de como a sociedade se organizou em torno da sexualidade.

Jimenez (2018), durante o desenvolvimento do trabalho abordamos que o sexo não define a identidade e tampouco a orientação sexual, e que gênero é uma construção social, o que foi debatido na fundamentação teórica através da categoria gênero como categoria de análise.

Ferreira (2014), comenta que a categoria gênero é ressaltado da capacidade efetiva de identificar a desigualdade construída sobre as contestações percebidas entre os sexos. E partir dessas diferenças, que são construídos os documentos sociais para cada um, e por meio destes, estabeleceram as relações de poder.

Sales (2018), esses laços de poder, decorrentes da hierarquia dos sexos (sexismo), resultaram em construções sociais de papéis e padrões para cada sexo, que foram sendo reproduzidos e transferidos de geração em geração em diferentes sociedades.

Moira (2015), depois de padronizar os sexos e classificá-los em homem e mulher criaram-se normas de gênero, cujo modelo estabelece que o sexo deva definir gênero, prática sexual e desejo, e, dessa forma, o gênero é entendido como modalidade de regulação de uma identidade naturalizada, em que, segundo a heteronormatividade, não pode haver outra legítima, pois os considera como os únicos sujeitos “normais e naturais”. Em contrapartida, a partir da construção do sujeito “normal” cria-se o sujeito “anormal”, o que contribuiu para construir espaços de violência social para aqueles que não aderiram a esse modelo. Vale lembrar aqui da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) que não atende os papéis, padrões e normas impostos. Logo, considerada como “anormais” são discriminados, excluídos e muitas vezes desumanizados por transgredir essas normas.

Segundo pesquisas sobre discriminação homo e transfobia realizadas no Brasil pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, as travestis e as mulheres transexuais são as mais discriminadas (Brasil, 2018), o que se relaciona ao fato de que as travestis são pessoas que não se encaixam totalmente no modelo de mulher e tão pouco de homem, dessa forma elas propõem rupturas dos padrões binários. De tal modo, são vistas como “aberrações”, pessoas não humanas que causam estranheza por serem consideradas homens que se vestem e se comportam como mulheres.

Ferreira (2014), comenta que devido sua diferença e oposição ao modelo imposto, as travestis são marginalizadas e silenciadas, por que sua identidade é vista como imprópria e inadequada. Imediatamente, o mecanismo de reprodução da ordem social viabilizado pela transfobia entra em cena para resguardar as fronteiras sexuais do gênero masculino e feminino.

Moira (2015), explana que a transfobia é a fobia para além da orientação sexual e da identidade de género, é a aversão sobre as demais identidades de género que não sigam a combinação do padrão das categorias sexo e género, homem e mulher.

Esse fenómeno, se constitui do preconceito fundado nas raízes culturais defendidas pelo modelo tradicional (heteronormativo) de homem/mulher. Os preconceitos são percepções negativas e precipitadas que um determinado ser, indivíduo ou grupo cria em face das diferenças do outro, o que é materializado pela discriminação. Ou seja, é uma forma corriqueira de tomar atitudes negativas, pejorativas e constituir comportamentos hostis (Araújo, 2010).

No caso das travestis, esse fenómeno da transfobia está presente em sua socialização, pois o modelo dominante em tal sociedade institui um sistema determinante como norma social em diferentes espaços como na igreja, na família, na escola, no trabalho, enfim, na sociedade como um todo (Sales, 2018).

A travesti é discriminada por três motivos: pelo facto de ela ter nascida do sexo biológico masculino e não assumir padrões socialmente determinados para homens, deste modo, transgredindo as normas de género; por se identificar e assumir papéis femininos numa sociedade sexista que inferioriza tal género; pelos estereótipos relacionados diretamente à travestilidade (Teixeira, 2013).

Isto posto, podemos perceber através dos textos que as travestis foram e são vítimas do modelo heteronormativo hegemónico, o qual não aceita questionamentos de suas normas e tampouco aceita a diversidade humana. Por isso, observamos que para construir uma sociedade livre de preconceitos devemos nos desprender das normas impostas pelas categorias sexo/género e reconhecer a diversidade humana (Garcia, 2017).

Pensamos que a construção de uma sociedade que respeita a diversidade humana ocorre em articulação com movimentos sociais que almejam o mesmo objetivo. Sabemos que, historicamente, a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) foram discriminados e que até o presente momento não se concretizou a criação de uma que proíba e puna tal barbárie. O que está significativamente relacionado a uma camada conservadora que impede a criação e aprovação de uma lei que proteja pessoas que estão fora do modelo tradicional de família. Assim, ainda que assegurado constitucionalmente que o Estado é laico, e que esses grupos usam dos dogmas de uma religião para impedir que a diversidade sexual seja protegida, nesse aspecto que se torna ilegal a vida de pessoas não convencionais (Louro, 1997, cit in Moira, 2015).

No Brasil, o Estado Democrático de direito dispõe em seu art. 3º, IV: “promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de

discriminação” (Brasil, 1988). Muito embora ninguém deveria ser discriminado e que o Estado deva implantar mecanismos para defender o exercício da cidadania de todos e todas.

Faz necessário, ainda, a criação programas específicos para dar condições à população travesti para terem um vida digna, os fenômenos que rondam a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), em especial das travestis, chegamos à conclusão que deve ser aprofundado esse estudo e discutido no âmbito do Serviço Social, uma vez que temos os princípios do Código de Ética do Assistente Social, que no exercício profissional, o mesmo deve “empenhar-se na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (Sales, 2018).

O Conselho Federal de Serviço Social do Brasil regulamentou esse princípio por meio da Resolução 489/06, vedando no exercício profissional do assistente social qualquer conduta discriminatória ou preconceituosa contra as pessoas LGBT, bem como lançou uma campanha no mesmo ano pela Liberdade de Orientação e Expressão Sexual, demonstrando que a categoria profissional dos assistentes sociais está envolvida na luta e no apoio ao Movimento LGBT em suas reivindicações.

Sendo assim, a categoria profissional dos assistentes sociais deve ter clareza das consequências da discriminação a que está sujeita a população LGBT, defendendo a diversidade sexual para que possa fazer um trabalho socioeducativo adequado numa sociedade que reproduz a heteronormatividade e impede que a população LGBT tenha acesso aos direitos.

2.6 Travesti, exclusão social e violência

Pese embora as principais características que deram origem à diferenciação da primeira e segunda vaga estar associada, às posições que os imigrantes de origem brasileira ocupam no mercado de trabalho e das qualificações, a verdade é que essa demarcação reflete, desde logo, um contingente populacional demograficamente diferente.

Reconhecendo novamente as limitações das estatísticas disponíveis, se traça aqui algumas das principais linhas que ajudam a esboçar o retrato geral desta população. Um retrato que tem vindo a ser traçado desde 1980, década que, como vimos, marca o início do movimento dos fluxos brasileiros para Portugal, mas cujos dados até 2011, à semelhança do que aconteceu para o contingente geral da população estrangeira, só conhecemos através dos Recenseamentos

Gerais da População, onde a violência vem ganhando importância e preocupação dos mais variados setores da sociedade, é inegável que vivemos dias difíceis, a violência em toda sua plenitude tem envolvido grande parte da sociedade mundial. No Brasil, a violência tem feito milhares de vítimas, fazendo do Brasil um dos países recordistas em desrespeito à cidadania e violação dos direitos humanos (Moirá, 2015).

Através dessas constatações, acrescenta Ramos (in Peres, 2015), a violência vem associada de uma malha complexa de preconceitos e discriminações que são reconhecidas nas manchetes sensacionalistas de muitos jornais e programas de televisão. A autora lembra ainda que essa vitimização também é encontrada em denúncias de violência contra as travestis (violência de gênero), os negros (violência racial) e outras minorias que vêm se organizando no combate de toda forma de intolerância e discriminação.

No caso das travestis, ocorrem verdadeiras atrocidades contra a cidadania das travestis, que vão desde agressões físicas e letais até discriminações que impedem o acesso à escola, ao trabalho e ao lazer, comprometendo a própria dignidade das travestis que como último recurso, se aproximam da prostituição como modo de sobrevivência (Peres, 2015).

Pensamos que a construção de uma sociedade que respeita a diversidade humana ocorre em articulação com movimentos sociais que almejam o mesmo objetivo. Sabemos que, historicamente, a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) foram discriminados e que até o presente momento, no Brasil não se concretizou a criação de uma lei que proíba e puna tal barbárie.

O que está significativamente relacionado a uma camada conservadora que impede a criação e aprovação de leis que proteja pessoas que estão fora do modelo tradicional de família. Assim, ainda que assegurado constitucionalmente que o Estado é laico, percebe-se que esses grupos usam dos dogmas de uma religião para impedir que a diversidade sexual seja protegida.

No Brasil, o Estado Democrático de direito dispõe em seu art. 3º, IV: “promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Moirá, 2015). Logo, entendemos que ninguém deve ser discriminado e que o Estado deva implantar mecanismos para defender o exercício da cidadania de todos e todas.

Faz necessário, ainda, a criação de programas sociais específicos para dar condições à população de travesti para terem uma vida digna (Sales, 2018).

A partir da problemática levantada neste trabalho sobre os fenômenos que rondam a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), em especial das travestis, chegamos à conclusão que deve ser aprofundado esse estudo e discutido no âmbito do Serviço Social, uma vez que temos os princípios do Código de Ética do Assistente Social, que

no exercício profissional, o mesmo deve “empenhar-se na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (Ferreira, 2014).

O Conselho Federal de Serviço Social do Brasil regulamentou esse princípio por meio da Resolução 489/06, vedando no exercício profissional do assistente social qualquer conduta discriminatória ou preconceituosa contra as pessoas LGBT, bem como lançou uma campanha no mesmo ano pela Liberdade de Orientação e Expressão Sexual, demonstrando que a categoria profissional dos assistentes sociais está envolvida na luta e no apoio ao Movimento LGBT em suas reivindicações.

Sendo assim, a categoria profissional dos assistentes sociais deve ter clareza das consequências da discriminação a que está sujeita a população LGBT, defendendo a diversidade sexual para que possa fazer um trabalho socioeducativo adequado numa sociedade que reproduz a heteronormatividade e impede que a população LGBT tenha acesso aos direitos.

2.7 Imigração dos brasileiros para Portugal

A análise da dimensão da imigração dos brasileiros para Portugal em que o Brasil se torna um território crescentemente repulsivo, a explicação das razões de Portugal como país de destino para milhares de brasileiros prende-se com quatro teses fundamentais que Padilla (2012) sintetiza a propósito do movimento mais vasto da América Latina para países europeus, particularmente do Sul.

Desde logo, prende-se com as relações históricas que ligam os dois países, quer enquanto colónia (tese dos laços coloniais), quer enquanto país receptor de emigrantes portugueses (tese dos laços da imigração de regresso), pelo que aparece como não estranho que os brasileiros ingressem agora num movimento de contracorrente.

De forma quantitativamente menos evidente, mas complementar, reconhece-se ainda o facto de Portugal ter recebido exilados políticos durante o período ditatorial brasileiro (tese dos laços provocados pelo exílio). Finalmente, mais recentemente, a “supra-tese da globalização” associada à mobilidade de capital e investimento estrangeiro, facilidade dos meios de comunicação, transportes e abaratação do turismo, tem também facilitado a “brasilianização” dos fluxos para Portugal. A esta “supra-tese”, Padilla (2012), agrega ainda duas subteses: a subtese do mercado de trabalho, não apenas associado às condições repulsivas

do país de origem, mas também associada às próprias características do mercado de trabalho receptor; e a subtese das redes sociais, na medida que, a existência de comunidades já instaladas potencia a decisão de imigrar num mesmo sentido, uma vez que reduzem os custos da chegada.

Razões às quais Peixoto (2018) acrescenta, ainda para o caso específico de Portugal e Brasil, o fato de este servir de “porta” de entrada para a Europa, a afinidade linguística e expectativa de semelhança cultural e, mais recentemente, a não necessidade de vistos de curta duração e a expectativa de fácil legalização nomeadamente através dos processos de regularização extraordinários e do “Acordo Lula”.

Tendo começado em meados dos anos oitenta como um movimento limitado de profissionais qualificados, hoje em dia a imigração de brasileiros para Portugal transformouse no maior fluxo de imigração estrangeira no país (Bento, 2016).

Para percebermos este primeiro salto, de apenas seiscentos e onze indivíduos de nacionalidade brasileira, em 1960, passamos para pouco mais do dobro dez anos depois (1,330 indivíduos em 1970) e quase sextuplicamos os números iniciais para 3,608 indivíduos em 1980. Apesar deste contingente populacional ter vindo a crescer de forma contínua (exceção apenas para o ano de 1969), de facto, a década de setenta, particularmente a partir da revolução dos cravos de 1974, começou a vincar uma mudança que se concretiza em meados dos anos oitenta e que remete para o reconhecimento estabelecido de um fluxo (Jimenes, 2018).

Obviamente, se nos deslocarmos duas décadas antes, até aos anos sessenta como mostra a figura 2, existem já registos quantitativos de brasileiros a residir legalmente em Portugal, mas ainda inexpressivos (Lima, 2016).

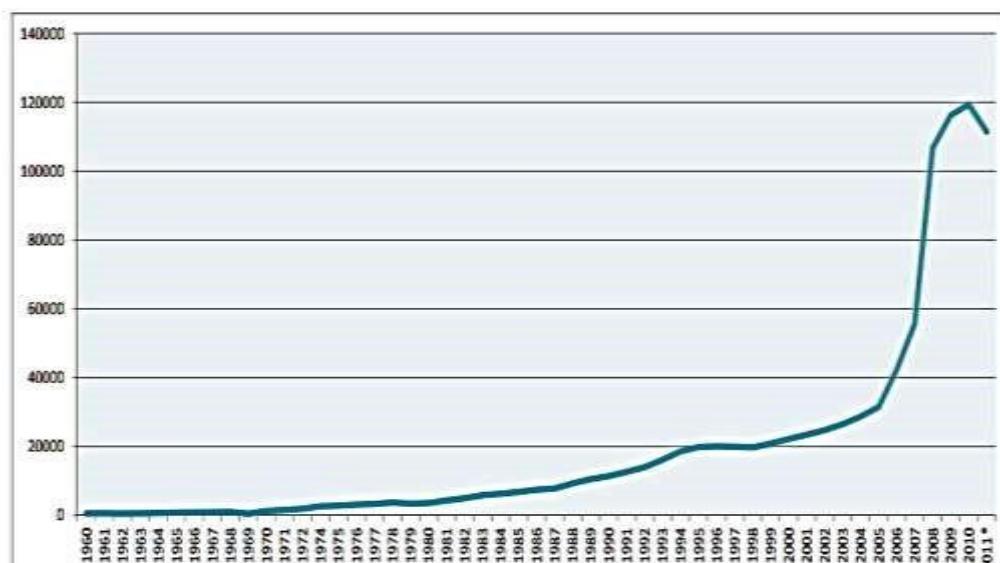


Figura 1 - População Brasileira em Portugal com estatuto legal de residente, entre 1960 e 2011.
Fonte: SEF, dados disponíveis em Pordata, 2015.

Todavia, se do ponto de vista simbólico assinalamos este primeiro marco temporal, do ponto de vista estritamente quantitativo, continuamos a referir-nos a um contingente que representava, em 1980, apenas 16,3% da população brasileira residente. Padilla (2012), por outro lado, em termos relativos, o peso da imigração brasileira entre 1960 e 1980 foi minorado pelo crescimento dos imigrantes de origem africana, fortemente intensificado após o período de descolonização, assim, apesar do padrão de crescimento contínuo, e à semelhança de outros fluxos migratórios, é apenas a partir de finais dos anos noventa que o grupo de imigrantes brasileiros vai registando os aumentos mais significativos. Lima (2016), lança um olhar mais atento aos dados da última década como ilustra a figura 3.

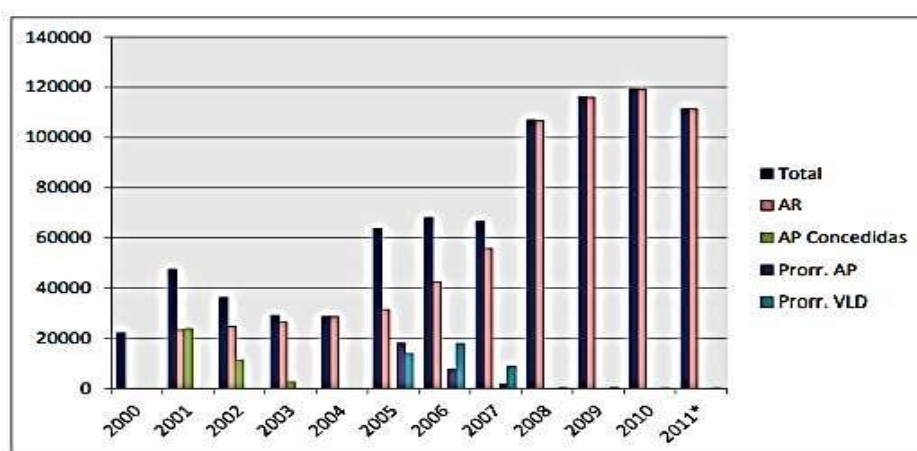


Figura 2 - Estrangeiros de nacionalidade brasileira a residir ou a permanecer em Portugal.
Fonte: SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras 2015.

A aceleração das entradas de imigrantes brasileiros em território nacional é muito significativa, mas os contornos de que se reveste são igualmente muito relevantes. A criação da figura jurídica da Autorização de Permanência (AP) em 2001 revelou, desde logo, muitas imigrantes brasileiras que se encontrava em situação ilegal. No total, entre 2001 e 2004, foram concedidas um total de 37 951 AP a estrangeiros de nacionalidade brasileira (o segundo maior grupo a beneficiar deste estatuto depois dos ucranianos) que se encontravam em situação irregular, mas com contratos de trabalho válidos, pelo que puderam através da AP regularizar a sua situação.

No entanto, uma vez que à data 31 de outubro de 2001 foi definida como data limite de entrada em Portugal para efeitos de concessão de AP, não é de estranhar que estas tenham vindo a desaparecer no ano de 2015 – ano em que são disponibilizados os primeiros dados sobre o total das AP prorrogadas (18 132) e ainda antes das primeiras AP poderem ser transformadas em Autorização de Residência 25 (AR). Não sendo, por isso, possível avaliar a evolução da prorrogação anual no período entre 2001 e 2004, com base em dados do SEF/INE, Peixoto (2018) calcula em cerca de 48% a proporção de todas as AP que permanecem válidas em 2015, pelo que os restantes 52% serão situações de indivíduos que abandonaram o país ou caíram novamente em situação irregular (Berkins, 2013).

Entretanto, em 2015 aparecem também os primeiros dados sobre Prorrogações de Vistos de Longa Duração (Pror. VLD), correspondendo a sua maioria a vistos de trabalho (8 358), nomeadamente concedidos ao abrigo do Acordo bilateral Brasil Portugal ou, como mais conhecido, ao abrigo do “Acordo Lula”

Acordo que permitiu a obtenção de um visto de trabalho aos imigrantes brasileiros não legalizados e que haviam entrado em Portugal até 11 de julho de 2013, situação que à semelhança da figura de AP, funcionou como um novo processo de regularização extraordinário. Dados que, ainda assim, Peixoto (2018) considera deverem estar subavaliados, na medida que, observando o mercado de trabalho português, o autor reconhece a informalidade e a irregularidade como características endémicas ao seu funcionamento e que atingem particularmente a população de nacionalidade estrangeira (Peixoto, 2018). De forma a corroborar isso mesmo, Peixoto sublinha que “o grande aumento recente do montante de remessas permite, de facto, pensar que a realidade é claramente superior às estimativas oficiais” (Araújo, 2010).

A partir de 2016, evidencia-se sobretudo o crescente aumento das AR e que estará relacionado, ainda no ano de 2016, com a transformação das AP obtidas em 2001; mas também, a partir de 2018, com a conversão das Prorr. VLD em títulos de residência e um crescente

número de emissões de AR ao abrigo dos regimes excecionais previstos na nova lei de estrangeiros (Lei n.º 23/2018), nomeadamente ao abrigo do n.º 2 do artigo 88.º.

A da nova lei de estrangeiros, juntamente com regime excecional sobre contratação recíproca de nacionais decorrentes do Acordo Luso-Brasileiro, esteve ainda na origem do decréscimo das Prorr. AP. Como o próprio SEF reconhece, de um modo geral, assistiu-se com a nova lei “à agilização dos procedimentos para concessão de título de residência, passando este a englobar várias categorias, de acordo com o motivo que justificou a sua concessão (e não a desagregação por tipologia de visto, tal como vigorava na legislação anterior)” (SEF, 2015).

Em 2015, com a estabilização da aplicação da nova lei de estrangeiros, mas também em virtude da alteração da metodologia estatística (com a informação a passar a ser extraída exclusivamente a partir do sistema (SIISEF), o SEF considera ter-se iniciado uma nova etapa nos ciclos imigratórios para Portugal, sobretudo devido às alterações estatísticas de contabilização da população estrangeira.

Nesta altura, ao contrário do que, para alguns, seria expectável e das tendências seguidas pelos demais grupos migratórios sobretudo oriundos da Europa de Leste (cujos picos de entradas foram atingidos entre (2010 e 2013), o fluxo de brasileiros continuou a perpetuar o aumento da imigração para Portugal mesmo com a crise económica e financeira que se agravou no país. Uma característica singular que atribui a este fluxo especificidade no panorama português e parece revelar que este fluxo, ao contrário do que se tinha revelado até então, não é só um reflexo da falta de oportunidades no Brasil, de outra forma os mesmos teriam diminuído a partir de 2016 quando o Brasil entra num processo de crescimento.

A este propósito, por exemplo, Peixoto (2018) e Louro (2018), apontavam ainda os períodos de maior aceleração ou abrandamento nos fluxos como “relacionados com os períodos de oscilação na economia brasileira, que alcançou relativa estabilidade nos primeiros anos do Plano Real [iniciado em 1994], mas voltou a apresentar sintomas de fragilidade, a partir do segundo semestre de 2010, como reflexo da crise cambial” (Bógus et al, 2018).

Ou seja, o que parece acontecer mais recentemente é que, como sustentam Carneiro et al (2018), pelo menos em parte, o processo de reunião familiar continuará a sustentar este movimento na próxima década. Tem que ver com as redes de relações e o problema da segurança ontológica de que nos fala Pires (2013), que promove, tendencialmente, que os indivíduos migrem do conhecido para o menos desconhecido, para a qual muito contribui a rotinização dos fluxos migratórios.

O que, por outro lado, não invalida reconhecer que o agravar da crise económico financeira portuguesa, as melhores condições da economia brasileira, a valorização do Real e o endurecimento das políticas migratórias nos países de destino e da legislação de controlo no

país de origem, potenciem uma desaceleração deste fluxo (Carneiro et al., 2018), como parece acontecer em 2011. Um decréscimo que, contudo, deve ter, mais uma vez, uma leitura moderada devido à sua recente constatação. Até porque, sem esquecer a diminuição dos fluxos de entrada, visível através da diminuição das emissões de primeiros títulos de residência (16 165 em 2010; 12 896 em 2011), o crescente acesso à nacionalidade portuguesa (8120 pareceres concedidos a nacionais de origem brasileira) dilui estatisticamente os estrangeiros no seio da população autóctone.

Tão importante quanto perceber a grandeza dos fluxos migratórios entre Portugal e o Brasil é compreender as características dos imigrantes que dão corpo e expressão a este processo, migrantes que dessa forma contribuem para a perpetuação do laço histórico entre os dois países. Pires (2013), em paralelo com a mudança quantitativa deste fluxo, que se deu a partir da segunda metade da década de noventa, os estrangeiros de nacionalidade brasileira em Portugal aportaram também uma mudança qualitativa no que diz respeito às suas características de origem.

Para Carneiro et al (2018), uma mudança que deu lugar à conhecida destrição entre a “primeira” e a “segunda vaga” de imigração brasileira para Portugal, tendo a “primeira vaga” ficado conhecida como um movimento restrito de pessoas com níveis de qualificação elevados e que se ocuparam sobretudo nas áreas da deontologia, marketing e informática; e a “segunda vaga” como um movimento mais desqualificado relativamente aos segmentos do mercado de trabalho que vieram ocupar.

2.7.1 Travestis brasileiras na Cidade de Lisboa

Alguns especialistas acreditam que existe uma discriminação na forma como os países do Ocidente tratam o tema da integração social, por exemplo (Cabral, 2013). De acordo com o artigo 1.º da convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as travestis (Moirá, 2015), a discriminação contra a mulher travesti consiste em “qualquer distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha como efeito ou como objetivo comprometer ou destruir o reconhecimento, o gozo ou o exercício pelas travestis seja qual for o seu estado civil, com base na igualdade dos homens e das travestis, enfatizados nos direitos humanos e liberdades fundamentais nos domínios político, económico, social, cultural e civil ou em qualquer outro domínio” (Padilla, 2012). A desigualdade de género continua, ainda hoje, a constituir um entrave ao desenvolvimento humano, discriminando muitas vezes meninas e

travestis impedindo-as de ter um acesso à saúde, educação e representação política, por exemplo.

O Índice de Desigualdade de Género como mostra a figura. 4, criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), mede as desigualdades de género em três aspetos do desenvolvimento humano: Saúde, Trabalho e Educação, o empoderamento (medido pela proporção de assentos parlamentares ocupados por travestis e a proporção de travestis e homens adultos desde os 25 com alguma educação secundária, no mínimo) e o estatuto económico (medido através da participação laboral entre travestis e homens desde os 15 anos). Este índice explica os custos existentes causados por este tipo de desigualdades.

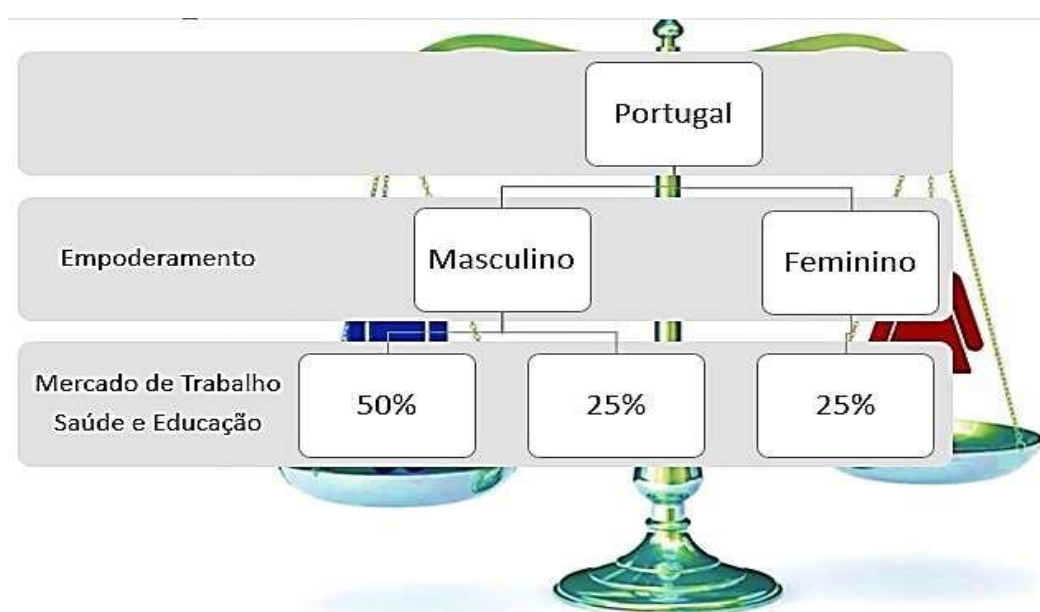


Figura 3 - O Índice de Desigualdade de Género.

Fonte: Adaptado de Sales, 2018.

Para além de violar os direitos das crianças mulheres e das travestis a integração social viola também os direitos sexuais e reprodutivos destas meninas e travestis na medida em que as priva de tomar decisões em relação aos seus próprios corpos e dificulta o acesso a informação, educação e serviços a nível de saúde sexual e reprodutiva. Para além da integração social, existem outros exemplos de questões ligadas a este tipo de direitos que incluem (mas não estão limitados a): uma educação sexual compreensiva, criminalização e outras restrições em relação a abortos seguros, casamento infantil e forçado, violência baseada no género, igualdade de género, identidade e expressão de género, VIH/SIDA morbidade e mortalidade materna (Sexual Rights Initiative).

A integridade física, ou o direito à segurança e controlo do próprio corpo, constitui o núcleo da liberdade sexual e reprodutiva.

A integração social está associada à desigualdade e à discriminação de género e constitui um grave atentado à saúde física e mental da mulher, afetando inclusivamente a sua vida sexual e reprodutiva. Assistimos então a uma violação dos Direitos Humanos de inúmeras raparigas e travestis cuja saúde e direito à vida são postos em risco.

Para além disso, pode ainda estar ligada a outros problemas como violação, casamentos forçados e violência doméstica (violência de género). Segundo Aquino (2016), são várias as “convenções e as declarações que apoiam a promoção e a proteção da saúde das crianças e travestis e algumas promovem a eliminação da MGF” como por exemplo a já mencionada Declaração dos Direitos Humanos (2013), cujo artigo 3º estipula que todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Também o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966) condena a discriminação de género, reconhecendo o direito universal de todos os seres humanos aos melhores níveis de saúde física e mental (Lima, 2016).

Também a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Travestis (1979) apela à eliminação dos preconceitos e práticas que não se baseiem na igualdade. Para além dos instrumentos já mencionados no Capítulo I, existem ainda tratados, consensos e outros documentos que protegem os direitos destas raparigas e mulheres:

- Convenção Relativa aos Estatutos dos Refugiados (1967);
- Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1976);
- Pacto Internacional sobre Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1976);
- Convenção para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Travestis (1979);
- Convenção sobre os Direitos da Criança (1990);
- Declaração da Assembleia Geral da ONU sobre a Eliminação da Violência contra as Travestis (1993); Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (1994);
- Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre as Travestis em Pequim (2015);
- Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural (2002).

Também os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio da ONU (2015), que menciona uma extrema importância promover a igualdade de género e o empoderamento das mulheres e travestis, melhorando assim o desenvolvimento cultural social em Portugal.

2.7.2 População de brasileiros residentes por grupos etários de travestis

Em Portugal, são residentes milhares de pessoas oriundas de países onde os Grupos Etários de Travestis são frequentes. De acordo com a UNFPA, deve ser estudado o número de travestis com mais de 15 anos, já que a maioria das travestis é cortada, em idades variadas, depois dos 15 anos de idade. Plaza (2011), faz referência à perspectiva construtivista da realidade social, e considera que os aspetos da vida humana, considerados mais dependentes da determinação biológica em Portugal (como o corpo, a sexualidade), respondem a estímulos sociais que são adquiridos pelo indivíduo mediante o processo de aculturação.

Geertz (2015 cit in Plaza, 2011, p.46) diz, ainda, que os corpos são friccionados: fabricados, elaborados e conduzidos de acordo com a percepção da sociedade. Desta forma, quase tudo depende da percepção das pessoas e da construção social que fazem, neste caso, do que é ser homem/mulher, do modo de vestir, dos sinais e comportamentos de cada sexo, do que é normativo e normal em cada sexo. Os indivíduos são orientados em função de um conjunto de possibilidades de subjetivação que se inscrevem num ambiente cultural (Plaza, 2011).

A sociedade Portuguesa reforça esses comportamentos e essa construção, e sempre que alguém ultrapassa essa norma é visto como desviante, como estando a ter um comportamento incorreto. Na maioria dos indivíduos, a identidade de género é congruente com o sexo, mas nem todos os casos são lineares. Existem casos que desafiam os limites da “normalidade”, e ultrapassam algumas barreiras do que é convencional, isto é, casos em que se verifica uma incongruência entre o sexo e o género, ou seja, identidade de género, seja aspeto físico entre outros (Bento, 2016).

Entrando, assim, num outro domínio, num outro grupo o grupo dos transgéneros. Este é o termo mais abrangente, ou termo “guarda-chuva”, que se refere a todas as pessoas que desafiam as fronteiras de género (Pourette, 2015), isto é, que não se conformam com a categoria de género binária (homem e mulher). O termo transgenderismo surgiu no final do século XX, em 1979 (McKenna & Kessler, 2010 cit in Nogueira & Oliveira, 2016) e, segundo a APA (2013), inclui todas as identidades ou expressões de género não inseridas nas normas de género convencionalmente aceites. O conceito de transgénero é assim o mais abrangente e, contempla transexuais, travestis, drag queens/drag kings (Ditmore, 2016; Nogueira & Oliveira, 2010), pelo

que cada um destes conceitos representa uma realidade diferente. Sendo os termos travesti e transexual os que nos interessam neste trabalho, iremos, de seguida, aprofundar cada um deles.

As travestis incluem-se no heterogéneo e complexo universo dos transgéneros (Ferraz et al., 2006). O termo “travestismo” foi proposto pela primeira vez, por Magnus Hirschfeld, médico alemão, no início do século XX (Moira, 2015).

Segundo Ferreira (1995 cit in Durcan & Minas, 2017, p.67), “travesti” diz respeito ao “disfarce do indivíduo, geralmente em espetáculos teatrais, com roupas do sexo oposto”. Em 1977, o psicanalista Robert Stoller, definiu o travestismo como “condição na qual um homem se torna genitalmente excitado ao vestir roupas íntimas femininas” (Moira, 2015, p. 67). Podese, assim, concluir que travesti é o termo utilizado para referir um indivíduo que se veste/traveste com roupas do género oposto, momentaneamente, para um espetáculo transformista, para obter prazer sexual, para se prostituir, entre outras situações frequentes. No entanto, Barbosa (2013) refere que atualmente o termo está quase diretamente associado à prostituição, à criminalidade e à marginalidade, devido ao elevado número de pessoas autodenominadas travestis no trabalho da prostituição.

Em Portugal, verifica-se o mesmo, como já referimos atrás, citando o trabalho de Oliveira (2013), que refere a presença cada vez mais significativa de travestis no mundo do trabalho sexual. Desta forma, o termo travesti é muito associado à prostituição, o que faz com que tenha uma conotação negativa. Contudo, existe ainda uma outra associação: a do travestismo com a perturbação mental, como faz, por exemplo, Money (1993 cit in Moira, 2015, p.67), que inclui no travestismo todo aquele que se veste como se pertencesse ao sexo oposto, destacando que se trata de uma parafilia, portanto, doença mental.

Do ponto de vista psicopatológico, este conceito está associado a uma perturbação mental, estando classificado no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – DSM-V (APA, 2013). Na edição anterior (DSM-IV-TR), estava inserido no grande grupo das “Perturbações Sexuais e de Identidade de Género”, estando o “Fetichismo Travestido” inserido no subgrupo das “Parafilias”. Nesta quinta edição do DSM deixou de existir o grande grupo das “Perturbações Sexuais e da Identidade de Género”, que foi dividido em dois grupos, um denominado “Perturbações da Personalidade” e outro denominado “Perturbações Parafilicas”. Este último inclui, entre outras, a “Perturbação Travesti”. Segundo a APA (2013), os critérios para o diagnóstico da perturbação travesti são: “A. Por um período de pelo menos 6 meses, excitação sexual recorrente e intensa por se travestir, manifestada por fantasias, desejos ou comportamentos. B. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos provocam mal-estar clinicamente significativo ou dificuldade no funcionamento social, ocupacional ou noutras áreas”.

O diagnóstico da perturbação travesti não se aplica a todas as pessoas que se vestem como o sexo oposto, mesmo os que o fazem habitualmente. Nestes casos, não pode ser considerado uma parafilia, pois os indivíduos não se travestem com o intuito de obter prazer, mas sim por questões profissionais, com o objetivo de ganhar dinheiro. Também nos casos em que o indivíduo se traveste para exercer trabalho sexual, dado que o objetivo dele se travestir é exercer a sua profissão, também não é considerado uma perturbação. A figura 5 mostra um quadro das questões relacionadas aos travestis residentes em Portugal (Marques, 2014).

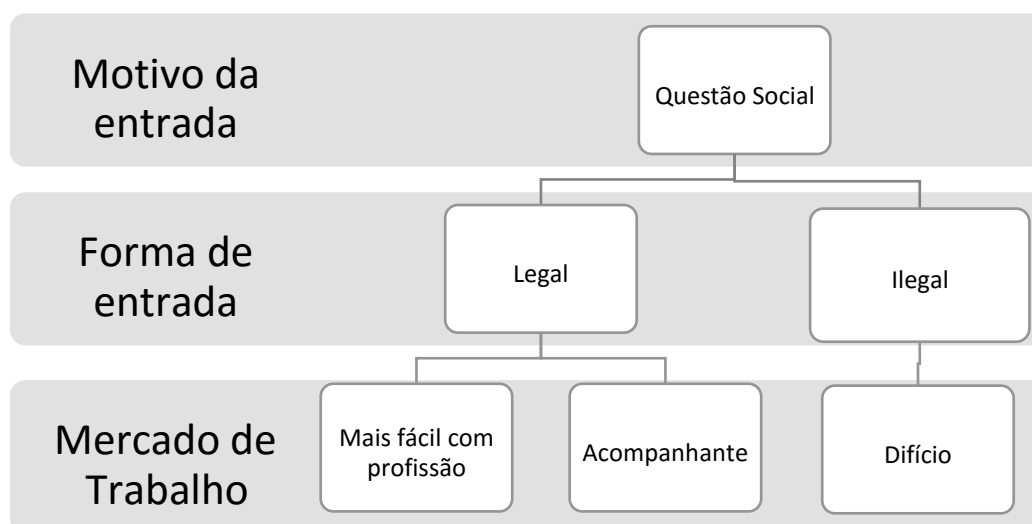


Figura 4 - Questões relacionadas com a condição das travestis em Portugal.

Fonte: Adaptado de Marques, 2014.

Este diagnóstico aplica-se, a indivíduos cujo travestismo, ou o pensamento de se travestir, são sempre ou quase sempre acompanhados de excitação sexual, e que estão emocionalmente perturbados por este padrão ou sentem que isso prejudica o seu funcionamento social ou interpessoal (APA, 2013). Apesar de ser considerado uma parafilia e, portanto, uma condição, o travestismo está maioritariamente presente em espetáculos transformistas, e muito associado às *drag queens/drag kings*.

Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo, a mestranda irá descrever os procedimentos aplicados ao nível da investigação qualitativa. É apresentada uma síntese descritiva da informação obtida nas entrevistas, dando voz às entrevistadas. Após a recolha dos dados, a fase seguinte à pesquisa é análise e interpretação dos dados.

3.1 Investigação qualitativa

A estratégia de integração social com um grupo de travestis Brasileiras surgiu da pesquisa bibliográfica sobre como estas travestis vivem num país diferente do de origem, afim de delinear e aplicar perguntas objetivas para conhecer como é e foi a integração destas na sociedade Portuguesa.

As participantes, foram selecionadas com base na observação das experiências das travestis e motivos da sua imigração, pois foi nesta etapa que se verificou que todas as travestis são independentes e algumas apresentam conhecimentos específicos além de escolaradas. Um dos elementos essenciais para a selecção das travestis, foi residirem há mais de seis meses em Portugal e serem imigrantes do Brasil.

Para o tratamento dos dados resultantes das entrevistas a mestranda recorreu à técnica de análise de conteúdo. Coutinho (2016, p. 33), “é necessário que o discurso do conteúdo seja essencial para as análises significativas, além do conteúdo transcrito na íntegra sendo que a cópia deve ser fiel permitindo obter informações mais precisas e objectivas”, portanto a análise foi categorial, nesse contexto as entrevistas foram selecionadas em categorias e subcategorias, levando em consideração a necessidade de adaptar as mesmas aos conteúdos e objectivos da investigação.

Para além das entrevistas aplicadas às travestis, foi ainda aplicada uma entrevista à assistente social que trabalha numa instituição que apoia e acompanha estas mulheres. Pretendeu-se desvendar factos sobre a questão da integração social das travestis, residentes na cidade de Lisboa. Foi o interesse genuíno pelas travestis que permitiu o estabelecimento de confiança entre a assistente social e as travestis. Se por um lado muitas das palavras que refere a assistente social, nos deixam entusiasmadas com os resultados do trabalho, por outro lembra-

nos que há ainda um longo caminho a percorrer. Esta é, ainda, uma das primeiras respostas sociais, na cidade de Lisboa a uma população que, até aqui, esteve desassistida.

3.1.1 Análise de conteúdo e discussão das entrevistas às travestis

Dados de identificação

Foram entrevistadas seis travestis brasileiras residentes em Lisboa que se enquadram nos critérios de seleção do estudo e as que se sentiram à vontade para responder às questões apresentadas.

Num primeiro momento, faremos uma breve caracterização das travestis entrevistadas tendo como referência alguns dados de identificação das mesmas que nos permite conhecer alguns indicadores importantes para compreender os sujeitos da nossa investigação. E posteriormente analisaremos as entrevistas tendo em atenção as dimensões de análise.

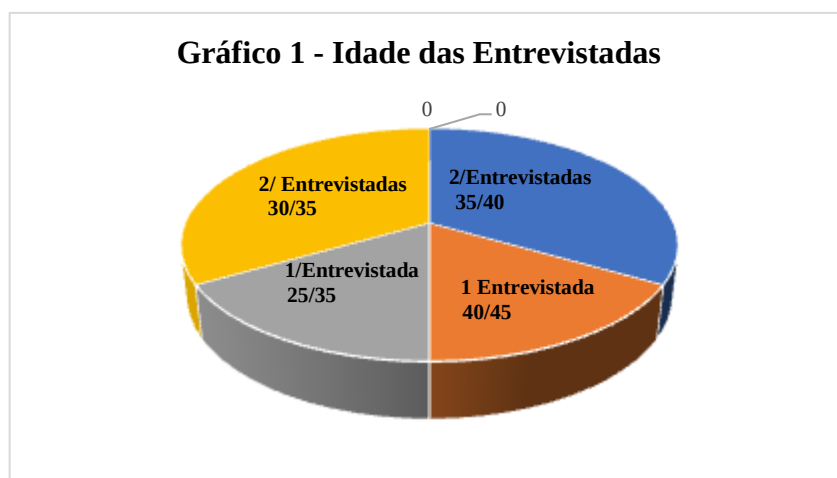
A tabela 2 ilustra os dados de identificação das entrevistadas, como: idade, naturalidade, identidade de género, orientação sexual, etnia, escolaridade e estado civil.

Importante especificar que no decorrer da análise, as entrevistadas são identificadas como entrevistada 1; 2; 3; 4; 5; 6.

Tabela 1 - Dados de identificação das entrevistadas

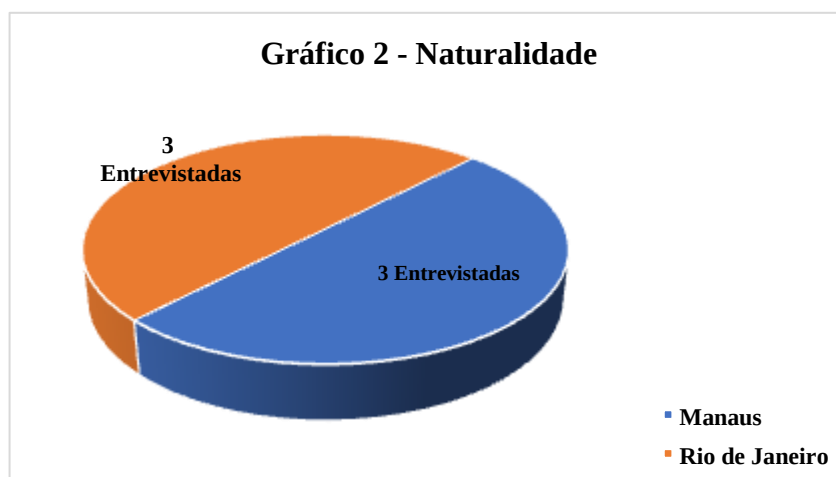
Nº	Idade	Natural	Identidade de género	Orientação Sexual	Étnico Racial	Escolaridade	Estado Civil
Entrevistada 1	35/40	Rio/Jan	Travesti	Hétero	Parda	Médio	Casada
Entrevistada 2	25/30	Rio/Jan	Travesti	Hétero	Parda	Médio	Solteira
Entrevistada 3	40/45	Manaus	Travesti	Hétero	Índia	Pós-graduação	Casada
Entrevistada 4	30/35	Rio/Jan	Travesti	Hétero	Negra	Médio	Casada
Entrevistada 5	35/40	Manaus	Travesti	Hétero	Branca	Superior	Solteira
Entrevistada 6	30/35	Manaus	Travesti	Hétero	Parda	Médio	Solteira

Fonte: Recolha de Dados, 2018.



Fonte: Elaboração Própria.

A mestranda pode referenciar que ao nível da idade das entrevistadas, uma das entrevistadas tem idade compreendida entre 40-45 anos, duas das entrevistadas entre 35-40 anos, duas entrevistadas entre 30-35 anos, e uma tem idade compreendida entre 25-30 anos.

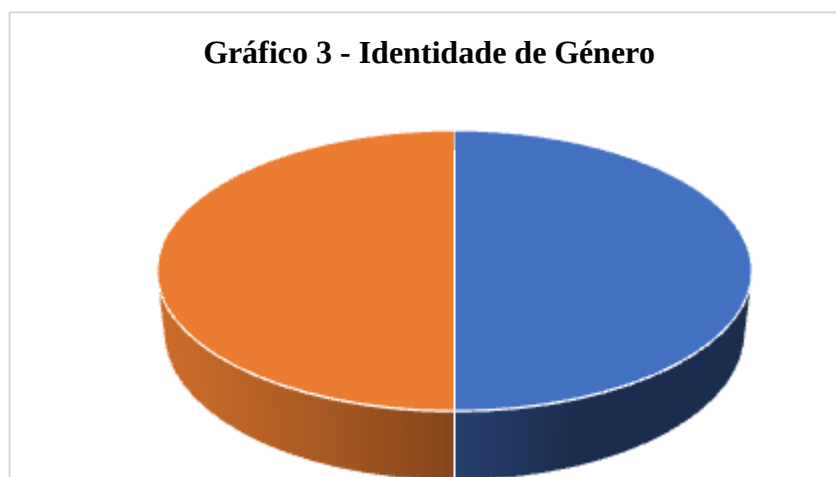


Fonte: Elaboração Própria.

Quanto à naturalidade, três das entrevistadas têm naturalidade Amazonense, nascidas em Manaus, e três com naturalidade Carioca, nascidas no Rio de Janeiro, conforme mostra o gráfico 2. Ao nível de naturalidade das entrevistadas a mestranda pode concluir que três das entrevistadas são naturais da cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro e três das

entrevistadas são de naturalidade da cidade de Manaus, localizada no Estado do Amazonas na região norte do Brasil.

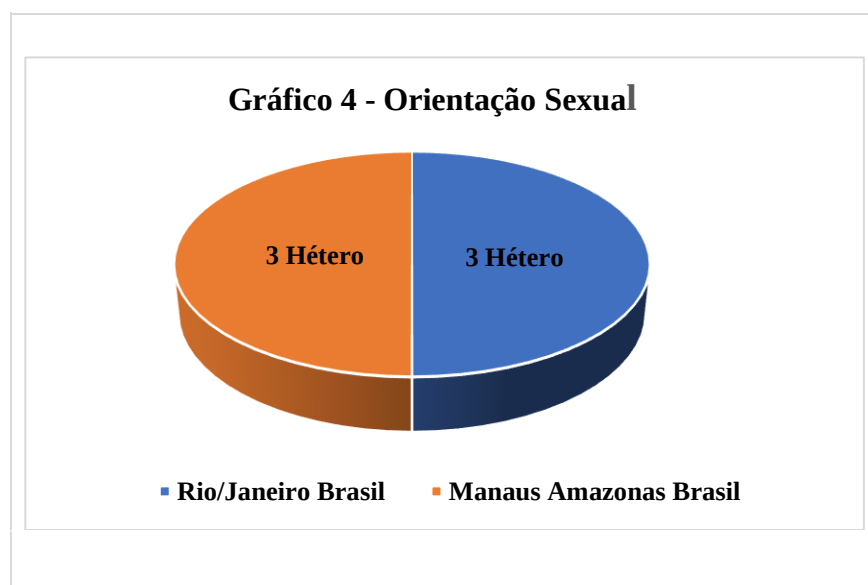
Quanto à questão de Género, as travestis são do género “feminino” e sua identidade de género é “Travesti”, o gráfico 3 ilustra essa disposição.



Fonte: Elaboração Própria.

Segundo Sales (2018), a travesti era conhecida como uma pessoa que se sentia homem e mulher ao mesmo tempo. Por isso, não queria fazer operação. Hoje, a diferença é social e política. Portanto o alto índice de masculinidade e feminilidade (géneros) não ligados totalmente com o biológico e a orientação sexual de todas as travestis.

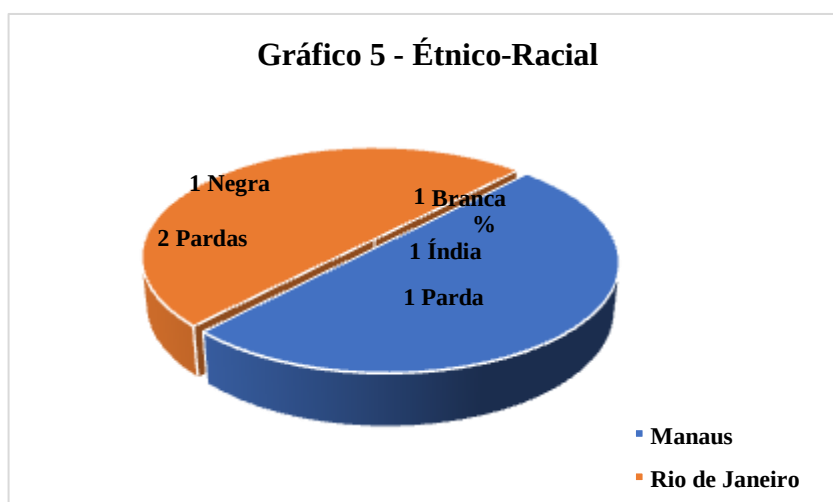
Todas as entrevistadas, tanto manauara, nascida em Manaus quanto as cariocas, nascidas no Rio de Janeiro afirmam terem tido orientação hétero sexual, como verificamos no grafico 4.



Ao nível de identidade de género e orientação sexual, podemos perceber que as seis entrevistadas possuem identidade de género Travesti. Em relação à orientação sexual também foram seis das entrevistadas que se afirmam heterossexual, portanto 100% das entrevistas afirmam sua identidade de género travesti e 100% também se afirmam ser heterossexual.

Todas tiveram orientação hétero sexual, mas seguem como Travesti. Segundo Jimenez (2018), as travesti têm poucos gradientes (graus) de masculinidade e mais feminilidade (géneros), não atrelados completamente ao biológico. Ou seja, é quando a pessoa se sente uma mulher num corpo de homem. Assim Sales (2018), defende que a travestilidade, referente às pessoas travestis, é uma expressão de género que difere da que foi designada à pessoa no nascimento, assumindo, portanto, um papel de género diferente daquele sugerido pela sociedade, que objetiva transicionar para uma expressão diferente.

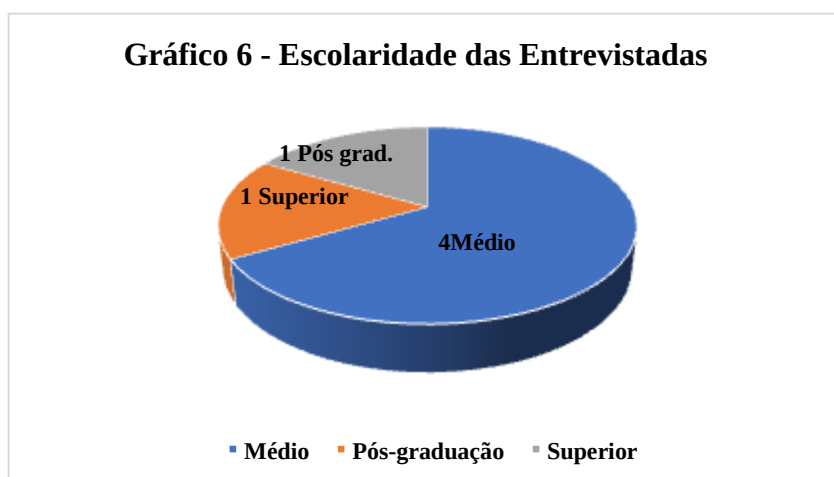
As travestis têm etnias diferentes as de Manuas estão divididas entre uma índia, uma parda e uma branca, quanto às Cariocas duas são pardas e uma negra, conforme o gráfico 5.



Fonte: Elaboração Própria.

Sobre o seu pertencimento étnico-racial a mestrande pode referenciar que três entrevistadas se denominam de cor parda, uma entrevistada é branca, uma negra e uma indígena.

Conforme os dados referenciados no gráfico 6, a maioria das entrevistadas cursara o ensino médio, correspondendo a quatro entrevistadas, uma tem curso superior e uma frequentou uma pós-graduação.



Fonte: Elaboração Própria.

A mestranda pode concluir que especialmente sobre as habilitações académicas das entrevistadas que quatro concluíram o ensino médio, uma concluiu o ensino superior e uma entrevistada concluiu pós-graduação.

Conforme informados pelas entrevistadas, a maioria frequentou o ensino médio e moram em Lisboa há mais de 6 meses; a entrevistada que possui nível superior está em Lisboa para fazer especialização e a entrevistada que possui pós-graduação está em Portugal para pós-graduar em *stricto sensu*, a nível de Mestrado e Doutorado.

Louro (2018), defende que no Brasil os Direitos Humanos surgem para amparar a todos, onde as travestis buscaram se apropriar dos direitos, aprendendo mais sobre direitos e deveres, coisas com as quais elas nunca tiveram contato durante a vida uma dessas coisas era a educação, sobre entender bem o que são direitos e deveres de todo mundo. Elas têm direitos como qualquer outra pessoa, mas a vida as afastou da escola, as afastou do conhecimento desses direitos.

Silva (2013), relata que na década de 1960 as travestis eram excluídas da escola pois sofriam bullying, até mesmo dos professores e gestores da escola. Portanto é um espaço de formação política, humana, de socialização, de muito conflito. É o coletivo, um espaço que veio se construindo, se fortalecendo, se reconhecendo e criando rede de apoio ao longo dos anos.

Três das entrevistadas casaram-se em Portugal e os seus respectivos esposos têm nacionalidade Portuguesa, as outras três estão solteiras.



Fonte: Elaboração Própria.

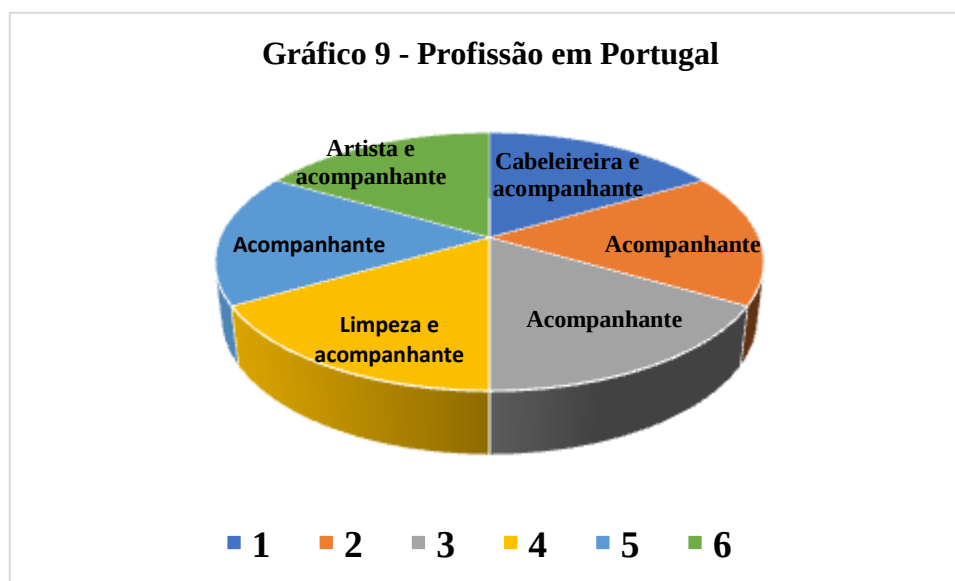
Quanto à profissão e ocupação exercida no Brasil, a mestrande detectou que no Brasil todas as entrevistadas exerciam as profissões referidas no gráfico 8.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Sobre a situação profissional no Brasil a mestrande pode referenciar que no Brasil todas tinham uma profissão. A entrevistada um exercia a profissão de cabeleireira, a dois executava a profissão de telemarketing, a três era funcionária pública, a quarta era cozinheira, a quinta trabalhava na indústria e a sexta era artista. Não tinham salários compatíveis e, portanto, logo surge a insatisfação, advinda dos deveres em relação aos direitos trabalhistas, como podemos observar no relato da entrevistada (4), “no Brasil trabalhei como cozinheira informal em um bordel no Rio de Janeiro, e lembro que não tinha nenhum direito trabalhista, às vezes ficava até

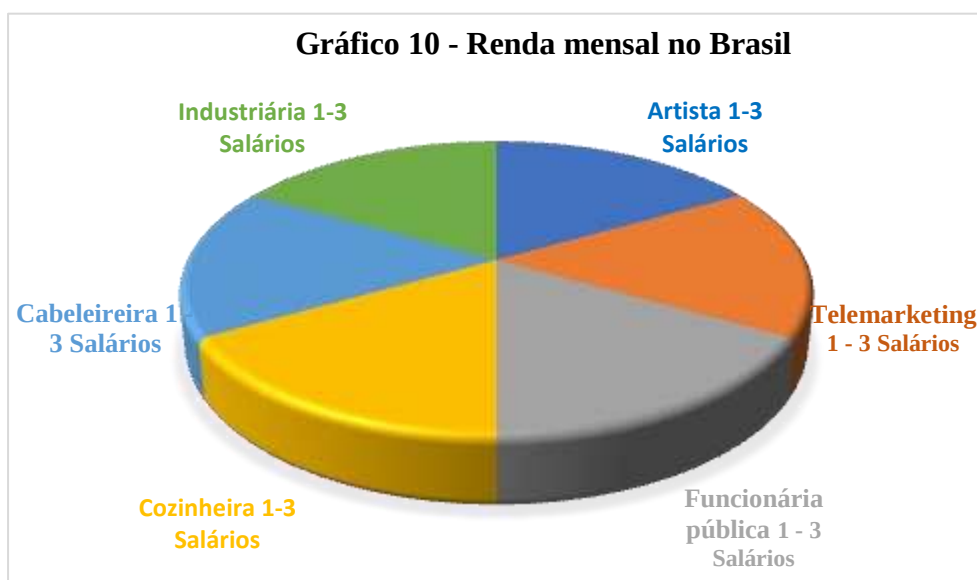
sem receber o meu ordenado, foi aí que me organizei para vir para Portugal e melhorar a minha vida”.



Fonte: Dados da Pesquisa.

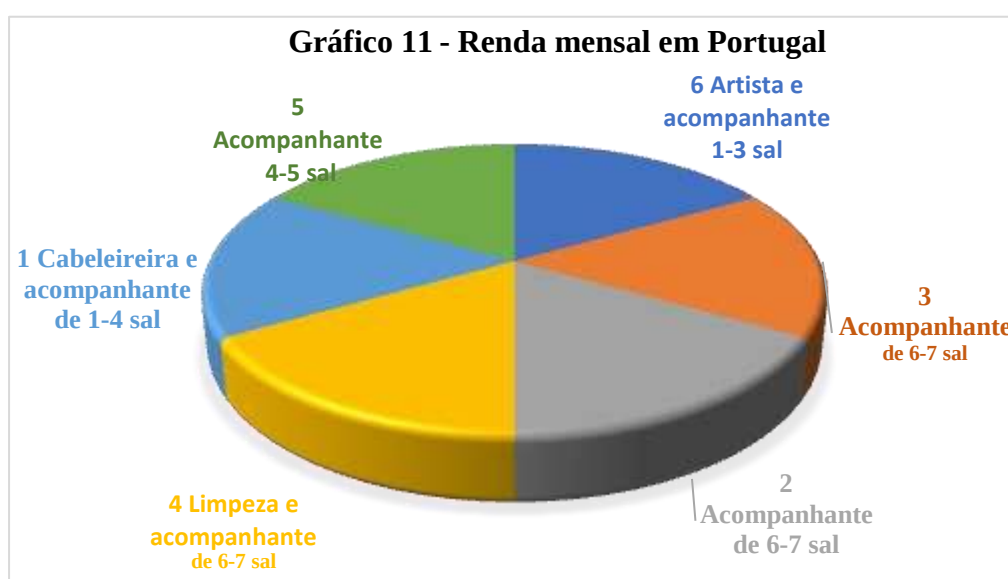
Quanto à actividade profissional e ocupacional em Portugal todas as entrevistadas exercem a função de acompanhante assim como também realizam outras atividades, a entrevistada um, para além de acompanhante exerce a função de cabeleireira, a entrevistada quatro, além de acompanhante exerce a função de empregada de limpeza, como relata na sua entrevista, “em Portugal, trabalho com contrato de trabalho, faço limpeza em escritório e durante a noite faço programa em casa”. A entrevistada seis, é acompanhante e exerce a função de artista como explicitou, “aqui em Portugal, a princípio eu vim para fazer um show de dublagem, e por fim acabei ficando, porque a minha vida no Brasil não estava muito boa, então fiquei com a possibilidade de seguir a vida artística. Mas como o início é bem difícil, até você conseguir conquistar o público e os donos dos bares demora, então eu comecei a fazer o trabalho sexual para ir me mantendo”. As entrevistadas dois, três e cinco, exercem em Portugal somente a ocupação de acompanhante. Como particulariza a entrevistada dois, “em Portugal, faço programa de convívio com os portugueses (...) dizem prostituição. Faço esse trabalho desde quando cheguei aqui, na verdade eu já vim do Brasil sabendo que vinha para me prostituir”.

As entrevistadas ganhavam no Brasil de um a três salários mínimos, tanto as cariocas como as amazonenses, conforme mostra o gráfico 10.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Em Portugal as rendas salariais diferem muito, o gráfico 11 mostra a renda de cada entrevistada.



Fonte: Dados da Pesquisa.

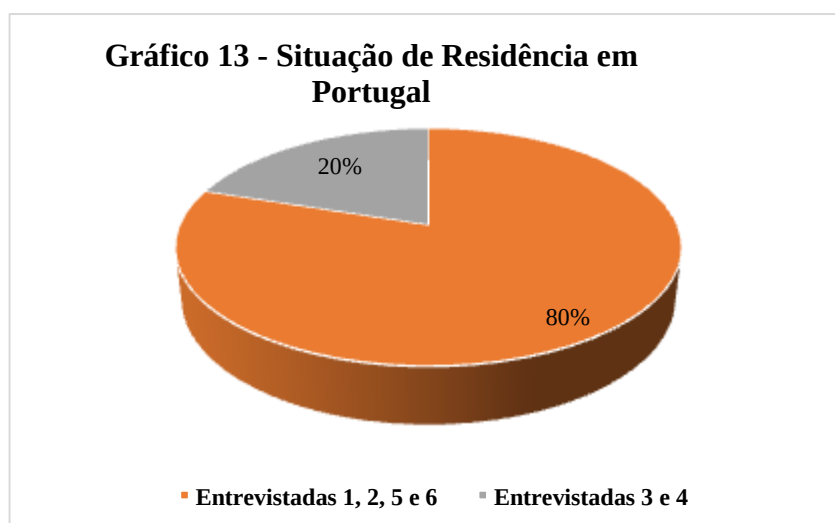
A entrevistada um, exerce a função de cabeleireira e de acompanhante, e tem um ganho mensal equivalente de 1 - 4 salários mínimos. A entrevistada dois, exerce a função somente de acompanhante, e tem um ganho mensal equivalente de 6 - 7 salários mínimos. A entrevistada três, também exerce a função somente de acompanhante, e tem um ganho mensal de 6 - 7 salários mínimos. A entrevistada quatro, exerce a função de empregada de limpeza e acompanhante, e tem um ganho mensal de 6 - 7 salários mínimos. A entrevistada cinco, exerce a função somente

de acompanhante, e tem um ganho mensal de 4 - 5 salários mínimos. A entrevistada seis, exerce a função de artista e acompanhante, e tem um ganho mensal de 1 - 3 salários mínimos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

De acordo com o gráfico 12, cinco das entrevistadas possuem casa própria no País de origem, somente a entrevistada quatro, morava no Brasil numa residência cedida por amigos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

As entrevistadas (1, 2, 5 e 6) residem em Portugal em casa arrendada. As entrevistadas três e quatro, moram em casa própria, em Portugal.

3.1.1.1 Histórico sobre percepção e trajetória de vida

Família

Nesta dimensão pretendeu-se conhecer como foi a infância e adolescência das entrevistadas. Referente a família, a entrevistada (1) referenciou, “bem, a minha família sempre me tratou bem e com respeito, só à minha mãe estava muito preocupada com a violência na rua, tentava sempre me manter em casa”. A entrevistada (2) mencionou que o início foi muito difícil, “eu sofri muito com meus irmãos, eles são machistas, quando eles descobriram sobre minha travestilidade (...) eu lembro-me de ter apanhando muito em casa deles. A entrevistada (3) mencionou, “no início foi tanto conturbado, fui criada pela minha avó, minha mãe trabalhava e meu pai era ausente”. A entrevistada (4) explicitou, “minha família não aceitou, e fui morar fora e trabalhar como doméstica, trabalhava em troca de casa e comida”. Diferente, a entrevistada (5) revela, “minha mãe sempre me entendeu e fez um acordo que se eu tirasse boas notas eu ganharia as bonecas que tanto queria. A entrevistada (6) também mencionou, “minha família é uma família muito unida, meus pais já não moram juntos, mas sempre tiveram presentes com os filhos, minha mãe que hoje já é falecida sempre dizia que eu já era bem feminina desde criança, eu e meu irmão, que é gay”.

Podemos verificar nos discursos que a relação com a família nem sempre foi boa e de aceitação, mas no geral, manifestam que houve preocupação por parte da família quanto à violência e ou discriminação que estariam sujeitas.

Amigos

Em relação aos amigos podemos perceber que a entrevistada (1) “nunca tive problemas com os amigos, sempre brinquei com os meninos e com as meninas (...), agora o problema era com os pais dos meus amigos que não deixavam eu brincar com eles por eu ser assim bem feminina”. A entrevistada (2) também nos menciona uma tranquilidade com os seus amigos de infância, “eu sempre tive meus primos como amigos então para eles foi meio natural porque estávamos sempre juntos e também estudavam comigo”. Quanto à entrevistada (3) revela não ter tido problemas com amigos na infância, “meus amigos de escola e de faculdade temos amizades até hoje”. A entrevistada (4) também afirma, “amigos sempre foram

meus aliados e por meio dos amigos comecei a fazer uma transformação do corpo”. Entrevistada (5) também não relata problemas com amigos revela, “também não tive muitas questões, pois não era mito de conversas”. Entre tanto a entrevistada (6) explicitou que sempre teve muitos amigos quando criança, participava das atividades escolares e adorava dançar e dublar na escola, “já na adolescência que alguns problemas começaram a surgir, porque eu já gostava de usar umas roupas mais femininas e isso era motivo de chacota na rua na escola (...).

Quanto aos amigos, a situação é um pouco diferente, pois todas revelam que não tiveram problemas de aceitação por parte dos seus amigos.

Escola

Em relação a convivência das entrevistadas na escola, podemos analisar a partir de suas experiências que, a entrevistada (1) revela que apesar de não ter conflitos com amigos na infância, na adolescência, “sofri um pouco por estudar na minha comunidade (...) mas cheguei a ter alguns problemas, mas nada muito relevante para mim, (...) já não usava o banheiro masculino nem o feminino na escola para não ter problemas”. A entrevistada (2) menciona, “na escola sempre ouvi burburinhos em relação a minha sexualidade, mas eu não me ofendia ou me importava com isso na hora, mas depois era triste se sentir rejeitada por ser diferente deles como eles diziam”. A entrevistada (3) revela, “sempre fui muito polêmica, mas ao mesmo tempo muito estudiosa e isso trazia os amigos para mais perto de mim”. A entrevistada (4) afirma que na escola, “não sofri por que sempre fomos barraqueiros, minha família meus irmãos sempre estiveram do meu lado”. A entrevistada (5) também afirma que a escola não foi grandes problemas na sua vida porque não gostava de conversar com as pessoas e na adolescência só fez amizades com pessoas que se identificava. Quanto à entrevistada (6) menciona, “na escola (...) foi aí que comecei a perder o interesse pela escola (...). A escola foi horrível, nem o banheiro eu frequentava. Cheguei a receber suspensão por usar o banheiro feminino”.

No contexto escolar, revelam que nem sempre foi fácil, algumas sentiram discriminação por parte de alguns colegas. Apesar disto, no geral, manifestam que não tiveram problemas de maior, apenas uma entrevistada que revela sentir-se excluída e deste modo lhe causou desinteresse para o estudo.

Lazer

Em relação ao lazer podemos observar que a entrevistada (1) revela, “sempre me diverti do meu jeito, (...) meu lazer sempre foi minhas bonecas, e tenho bonecas Barbie desde quando eu era criança, hoje tenho mais de 200 bonecas. Já a entrevistada (2) revela “sempre fui e gosto de baladas do sábado a noite, gosto muito e não abria mão disso. Agora aqui eu tenho lazer e um lazer de dia, eu só saía a noite agora é diferente, mais saudável. A entrevistada (3) revela “sou muito caseira, gosto do meu lazer em família e amigos”. A entrevistada (4) relata, “sempre morei em comunidade, então todo dia tem festa, o lazer nosso, são as festas”. A entrevistada (5) não consegue mencionar o que seria seu lazer e menciona, “no meu mundo travesti”. A entrevistada (6) fez referência que o seu lazer, “sempre foi e até hoje é minha vida artística, fazer os shows de dublagens, bordar meus vestidos, eu amo isso, me sinto uma grande artista quando estou nos palcos.

Como podemos verificar, o lazer, está muito relacionado com a actividade profissional que exercem, fazendo referencia às festas e ao convívio com os amigos e familiares.

3.1.1.2 Transformação do corpo e problemas com o preconceito

Quanto aos problemas enfrentados pelas entrevistadas durante a readequação do corpo, podemos perceber as diferentes experiências vivenciada pela entrevistadas durante seus percuso de vida no Brasil. Podemos perceber a partir da entrevistada (1) que diz, “ depois que comecei a tomar hormônios, muitos amigos se afastaram de mim, foi bem na fase de transição mesmo, lembro até hoje a primeira vez que tive uma maquiagem, foi engraçado fiz um trabalho como cabeleireira para uma amiga que me deu 20 reais pra escovar o cabelo dela, eu fiz a festa fui a uma drogaria e comprei maquiagens e hormônios daí em diante foi sempre assim”. Em seguida a entrevistada (2) revela, “tranquilo para mim, desde que soube que era isso que eu queria comecei a tomar hormônios que uma amiga me falou, mas minha família sempre foi contra, tive até que sair de casa para poder ser quem eu realmente era. É muito difícil (...)”. Também vítima de discriminação, a entrevistada (3) pontuou que sempre morou com sua avó então achava que sua readequação seria algo tranquilo, “eu quis me transformar rápido muito novinha ainda (...), sofri discriminação por parte dos amigos e algumas pessoas da família, só que com uma ressalva, a pessoa que me sustentava era a minha avó, que não se surpreendeu, então era o que me bastava”. A entrevistada (4) também revelou que sofreu agressões físicas durante seu

processo de readequação do corpo, “Nessa fase, claro eu sofri muito e acho que todas nós, travestis sofremos com isso, sofri até agressão verbal, agressão física em casa e na rua. Foi uma época bem difícil eu só saía à rua durante a noite, com medo do que poderia me acontecer novamente”. A entrevistada (5) explicitou não esperava preconceito por parte dos seus amigos, “o preconceito e a discriminação que eu senti foi por parte de alguns amigos, que ficaram contra mim e deixaram de falar comigo, isto acaba com a gente”. Em seguida a entrevistada (6) relata “a construção do meu corpo iniciou quando tinha uns 14 anos com hormônios feminino eu sempre gostei de praticar esportes, eu jogava voleibol e os amigos do vôlei todos eram gays então para eu construir minha identidade feminina naquele grupo foi muito tranquilo, já em casa, foi mais difícil porque depois a minha família falava que eu tudo bem, mais meu irmão era por culpa minha que eu que incentivava. Isso foi bem ruim para mim”.

Quanto à transformação do seu corpo, todas são unânimes que sofreram e que este foi um processo difícil. Sentiram preconceito e discriminação por parte dos amigos e seus familiares.

Travesti

A mestranda percebeu durante a construção desta dissertação que inúmeros são os autores que utilizam termos diferenciados para denominar a travesti e transexuais. Pretendemos entender durante a pesquisa como é que as entrevistadas se auto identificam com o termo travesti. Como podemos perceber, a revelação da entrevistada (1) ao afirmar ser travesti, “travesti para mim é ter a aparência feminina, corpo bem feminino e ter pênis, não sou homem nem sou mulher, sou travesti”. Para a entrevistada (2) referencia que travesti é a sua identidade, “eu sou assim minha cabeça funciona desse jeito e eu me denomino do jeito que quero e que devo, para isso serve o livre arbítrio”. A entrevistada (3) sucintamente revela, “continuo com o meu órgão genital, mas tenho uma mente feminina”. A entrevistada (4) nos revela, “Porque nasci menina(...) me sinto e vivo 24 horas mulher, não tenho problemas com isso, sou travesti e pronto (...)”. Para a entrevistada (5) “gosto de ser mulher, vivo como mulher, meus hábitos são do género feminino, para mim travesti é vivenciar o feminino”. A entrevistada seis (6) revela, “Travesti pra mim é como eu gosto de ser, ter a aparência feminina, corpo bem feminino e não me importo se tenho pênis, não sou homem, nem sou mulher, sou travesti”.

Todas referem e se auto denominam travestis, apesar de algumas manterem o órgão genital de origem.

Conhecimento do nome social respeitado Brasil/ Portugal.

A mestranda identificou que as entrevistadas tinham diferentes discursos sobre a questão do nome social usado por elas. A entrevistada (1) afirma que no Rio de Janeiro onde morava, o seu nome sempre foi respeitado, “meu nome de batismo é (...), alguns me chamam assim e outros de (...)”, mas sempre respeitaram os dois nomes, em Lisboa nunca passei por nenhum constrangimento, os Portugeses são bem-educados”. A entrevistada (2), também tem um discurso parecido, no Brasil “sou conhecida como tal e sempre me respeitaram e chamaram pelo nome de (...), aqui em Portugal também da mesma forma”. A entrevistada (3), defende que seu nome é diferente e por esse motivo usa o mesmo nome, “meu nome é diferente é dado pelo meu pai, e gosto dele então, todos na minha cidade e em Portugal me conhecem como (...), portanto, o meu nome social não difere do meu nome de batismo, sim é respeitado por todos”. A entrevistada (4) confirmou “sim, sou muito respeitada pelo nome que tenho”. A entrevistada (5), refere-se ao nome com respeito e orgulho, “sim em Manaus sempre fui respeitada e aqui também”. A entrevistada (6), “no Brasil, na minha cidade nunca o nome social foi respeitado, em Lisboa nunca passei por nenhum constrangimento”.

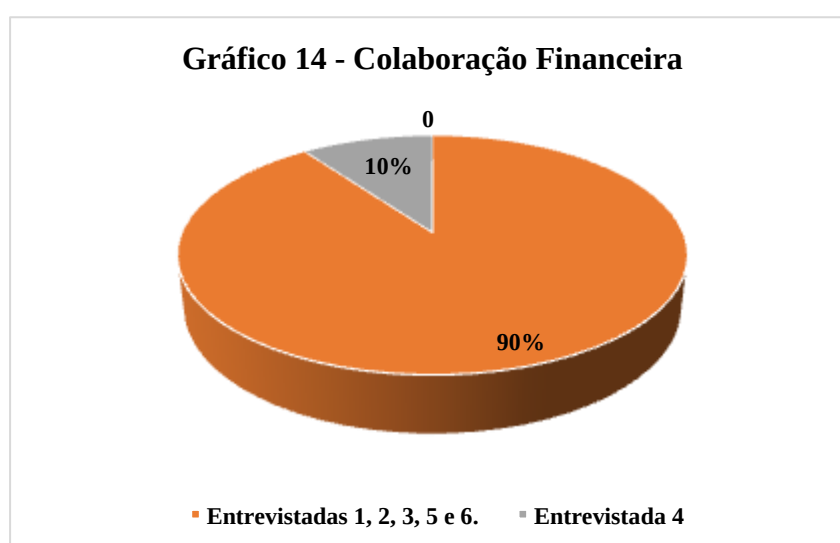
3.1.1.3 Ocupação Brasil e Portugal

Ocupação

Nessa fase da análise a mestranda identificou que todas têm a mesma ocupação como trabalhadora sexual em Portugal, com exceção de três entrevistadas que exercem outras atividades paralelas ao trabalho sexual, assim como no Brasil exerciam profissões diferentes. A entrevistada (1), refere “no Brasil eu fiz um curso de cabeleireira, e trabalhava como profissional autónoma, portanto não tinha férias e nem décimo terceiro salário, só ganhava se trabalhasse, não podia me dar o luxo de passar 40 dias em casa, aqui em Portugal eu também sigo como autónoma, e exerço a profissão mais antiga do mundo, no ramo da prostituição”. A entrevistada (2), mencionou, “no Brasil eu fiz um curso de telemarketing trabalhei na área (...) aqui em Portugal eu apenas faço convívio, com excelentes rendimentos”. A entrevistada (3), explicitou, “no Brasil sou funcionária pública, continuo como funcionária e estou de licença do trabalho, aqui em Portugal tenho um trabalho informal”. A entrevistada (4), revela “no Brasil fui doméstica, cozinheira e fui fazendo o que eu sabia para sobreviver, em Portugal, eu trabalho

numa empresa de limpeza e também faço trabalho sexual. Em Portugal, o salário mínimo não é tão alto, então eu faço um extra por fora. E esse extra às vezes chega a ser três vezes mais que o meu salário”. A entrevistada (5) revela, “o meu último emprego foi de industriaria em Manaus, fazendo telemóvel da Samsung. Em Portugal faço trabalho informal como acompanhante”. A entrevistada (6) relata “no Brasil, eu fiz um curso de cabeleireira, montei meu pequeno salão, em frente da minha casa, o espaço foi oferecido pela minha mãe, era do salão que ajudava em casa e também para mim, também fazia shows de dublagem em casas noturnas, discotecas LGBTI, onde também conseguia um bom dinheiro, mais esse dinheiro uma boa parte eu utilizava para a confecção dos figurinos que gostava de sempre mudar. Aqui em Portugal eu também sigo a carreira de dublagem, mas o valor do investimento ainda é mais do que o valor que ganho por cada *shows*, mais continuo porque gosto e ainda tenho pouco tempo de carreira aqui, a minha principal ocupação é como acompanhante, quando cheguei eu procurei trabalho como cabeleireira mais foi só uma experiência, eles não queriam me dar contrato de trabalho, então tive que sair, comecei a fazer trabalho sexual, para conseguir permanecer aqui e investir na carreira. Também faço trabalhos como cabeleireira, maquiladora, tudo que posso fazer para ganhar dinheiro eu faço, então pode se dizer que eu tenho várias atividades aqui em Lisboa (...) eu não fico é parada”.

Nesse aspecto a mestrande percebeu que todas, com exceção da entrevistada quatro, diz não ajudar a família, porque os mesmos não precisam, as entrevistas (1, 2, 3, 5 e 6), colaboram com a família, e as que estão casadas ajudam os companheiros, como podemos verificar nos relatos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

A entrevistada (1) descreve “eu sempre colaborei nas despesas de casa, hoje em dia bem menos, pois minha mãe já recebe aposentadoria dela e do meu pai, então a ajuda hoje é bem menos que antes”. A entrevistada (2) segue afirmando, “agora eu colaboro bastante com minha família, antes eu não tinha condições de ajudar nem a mim mesma, agora eu ajudo todos e tenho orgulho disso. Por mais que um dia eles me rejeitaram eu ajudo não tenho mágoas disso”. A entrevistada (3) em poucas palavras mencionou, “sim colaboro com a família e o companheiro”. A entrevistada (4) diz, “não até porque eles não precisam”, porém, a entrevistada (5) nos afirmou também colaborar com sua família, e a entrevistada (6) explicitou, “quando morava com minha família eu colaborava com o mínimo que tinha, hoje posso dizer que ajudo muito mais, principalmente agora, já não tinha mãe e meu pai também faleceu este ano (...) momento que eu nem consigo descrever, perder alguém que você ama e esta longe sem poder ver. Foi horrível, assim com a morte de minha mãe. Então hoje eu ajudo em que posso com meus irmãos. Pois estou em condições melhores que eles, não me custa nada ajudar”.

A mestrandia identificou que no Brasil as entrevistadas (2, 3, 4, 5, 6) não participaram ou não foram inseridas em programas sociais ou de transferência de renda, com exceção da entrevistada (2) que recebeu auxílio do Governo quando frequentava a escola, referenciando “no Brasil quando eu estudava recebia pelo Bolsa Família.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Aqui em Portugal quando se tem autorização de residência, a pessoa já tem muitos direitos no País”. Em Portugal, podemos perceber que algumas das entrevistadas já foram beneficiadas com o programa social como refere a entrevistada (1), “em Portugal já me inscrevi no centro de emprego e já fiz cursos de graça e ainda tive direito uma bolsa auxílio para não

faltar ao curso. É maravilhoso esse tipo de incentivo”. Enquanto que as entrevistadas 2, 3, 4, 5, 6, não foram inseridas em programas sociais ou de transferência de renda, em ambos os países.

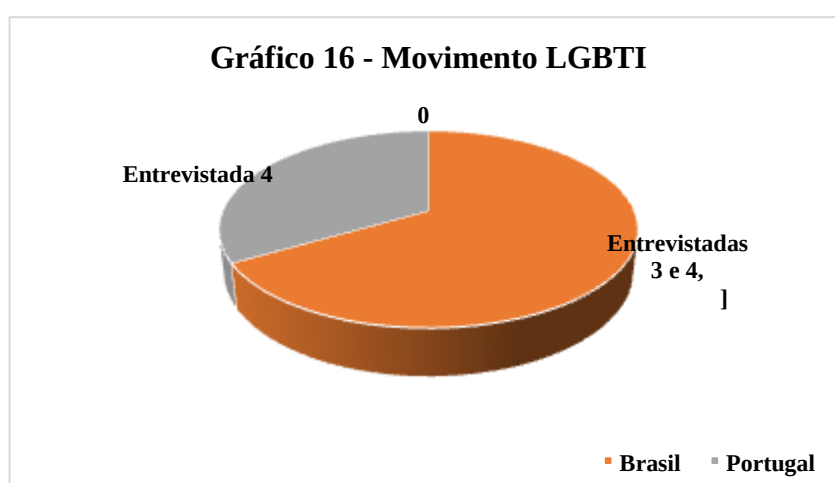
Preconceito e Discriminação

A mestranda percebeu que todas as entrevistadas passaram por constrangimentos em relação ao preconceito e discriminação, como podemos ver nos seguintes relatos. A entrevistada (1) mencionou que “no Brasil sim, esse tipo de sentimento de preconceito e discriminação é mais latente, percebemos isso a toda hora a todo instante, eu sou do Rio de Janeiro, e lá é muito perigoso, eles te matam por nada, ainda mais travesti, eles não toleram, a bicha lá tem que ficar quietinha no canto dela se não quiser morrer. Eu quando vou ao Brasil visitar a minha mãe, fico em casa, confesso que tenho medo de ir e não voltar para cá, isso me apavora” (...), em Portugal nunca senti preconceito e nem discriminação por parte dos portugueses, que eu percebesse não, aqui é outra cultura(...), você percebe o respeito pelas pessoas independente de como a pessoa é, aqui eles não ligam nem para o tipo de roupa que você veste, imagina querer saber de sua sexualidade, aqui não vejo isso”. A entrevistada (2) vem revelando, “essa questão do preconceito e discriminação, entre os dois países, com certeza no Brasil somos mais cruéis, é um país onde a discriminação e o preconceito está marcado pela pobreza e pelas desigualdades que existe no Brasil, somos um país muito desigual, economicamente claro que isso vai quebrar do lado mais fraco que somos nós, as memórias onde eu travesti estou no meio desse furacão”. A entrevistada (3) segue dizendo “no Brasil o preconceito e a discriminação é muito grande, lá eles matam travesti só pelo fato de ser travesti, todos os dias matam travesti no Brasil. Aqui em Portugal nunca tive problema algum com isso, nem com amigas”. A entrevistada (4) explicitou, “no Brasil tudo é sem lei, preconceito total, você tem que ter cuidado por onde vai andar para não ter problemas (...), em Portugal também sofri preconceito (...), acho que o preconceito que sofri até foi por causa da minha cor e não por ser travesti, acho que não perceberam. A entrevistada (5) revela, “no Brasil é mais latente, as pessoas olham e você percebe logo, é perceptível, tipo o uso do banheiro, no Brasil temos que usar banheiros masculinos (...), eu tive um problema no banheiro do trabalho num escritório onde a moça se incomodou por eu usar o banheiro feminino. Em Portugal, nunca senti preconceito, uso banheiros femininos”. A entrevistada (6) especifica, “no Brasil eu já percebi o preconceito comigo e com meu irmão na escola, o preconceito às vezes era dos professores. Na minha cidade, o preconceito e a discriminação por pessoas LGBTI é muito grande se você é gay ou travesti e for passando na rua pode ter certeza que alguém vai te xingar ou rir de você (...), isso é certo, era o que mais acontecia comigo, era só sair na rua para receber chacotas. Eu preferia ficar em casa e só saía à

noite. Aqui em Lisboa, nunca percebi questões de preconceitos, também Lisboa é capital, existe muita mistura de raças, aqui vou onde quero, uso banheiro feminino, provador feminino, vivo uma vida como mulher que sou”.

Quanto ao preconceito e discriminação todas as entrevistadas referem que no Brasil está mais presente e as travestis são, não só discriminadas como violentadas. Em Portugal apesar de sentirem que ainda são vistas como pessoas “não normais”, não sentem que haja atitudes violentas para com elas.

Quanto à participação em movimento LGBTI, a mestranda especificamente indentificou que das seis entrevistadas, somente duas delas participaram de movimento LGBTI no Brasil.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Em Portugal, somente uma entrevistada participa no movimento LGBTI como revela a entrevistada (6) “na minha cidade eu fazia parte do elenco de shows do evento, que na minha cidade é muito importante, é uma cidade ainda bem preconceituosa em relação aos LGBTI. Em Lisboa fui no ano passado junto com amigos que tenho aqui, foi a primeira vez que fui, este ano estamos já nos preparativos da marcha LGBTI de Lisboa. É o momento que podemos mostrar que existimos, que somos pessoas e precisamos de existir, ter emprego, educação (...)”.

3.1.1.4 Políticas Públicas: Brasil e Portugal

Saúde, educação, assistência social, lazer e segurança

Quanto à saúde, educação, assistência social, lazer, segurança no Brasil e em Portugal têm características diferentes, na ótica das participantes do estudo. A entrevistada (1) relata que “no Brasil tudo é mais difícil (...). A saúde é precária, a educação ainda tem muito a melhorar, assistência social até desconheço, a segurança é uma calamidade, a única coisa melhor no Brasil é o lazer (...), em Portugal tenho toda assistência principalmente na rede *ligth*, a educação funciona, assistência social também, acredita que eles vão na minha casa, até lubrificante e camisinhas eles levam, quanto à segurança considero Portugal um país seguro e por esse motivo também hoje estou aqui, o Lazer é perfeito, gosto dos esquemas de lazer das cidades portuguesas, das que eu conheço claro”. A entrevistada (2) mencionou, “no Brasil esse acesso a saúde é um pouco ruim, a educação também é precária, a assistência social, no Brasil eu considero a assistência ao cidadão válida, lá temos bolsa família, Universidade e auxílio para moradia. A questão da segurança não é das melhores. Em Portugal esses recursos são bem provenientes, e não tenho esses auxílios, mas a vida é bem mais tranquila” A entrevistada (3) revelou, “o acesso a educação no Brasil tem tido um crescimento significativo, o serviço público onde eu trabalho, garante o acesso à educação básica e ao nível superior. Quanto à saúde, em Manaus também tem tido um crescimento significativo, melhorando muito com um programa de marcação de consulta chamado de *Sisreg*, quanto a assistência social, o Brasil tem o programa bolsa família e o auxílio no gás, na moradia e no leite para as crianças, entre diversos programas sociais. Quanto à segurança no Brasil, ainda é precária esse é um dos motivos para não morar no Brasil. Em Portugal, existem algumas vantagens e desvantagens, quanto a assistência social não tenho nada a declarar, mas a saúde, a educação e a segurança são excelentes”. A entrevistada (4) mencionou, “no Brasil essa questão é mediana, lá eles têm assistência social com auxílio do Governo, mas a segurança é péssima. Em Portugal não conheço esses acessos”. Para a entrevistada (5) “no Brasil, não sei se eles têm esse acesso, porque vejo na TV só escândalo. Em Portugal percebo que esse acesso é obrigatório”. A entrevistada (6) explicou, “posso falar de mim, pois eu não gostava de ir ao hospital, porque toda vez era chamada pelo nome masculino e eu voltava para casa ...era muito complicado o acesso a saúde; em questão à educação, agora consigo ver meninas travestis estudando, pois, a maioria da minha época não tiveram oportunidade de permanecer na escola, algumas nunca

nem entraram na escola; hoje já está mais mudado, não está como precisamos, mais está melhorando. Em relação ao lazer, como disse antes, o meu lazer e os shows e o voleibol, eu participava de uma liga esportiva, acontece um campeonato todos os anos e eu sempre participei, jogando, isso é uma das coisas que sinto falta. Já a segurança é muito mínima na minha cidade, o exemplo maior foi agora há pouco tempo atrás onde meu pai foi sequestrado e em seguida assassinado, brutalmente. Então posso dizer que meu país não tem segurança não só para as travestis, e não tem segurança para nenhum cidadão. Aqui em Lisboa a segurança é ótima, se você tem algum tipo de problema e só ligar para a polícia e em pouco minutos já estão perto de você para a averiguação. As ruas estão sempre bem vigiadas pelos policiais, o trânsito é bem fiscalizado, acho perfeitamente aqui. Não tenho medo de estar na rua e acontecer algo de ruim. Saímos e voltamos sem medo, isso é muito bom”.

Quanto à saúde, educação, assistência social, lazer e segurança no Brasil e em Portugal todas referem que há diferenças significativas, pois no Brasil o acesso aos serviços é mais complexo e difícil e em Portugal não sentem tanto a dificuldade em aceder alguns serviços alegando que este é um direito que têm e que o podem usufruir.

Atendimento social

Nessa dimensão, a mestranda identificou que as participantes já foram atendidas e acompanhadas por um assistente social. Tanto no Brasil como em Portugal. A entrevistada (1) mencionou que no Brasil nunca tinha passado pelo atendimento de serviço social e sim em Portugal, “sim tenho assistência em casa e isso é muito importante”. A entrevistada (2) relatou, “no Brasil sim (...), quando estudava era acompanhada pelas assistentes sociais por causa do bolsa família. Em Portugal eu já fui à ONG onde recebo preservativo e faço os meus exames de rotina. Lá têm assistente social, foi ela que me ensinou como tirar o cartão de saúde daqui do país”. A entrevistada (3) relata que no Brasil já esteve em atendimento com assistente social, em Portugal nunca passou pelo serviço social. A entrevistada (4) revelou, “sim, minha família sempre foi atendida por este profissional por conta dos meus irmãos menores que estudavam. Em Portugal, recebi atendimento pelo serviço social quando precisei de documentos para casar, também para pedir o rendimento mínimo quando fiquei desempregada, uma vez aqui. Naquele momento foi muito bom esses serviços para mim, que não sabia como fazer”. A entrevistada (5) referiu, “no Brasil não, em Portugal sim tenho, o atendimento é lá no espaço Intendente, toda vez que preciso ou tenho dúvidas de alguma coisa, eu vou lá e passo no serviço social”. Para entrevistada (6), “no Brasil o contato que tive com assistente social foi no período que minha mãe estava interna em um hospital, era a assistente social que nos passava as informações

sobre diárias dos plantões e também foi a assistente social que nos deu a notícia do falecimento de minha mãe, também foi o serviço social que nos ajudou nos procedimentos a tomar naquele momento, aqui em Lisboa vou sempre ao espaço Intendente, lá têm assistente social, é com ela que pego preservativos e sou acompanhada por eles”.

3.1.1.5 Condições de vida Brasil e Portugal

Residência

Todas as entrevistadas quando chegaram a Lisboa, foram morar com outras travestis ou amigos, como refere a entrevistada (1) “quando cheguei a Portugal, fui morar com um amigo, nesse periodo comecei a fazer programa, e logo consegui o meu espaço minha casa, depois conheci um rapaz que hoje é meu esposo, pois casamos e agora estamo-nos organizando para comprar a nossa casa própria”. A entrevistada (2) revelou, “quando cheguei a Portugal fui morar com essa amiga que me ajudou a chegar aqui, fiquei com ela o tempo para aprender a viver e me virar aqui. Depois consegui esse apartamento aqui em Lisboa”. A entrevistada (3) mencionou, “quando cheguei a Portugal fui morar com uma amiga, logo depois conheci meu marido e fui morar com ele”. A entrevistada (4) explicitou, “quando cheguei a Portugal fui morar com amigos, que já conhecia desde o Brasil, foi nesse período que comecei logo a trabalhar na limpeza depois fiquei desempregada fui fazer programa, depois casei e fui morar com o marido (...), moramos eu, ele e os pais dele. Temos uma ótima convência, desde o início do namoro, os pais dele e ele sempre me respeitaram”. A entrevistada (5) relata também ter morado com um amigo e hoje vive e trabalha no seu próprio apartamento. A entrevistada (6) revela, “quando cheguei a Portugal, fui morar com uma amiga, nesse período comecei a fazer programa, logo conheci um cliente que acabou sendo meu amigo e me ajudou a alugar o meu apartamento onde eu vivo hoje, e divido o aluguer com mais duas pessoas que são amigos, que convidei para vir morar comigo, na verdade eles são a minha família aqui, moramos juntos e conseguimos viver bem. Conhecemos a maioria dos vizinhos, nunca tive problemas com eles, os europeus são muito discretos, e respeitadores, não se preocupam com a vida dos outros”.

3.1.1.6 Projetos futuros

Projetos de vida para 5 ou 10 anos

Especificamente nessa questão, a mestranda identificou que os projetos futuros das entrevistadas estão relacionados com a família, elas procuram crescimento e desejam permanecer em Lisboa. A entrevistada (1), mencionou que “um desses projetos é trazer minha família e legalizá-los, acho o Brasil muito violento e quero tentar trazer a minha mãe e a irmã, minha irmã tem profissão e será fácil a inclusão social dela em Portugal”. A entrevistada (2) deseja que, “em 10 anos já ter construído tudo que desejo, como casa e uma boa poupança e muita saúde”. A entrevistada (3) informou, “quero construir minha vida em Portugal e trazer minha família para aqui”. A entrevistada (4) relatou, “quero fazer a minha família crescer aqui”. A entrevistada (5) menciona, “Sim tenho, mas é algo relacionado a família”. A entrevistada (6) explicitou, “meu projeto de vida de 5 a 10 anos, é ter os documentos para permanecer aqui legalmente, através dos meus recibos, ter uma casa e ter vida confortável, seja nesse trabalho ou em outro”.

Velhice

Nessa dimensão a mestranda percebeu que todas as informantes desejam ter uma boa aposentadoria, ter negócios no Brasil, mas continuar a viver em Portugal, com saúde e qualidade de vida. A entrevistada (1) mencionou que deseja ter “um bom pé de meia e com a família ao lado”. A entrevistada (2) mencionou que deseja, “com saúde e ter meu lazer que hoje é conhecer os lugares, cidades, países da europa”. A entrevistada (3) mencionou seu desejo de “uma boa aposentadoria no Brasil, mas desfrutar em Portugal”. A entrevistada (4) menciona que seu desejo é estar “ao lado do meu companheiro, com a nossa família”. A entrevistada (5) revelou o desejo de estar “saudável com uma boa aposentadoria”. Para a entrevistada (6) “espero poder envelhecer bem, com saúde, independência, isso é muito importante hoje em dia”.

Para Foucault (2010), o envelhecimento passa, ideologicamente, a ser posto pelas travestis como uma questão individual, isto é, desloca-se para o sujeito toda a responsabilidade pelos problemas que possa estar enfrentando no seu envelhecer e que, na realidade, são questões de caráter político, social e económico”. Numa sociedade que não se rende ao “inevitável” e se alimenta de vender o “desejável”.

3.1.1.7 Integração e relações sociais

Estratégia de integração social junto da sociedade portuguesa

Especificamente nessa questão, a mestrandas pode identificar as mais variadas formas de integração utilizadas pelas entrevistadas, como podemos observar pelos relatos: Para a entrevistada (1), “sim essa integração se faz todos os dias por meio do convívio, os Portugueses são pessoas de fácil integração, de início são mais observadores, calados, mas depois se gosta de você, são bons amigos, eu mesmo tenho meus vizinho aqui do meu andar, do andar de cima, aqui onde eu moro tem um centro comercial em baixo, todos me conhecem, dão bom dia, boa noite, perguntam como você está, como foi o fim de semana, se eu passar uns três dias sem ir no mercado, a senhora do caixa já pergunta o que se passa (...), estas coisas são maravilhosos para uma travesti que sempre sofreu com o preconceito”. A entrevistada (2) mencionou, “eu acredito que (...) parte de nós, temos que interagir junto das pessoas que estão à nossa volta, cumprimentando, sendo educada (...), só assim conquistamos na sociedade, o nosso espaço, (...), minha estratégia sempre é em prol da boa vizinhança, se você tiver bons vizinhos é como ter a família perto”. Para a entrevistada (3) “a estratégia começa pelos estudos, onde convivemos com a sociedade portuguesa, tem melhor local para interagir?”. A entrevistada (4) referiu que “isso é muito relativo, acho que essa estratégia deve partir da convivência com as pessoas, acho que só busca integração quem quer viver aqui”. A entrevistada (5) referiu, “todos os dias busco essa estratégia de integração com o convívio. Tenho muitos amigos. Frequento os cafés perto de minha casa onde todos me conhecem e me respeitam como uma pessoa normal como todos que frequentam lá”. A entrevistada (6) concluiu “sim, com certeza, as travestis que conheço são super engajadas nessa coisa de interagir com o país onde vivem, vejo as travesti muito focadas em participar na sociedade como um todo”.

Podemos referir que para as entrevistadas a integração passa pelo convívio e o bom relacionamento com os portugueses; salientam que a população portuguesa é afável e atenciosos para com elas.

~

Relação entre o Estado e Sociedade

Quanto à relação entre o Estado e a Sociedade Portuguesa e Brasileira, para as entrevistadas, em Portugal esta relação flui de maneira mais transparente, já no Brasil as coisas não se relacionam muito bem entre Sociedade e Estado como observamos nos relatos das entrevistadas. A entrevistada (1) mencionou, “eu particularmente não entendo muito bem disso, mas em Portugal uma boa relação, que eu vejo, é ao nível da educação, todos aqui estudam, as crianças crescem aprendendo inglês na escola e em casa, os canais de TV são educativos, ao contrário do Brasil, parece que o governo não quer ver a evolução da população, como se não pudesse ter o direito à vida, é estranho isso, isso falo de uma pessoa *xis*, imagina para uma travesti, que tão pouco consegue chegar na porta da escola”. A entrevistada (2) pontuou, “em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade, é uma relação de parceria onde o povo foi educado para isso, (...), eu não entendo muito, mais aqui quando o povo não é de acordo como o que o governo coloca, o povo vai à luta para mudar o que lhes incomoda, no Brasil o povo não é educado para isso porque não teve acesso à educação (...), o povo aprendeu aceitar tudo que é imposto, agora que temos uma parte da população reivindicando as coisas no Brasil, mais a opressão do outro lado também é bem forte nessa luta de direitos, é uma pena. A mesma segue mencionando, “Portugal está cada vez mais em crescimento económico, está cada vez melhor (...), isso desperta o interesse de imigrar para aqui, foi o que eu fiz, a facilidade com o idioma, as boas relações com o Brasil, isso nos facilitar o acesso e a busca de uma vida melhor, aqui eu acredito que toda a travesti que vem para Portugal busca isso, dinheiro e segurança, o que o Brasil não nos oferece”. A entrevistada (3) explicou que “em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade tem características económico-sociais da população bem definidas, no Brasil essa relação não tem uma definição plausível por conta do individualismo dos governantes”. A entrevistada (4) revelou que “em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade é perfeita, no Brasil essa relação é complicada, pois o Estado e a Sociedade não buscam o mesmo interesse, acho que a questão da igualdade social dos dois países é bem diferente. Aqui, apesar de tudo consegui comprar a minha casa, coisa que eu não ia conseguir nunca no Brasil com o trabalho que eu tinha que é o mesmo que tenho aqui”. A entrevistada (5) mencionou, “em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade é bem visível. Aqui existem muitos benefícios para quem já possui documento português, eles têm muitas oportunidades para ter um emprego, aqui vejo que todo mundo trabalha, eu mesma quando consegui o meu documento vou também ter um trabalho, no Brasil essa relação não tem muita parceria (...) se é difícil um homem ou mulher ter um trabalho, imagina eu que sou travesti”. A entrevistada (6) explicitou que “em Portugal,

a relação entre o Estado e a Sociedade no meu entendimento é bem ampla, percebo que o Estado busca transparência nas relações com a Sociedade. No Brasil, os escândalos do poder público são amplos e por meio disso, acaba afetando todos”.

A democracia e práticas

Nesta questão foi perceptível que a democracia é uma cidadania onde há o conjunto dos direitos políticos de que usufrui um indivíduo e que lhe possibilita intervir na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na escolha dos administradores públicos, seja ao votar (direto), seja ao concorrer a cargo público (indireto). Com isso onde a democracia brasileira está interrada junto à corrupção actual, e deste modo os indivíduos migram para países com mais democracia política e social como podemos observar nos relatos das entrevistadas. A entrevistada (1) revelou que “no Brasil não vejo democracia (...), Portugal é um país pequeno, posso até dizer o mais pobre da Europa, mais e muito acolhedor, organizado, uma segurança impecável, um país com uma economia onde você pode ir ao mercado com 20 euros e vai fazer compras para no mínimo dois dias, ou seja as necessidades básicas aqui são bem garantidas isso me fez ficar aqui e não voltar para o Brasil”. A entrevistada (2) mencionou, “no Brasil essa relação de democrática não existe podemos ver na televisão bandidos soltos e pai de família preso, políticos corruptos absolvidos, leis que não funcionam, pobres nas universidades privadas e os ricos nas públicas, (...) está tudo errado, no caso Portugal é um país onde as discussões sobre a sociedade civil não é tratada isolada existe a união Europeia, o governo só estabelece uma decisão se a União Europeia aceitar isso é muito bom pois o governo não prejudica o país”. A entrevistada (3) revelou, “o governo brasileiro não é democrático, deveria, (...) em uma sociedade capitalista: a regulamentação democrática da vida não poderia ser atingida sob as restrições impostas pelas relações capitalistas de produção, portanto considero necessário transformar a própria base da sociedade para criar a possibilidade de uma “política democrática no Brasil. Em Portugal, essa democracia é válida e não tenho muito o que comentar”. A entrevistada (4) explicitou, “no Brasil sabemos que não existe democracia, vivemos cada um por si, um país praticamente sem lei, onde morre no mínimo uma travesti por dia, vítima de ódio só por ser travesti, é muito triste para os dias actuais, estamos num novo momento de liberdade de expressão, (...) o povo brasileiro está ferrado na forma que vivemos hoje, Portugal pode não viver em total democracia, mais conseguimos perceber que as desigualdades são menores em comparação ao meu país, ou estão bem escondidas que não consigo ver”. A entrevistada (5) mencionou que “no Brasil a

sociedade é desafiada a ser democrática, em Portugal nasce-se democrático”. A entrevistada (6) relatou, “Portugal é um país democrático onde tudo funciona, o poder público presta contas por meio das relações entre o Estado e a Sociedade, o Brasil nesse aspecto se perde em vão, prefiro não comentar, acho que o Brasil para ser ou estar numa democracia tem que começar pela honestidade e sabemos que isso por lá, está difícil”.

3.1.2. Análise de conteúdo e discussão da entrevista à assistente social

Foi realizada uma entrevista semiestruturada à assistente social, técnica de rastreio (GAT) que trabalha no Espaço Intendente, no Centro de rastreio do GAT, com o intuito de conhecer como é realizado o acolhimento às travestis em Portugal, como funciona o serviço prestado e como é que os profissionais realizam este projeto junto destas pessoas.

Função da instituição e do serviço social

A função do Serviço Social é o acompanhamento das pessoas trabalhadoras sexuais, transexuais, travestis, gays, lésbicas e imigrantes de outros países.

A mestrada identificou que especificamente, o Espaço Intendente foi inaugurado a 25 de novembro de 2016 e é um dos Centros de rastreio do GAT.

Este Centro é dirigido a algumas das populações mais vulneráveis ao VIH e a outras IST, nomeadamente trabalhadores do sexo, pessoas trans, migrantes e a pessoas que dormem nas ruas. Embora o Centro seja direcionado a estas populações, está aberto à população em geral e oferece os seguintes serviços: 1) preservativos (externos e internos) e lubrificantes; 2) Aconselhamento pelos pares; 3) Rastreio pelos pares, anónimo, confidencial e gratuito para o VIH, sífilis, vírus da hepatite B e vírus da hepatite C; 4) Consulta médica confidencial e gratuita para o rastreio de clamídia, gonorreia, e aconselhamento de pessoas em profilaxia pré-exposição (PrEP) ou interessadas em iniciá-la, mediante agendamento prévio; 5) Administração de vacinas e antibióticos prescritos na consulta médica; 6) Referenciação, com opção de acompanhamento, aos cuidados de saúde no Serviço Nacional de Saúde; 7) Serviço de 'outreach' em apartamentos em Lisboa. É um Centro registado na Entidade Reguladora de Saúde.

Número de pessoas atendidas (utente/paciente)

Durante a entrevista com a assistente social foi possível identificar que não dá para mensurar ou descrever a quantidade exacta de utentes/pacientes atendidos no período de 2016 a 2018. Deu para identificar que os utentes estrangeiros que recorrem à instituição, registam-se por meio de documentos e são acompanhados da mesma forma que os Portugueses. A assistente social refere que as travestis procuram no Espaço Intendente conhecer como é o trato quanto à questão sexual local e que estas são orientadas quanto a esse trabalho sexual. O Espaço referido preocupa-se com a saúde de todas as pessoas. O Espaço é aberto a todos, ao contrário do Brasil onde esta questão é ainda muito burocrática, e em Portugal não se sente tanto.

Número de travestis atendidas

Especificamente quanto à quantidade de travestis atendidas foi possível identificar em média cerca de 500 atendimentos por mês; especificamente no caso das travestis e transexuais atendidas, são cerca de 100 pessoas em média por mês.

Acesso ao serviço pelas travestis

Com o intuito de conhecer como é o acesso ao serviço pelas entrevistadas, foi possível conhecer que este é realizado por meio de indicação de amigos ou de outras travestis que já utilizaram o serviço ou então é detectado no teste de rastreio, onde permite conhecer melhor cada uma.

Orientação que procuram as travestis no serviço social

Foi compreendido pela mestrandia que as travestis procuram atendimento no serviço social relacionado com a saúde e, muitas vezes buscam orientação para conseguir os documentos necessários para permanecerem no país e outras questões pessoais.

O serviço social consegue solucionar os problemas encontrados no atendimento

Durante a análise da entrevista com a assistente social foi possível identificar que as travestis conseguem solucionar os problemas por meio do serviço social por se tratar também

de uma instituição de saúde. A assistente social entrevistada revela “aqui, através do rastreio conseguimos atender e acompanhar a utente depois do diagnóstico e muitas vezes ajudamos a solucionar os problemas que trazem”.

Sobre questões de integração social

Especificamente sobre essa questão é pertinente dizer que a instituição tem parceria com outras instituições que auxiliam na integração social. Como revelou a assistente social, “temos parceria com outras instituições que auxiliam nessa ajuda. Apesar de ser um serviço de saúde conseguimos integrar as utentes em outros serviços de atendimento ao imigrante e que nos possibilitam essa integração”.

O serviço social consegue perceber o motivo das travestis imigrarem para Portugal

Especificamente sobre esta dimensão, a mestrande conseguiu perceber que a assistente social fez uma metáfora, sobre a vinda das travestis para Portugal “é uma questão muito pessoal de cada indivíduo, o que percebemos nos atendimentos é que elas buscam uma estabilidade financeira no seu país de origem, outras já buscam documentos para ter essa estabilidade aqui, elas falam que aqui, em Portugal têm muita segurança e mais qualidade de vida”.

O serviço social percebe no atendimento alguma questão de violação de direitos, exclusão ou violência

Quanto a esta análise, a assistente social revela que sim, como podemos verificar “principalmente quando relacionado com o trabalho sexual. Muitas utentes relatam que não sentem preconceito por serem travestis mais sim por serem trabalhadoras sexuais”. E este sentimento está presente no quotidiano das travestis.

Na ausência desta instituição o atendimento seria mais dificultoso

Especificamente sobre esta questão a assistente social refere que o seu trabalho e o da instituição é defender os direitos das pessoas e que na ausência de instituições voltadas e vocacionadas para estas pessoas e problemáticas seria mais difícil a ajuda e o acompanhamento

“é pertinente defender que, sem dúvida, seria muito difícil ajudar essas pessoas na ausência da instituição, pois muitas estão irregulares no país”.

O serviço social consegue realizar alguma acção para aproximar as travestis a integrarem na comunidade portuguesa

Podemos constatar que o serviço social consegue realizar e aproximar as travestis à comunidade portuguesa, para que estas se sintam mais integradas. Como revelou a entrevistada, “sim, o facto de elas gostarem de sair e da forma como conseguem o dinheiro para a sua sobrevivência não interfere nas relações sociais com os vizinhos e os amigos portugueses. E a instituição tenta fazer com que todo cidadão aceda e se sinta bem, até porque o acesso aqui é para todos”.

Quantos assistentes sociais trabalham na instituição

Especificamente sobre esta questão foram identificadas três assistentes sociais na instituição GAT e uma no Espaço Intendente, totalizando quatro técnicas de Serviço Social.

A atuação do Serviço Social em Portugal

Nesta questão a mestrandia percebeu através da entrevistada, “que o serviço social ainda caminha em pequenos passos aqui em Portugal, ainda há muito para construir com a profissão, que ainda não tem uma Ordem, mas no terreno conseguimos desenvolver as atividades do serviço dentro de um cronograma que responda às necessidades dos utentes e a maior dificuldade é termos poucos colaboradores no serviço, que impossibilita maiores atividades no Espaço com as utentes”.

Respeito pelo nome social

Quanto a esta análise, o nome social das travestis é respeitado, como menciona a assistente social, “o nome social aqui no Espaço Intendente é respeitado, além do respeito que temos aqui com todas as utentes (...)”.

3.2 Síntese conclusiva das entrevistas

O conteúdo das entrevistas destinou-se a identificar as dificuldades no processo de socialização das travestis que migraram do Brasil para Portugal e, permitir relacionar as dificuldades passadas com a realidade presente, afim de conhecer quais as estratégias de integração e relações sociais das travestis participantes do estudo.

Estas perspectivas são necessárias para garantir os cuidados de si e das outras pessoas, que demandam os mesmos níveis de liberdade, portanto essas trocas, de relações estão, tanto no cuidado com você e com o outro, marcados pelo compromisso de respeitabilidade nestas trocas, pois, Foucault menciona “(...) o cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse *êthos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros, ou seja, uma relação política e social (Foucault cit in Motta, 2010, p.271).

Saleiro (2013) refere que (...) “os meandros estéticos atravessam os compromissos éticos e políticos ao garantirem as muitas possibilidades das pessoas se apresentarem socialmente, culturalmente e fisicamente, com seus discursos, suas corporalidades, no contemporâneo. Pois, referendadas aqui, pela diferença do ser travestir, as muitas estéticas não têm a ver com a dureza biológica e, sim, estão no plano das sensações, dos desejos, das corporalidades e em o que pode e quanto cabe num corpo (Saleiro cit in Ramalho, 2015, p.213), portanto o que faz questionar não só os princípios basilares de justiça social e direitos humanos da própria profissão, como as próprias políticas sociais onde o serviço social se insere.

São relações que afetam e são afetadas nos quotidianos da sociedade e, de maneira a garantir as sobrevivências, felicidades e potências de vidas de todas as formas e estilísticas das existências, pois (...), o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como as exigências de sociabilidade – incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo -, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis (Butler, 2018, p.16).

As travestis são centauros urbanos, duas vidas em um corpo só, não confundir as travestiS com a caricatura das *Drag Queen*, a travesti tem orgulho de ser quem é, a travesti não é uma descaída, ela é uma afirmação de identidade, a travesti não é da área moral, ela se inclui na área artística, há algo de clone nas travestis pois elas nascem de si mesmas de dentro para fora, quem está “nua” na esquina, o homem ou a mulher que existe? O que oferece ao travesti o homem que a procura, a chance de ser a mulher de uma mulher? A travesti não é simples e doce há um lado criminal nas travestis, pois elas têm coragem de ser duplas e viver o terror e a glória no centro da madrugada, é uma “*Marilyn Monroe*” de botas no meio dos faróis, portanto

a travesti é um fenómeno que nos fascina porque assume a verdade de ser quem é (Arnaldo, 2018).

Jayme refere que (2001, p.3), “estas prerrogativas teórico-metodológicas marcam os muitos tons e nuances na/da pesquisa, por buscarem linhas ou processos de subjetivações, que batalhem pela vida, pelas equidades de direitos e por disparar novos fios nas produções dos conhecimentos. São ferramentas que podem alargar, avançar, problematizar as muitas teorias vigentes e com isso oferecer mais possibilidades para o pensar sobre as vidas”.

As brasileiras travestis imigram para um país que tem diagnóstico clínico para se ser “travesti” ou seja, procuram respeito quanto ao nome social e à vida não convencional como muitos gostariam, no entanto, as travestis entrevistadas encontraram em Portugal um País com igualdade social, com excelentes políticas públicas, portanto elas compreendem essas experiencias sociais como uma transição de igualdade, onde buscaram melhores condições económicas, sociais e culturais.

Os principais fatores que as levaram a sair do Brasil e a imigrarem para Portugal e assim identificarem-se com a cidade de Lisboa foi que conseguiram escapar à violência urbana da (discriminação, preconceito) e de vulnerabilidade social. As travestis conhecem os tipos de atividades sociais e económicas desenvolvidas na cidade de Lisboa e todas têm boas relações sociais com a comunidade portuguesa.

Quanto à saúde, educação, assistência social, segurança e lazer referem que este é um direito de todos e é dever do Estado garantir mediante políticas sociais e económicas que visem a redução do risco de doença e de outros problemas.

Saleiro (2013), numa clara inspiração das abordagens etnometodológicas e interaccionistas, que já são, na sua essência, desconstrutivistas, a autora concebe o género como um “estilo corporal”, um “acto”, o qual é intencional e performativo, em que “performance” sugere uma construção de significado dramática e contingente. Mas vai bem mais longe ao considerar que o próprio corpo não é um “being” (uma entidade ou um ser estável), mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo de hierarquias de género e heterossexualidade compulsiva (idem). Para Butler (...), não faz sentido pensar a materialidade do corpo fora do processo de construção, simplesmente porque é impossível colocar-se fora dos quadros de referência culturais – ou, para sermos mais precisos, os da linguagem e do sentido – que articulam a experiência para obter essa materialidade (Butler, 2018, p. 65).

A existência e aceitabilidade social das pessoas travestis é, por isso, reduzida a espaços públicos específicos e, por vezes, somente em determinados períodos do dia, os seus espaços e territórios são considerados frágeis, temporais, migratórios e hostis. Nestes incluem-se clubes,

bares, espaços performativos ou contextos de trabalho sexual bem como espaços de tecnologia de informação como websites ou chat rooms (Ramalho, 2015).

Esta intolerância e discriminação verificada para com as pessoas travestis favorece a sua vivência num processo perpetuado, muitas vezes, na pobreza e é neste entendimento que o comissário para os direitos humanos do Conselho da Europa refere que têm sido ignoradas e negligenciadas as situações das pessoas travestis, pois, os problemas que enfrentam são graves e, muitas vezes específicos deste grupo particular (Saleiro, 2013). As pessoas travestis experimentam um alto grau de discriminação, intolerância e até violência. São violados os direitos humanos básicos, incluindo o direito à vida, o direito à integridade física e o direito à saúde.

Quanto às travestis entrevistadas, não se verifica nos discursos, um grau de violência e discriminação tão elevado como referem os autores mencionados.

No que se refere à entrevista efetuada à assistente social, ela enfatiza que as travestis buscam conhecer melhor o território em que vivem, por conta da discriminação e por violarem o sistema de sexo e género; seja por se prostituírem nas áreas nobres ou depreciadas dos grandes centros urbanos. É nas ruas que elas interagem com outras travestis, clientes, moradores, dos territórios onde vivem, com quem estabelecem uma forma de comunicação mediada pelo corpo, e nesse processo de interação social efetiva-se a prática de troca do que se denomina informação social.

O serviço social por meio do Espaço Intendente deixa aberto aos indivíduos o processo de conhecimento das questões sociais relacionadas com a saúde do cidadão; a assistente social deixa claro que a saúde é para todos, e que qualquer indivíduo que procure essa integração encontrará as portas abertas para a comunidade e para todos os que queiram participar, lembrando que o Espaço Intendente faz uma interação conjunta com outros espaços, fazendo com que todos interajam entre si, e que consigam encontrar respostas para cada demanda.

Como se pôde observar, essa troca de informações serve para que o indivíduo expresse o que pretende causar no outro, assim como aquelas que o outro formará sobre ele. Sendo o corpo para as travestis um aspecto chave do processo de identificação de género, e como esse corpo modificado desafia a condição biológica que as associa ao universo masculino, tem-se uma fonte capaz de transmitir uma diversidade de informações para a sociedade.

Muitas são as fontes transmissoras da informação social, sendo a mais relevante o próprio sujeito, que por meio de expressões corporais, atitudes, modo de vestir e pela aparência física está a falar de si mesmo. Evidentemente todo o processo de integração social é em si um processo comunicativo, permeado pelas inferências que os atores sociais podem fazer através do que lhes é informado.

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informações a seu respeito ou trazem o que já possuem. Estarão interessados na situação sócio-económica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, entre outros. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bens práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada sabendo que encontram apoio naquele local. A assistente social tem como princípio o respeito e a auto ajuda a todos os que procuram o atendimento social.

Conclusão

O presente trabalho pretendeu compreender as experiências sociais de travestis brasileiras que imigram para Portugal, para a cidade de Lisboa, procurando melhores condições económicas, sociais e culturais.

A decisão de imigrar para Portugal conforme as travestis é muito a questão social, uma vez que as mesmas buscam melhores qualidades de vida. No Brasil tudo é mais difícil, a saúde é precária, a educação ainda tem muito a melhorar, a assistência social e a segurança é uma calamidade, a única coisa melhor no Brasil é o lazer.

Como um todo, as travestis dizem que no Brasil somente a organização social funciona, por conta dos benefícios disponibilizados pelo governo federal, como a bolsa família, o auxílio ao gás, o leite para os filhos e atribuição de bolsa universidade. As lutas das travestis pela justiça social e direitos humanos de uma forma mais ampla e promoção de cidadania faz com que elas migrem para outros países.

Foi de suma importância conhecer os fatores que levaram as travestis saírem do Brasil e imigrarem para Portugal. Num contexto onde estas imigrantes gozam politicamente de uma posição privilegiada em Portugal, assim foi perceptível que, para além da origem étnica, são as próprias características sociais entre as travestis que partilham a mesma nacionalidade que se revelam estar relacionadas com o processo legal de entrada em Portugal e, ainda que parcialmente, com o estatuto legal atual.

As travestis enfrentaram inúmeros problemas quanto à transformação do corpo, e relataram inúmeras questões, as principais foram: preconceitos, violências e discriminações, o maior problema enfrentado pelas travestis, foi em relação à saúde, à escola, à família, aos amigos e ao lazer. A discriminação foi o ponto chave das respostas, pois a identidade se constrói na relação entre a categorização pelos não-membros e a identificação com um grupo étnico particular. As especificidades contextuais que vão sucessivamente operando nas vidas das travestis são marcas irreversíveis de uma autobiografia tumultuada e sofrida, atribuem as mesmas um enquadramento no grupo potenciado por inúmeras afinidades entre os seus membros, acabando por conferir viabilidade comunitária a projetos individuais.

Quanto à cultura local as travestis não apresentaram em suas entrevistas dificuldades no processo de aprendizagem de novos significados e habilidades, paralelo no sentimento de ser aceito, pode ser chamado de “choque cultural”. É o “choque” mais frequente pelo qual as imigrantes travestis passaram, e foram avaliados os graus de incerteza que tiveram após sua

chegada em Portugal. Esse estranhamento foi latente nas verbalizações em relação a família; amigos; escola e lazer.

Embora travestismo seja o termo na língua portuguesa mais correntemente utilizado para referir as situações de descoincidência percebida entre sexo e género, a expressão de género “travesti”, uma das que mapearemos na sociedade portuguesa (à semelhança do que acontece na América do Sul) representa apenas uma das formas possíveis de transvestismo, ou seja, uma das expressões de género em que existe a prática de adopção de vestuário e comportamentos socialmente atribuídos ao sexo “oposto” ao da pessoa em causa. Transvestismo terá assim paralelo, ora com o sentido lato, ora com o mais restrito do moderno transgénero, mas em ambos os casos mais alargado do que o de “travestismo” quando remetido especificamente a travesti.

A inserção na cultura portuguesa foi de extrema valia para todas as travestis que vislumbram uma melhor qualidade de vida, na questão família, amigos, saúde, segurança e lazer.

A produção brasileira sobre as travestis revelou-se especialmente revelante para o presente trabalho quando nos confrontamos com formas de transgressão do sistema de sexo/género que são atravessadas por “outros” tempos e espaços da modernidade (precisamente as formas mais tradicionais de trans na sociedade portuguesa, também aqui designadas de “travesti”), mas também por uma característica típica da modernidade, que são as intercepções e trocas simbólicas ao nível global, com a própria penetração, no contexto nacional, do universo de significados sobre o trans-género em vigor no Brasil (mais acessível pela partilha da língua, nomeadamente nos conteúdos na internet, e, presencialmente, pela interacção em espaços de vivência trans).

Portanto a concretização dessas especificidades a partir das quais indivíduos concretos e reais em interacção procuram emergir como sujeitos reconhecidos e autoexplicados como tais. Essas travestis interagem socialmente e operam essencialmente no seio do grupo, facto que lhes permite maiores possibilidades de aproveitamento estratégico de oportunidades e isso revela-se desde muito cedo nas suas vidas.

Na cidade de Lisboa, as travestis brasileiras conseguem escapar da violência urbana (discriminação, preconceito) e de vulnerabilidade social, das políticas públicas que se referendaram através, principalmente, das contribuições e contestações destas organizações frente às desigualdades de expressões de géneros, sexualidades e corporalidades, com vários marcadores sociais de estigmas, que estas pessoas sempre sofreram diante da vida.

As atividades sociais e económicas desenvolvidas pelas travestis Brasileiras na cidade de Lisboa, parte das ações e projetos futuros das mesmas, onde elas se relacionam, sexualmente, artisticamente e profissionalmente com um intuito de melhorar a sua qualidade de vida. Estas

estratégias e posições de vida, especificamente das travestis, são modos como operam suas organizações no que tange ao resistir às exclusões. O retorno aos processos escolares e os processos de conhecimentos que a vida lhes oferta, de modo muito mais potente onde a escola faz parte, e transforma em pessoas de luta quotidiana e seus conhecimentos/ensinamentos precisam ser levados em conta.

As relações sociais com a comunidade portuguesa e suas estratégias de integração, dimensão cultural foi o que ajudou as travestis brasileiras a perceber o efeito bola de neve que algumas categorias das variáveis sociais, mas também políticas, assumem na compreensão da forma como o espaço cultural está organizado, podendo acentuar ou minimizar contrastes culturais e institucionais e reforçar ou atenuar os efeitos de etnicização das sociabilidades entre o país de origem e Portugal tendo em vista as razões culturais frequentemente apontadas à falta de união entre os brasileiros escondem, também o ponto de vista, das diferenças de natureza social subjacentes.

Por fim, são as dissidências femininas que transpõem as práticas e desejos para as lutas pela manutenção da vida, sem suas práticas de desejos e anseios, muitas vezes, significadas como políticas de defesa pelas diferenças, que recusa os estigmas e, ainda, separar com a afirmação da diferença e luta pela igualdade, que se fazem, complementares e parte de uma história contínua muito embora, são as resistências feministas que agregam na luta pelas suas sexualidades e práticas sexuais outros elementos, como o uso dos corpos, pois, o movimento feminista é o espaço onde a diferença sexual se torna operacional por intermédio da estratégia de lutar pela igualdade dos sexos numa ordem cultural e econômica dominada pelo vínculo masculino homo-social. O que está em jogo é a definição da mulher como um outro que não seja um homem, é nesse contexto que o ser humano deve respeitar o livre arbítrio ao que o outro tem direito, “eu sou o que desejo ser”, e tenho as mesmas estratégias sociais que os membros convencionais da humanidade.

Independente do país, os espaços designados para as travestis busca uma interação informal com as mesmas, por meio de subsidios etnográficos, bem como o acesso social estruturado ao discurso das travestis, através das entrevistas, evidenciou a “travesti” como um termo onnipresente visível nos espaços sociais bem como a interação das mesmas em qualquer lugar seja no Brasil ou em Portugal.

Levando em conta o discurso captado formalmente, das seis entrevistadas, todas têm uma análise global de seus direitos e deveres, onde as travestis estão sobretudo presente no discurso do poder público, muito embora a descriminação ainda faça parte da raça humana como um todo.

Nesse aspecto é evidente que as travestis também tem um espaço social plausível, onde o serviço social em parceria com instituições públicas e privadas empenham-se para uma melhor aceitação destas pessoas na sociedade.

Seria pertinente evidenciar mais estudos acerca da questão “travesti”, como têm vindo a ocupar espaços mais consolidados, como se posicionar nas ciências sociais, e é evidente que o número de obras e de artigos publicados sobre a temática nos últimos anos, pelos números especiais de revistas científicas que lhes têm sido dedicados, bem como pelos vários encontros científicos exclusivamente dirigidos ao tema e as linhas abertas sobre a temática em encontros mais generalistas. Os aspectos descritos comprovam que os estudos relacionados com a expressão do que venha ser travesti de modo a que a integração social seja expectável tendo em vista o sistema dicotómico de sexo e género que definitivamente estão ligados, e devem deixar de ser pontuado como um estado psico-médico e sim como um fenómeno social. Este caminho já vem sendo percorrido nas ciências sociais em Portugal e o presente trabalho representa a continuidade desses estudos.

Bibliografia

- ABRAMOVAY, M. (Org.). (2014). *Escola e violência*. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas.
- AGABEN, J., A de. (2009). *A Sexologia em Portugal. A Sexologia Clínica*, Lisboa, Texto Editora.
- ALBARELLO, L (1997). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- AMARAL. (2015). *Do travestismo às travestilidades: uma Revisão do discurso acadêmico no Brasil no Brasil entre 2001-2010*. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 301-311.
- ARNALDO J. (2018). *Crônicas sobre as travestis brasileiras*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ry-O2D0HSR8..> Acesso em 14 de setembro de 2018.
- ANTUNES, P. (2010). *Travestis envelhecem?* Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- ANTUNES, C. (2013). A força do arco-íris. *Revista Veja*, São Paulo-SP, a. 36, n. 25, ed. 1808.
- AQUINO, A. (2016). *Entre umas e outras: Mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Santa Catarina.
- APA (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5ª ed.). Washington: American Psychiatric Association.
- ARAÚJO, S. (2010). *Adeus ao Corpo: Antropologia e sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. 6ª ed. Campinas: Papirus.
- ASSUNÇÃO, C; A. (1987). *Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia*. *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*, São Paulo, v. 4, n.1, p. 41-56.
- BARBOSA, B. C. (2013). *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARDIN, L. (1979). *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- BENEDETTI, M. R. (2011) *A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição*. *Boletín Ciudadania Sexual*, Peru, v. 11, p. 5-8.
- BENEDETTI, M. R. (2015). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- BENJAMIN, W. (2018). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Coleção Obras Escolhidas, vol. 1).

BENTO, B. (2016). “Corpo e Prótese”: Dos limites discursivos do dimorfismo. *Fazendo Gênero 7 – Sexualidade, corporalidade e transgenero: Narrativa fora da ordem.*

BORRILLO, D. (2012). *A homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2018). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*. – Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2º Relatório Sobre Violência homofóbica. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2013/junho/numero-de-denuncias-deviolencia-homofobicacresceu-166-em-2018-diz-relatorio>>. Acesso em: 22 fevereiro 2018.

BERKINS, M. (2013). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

BÓGUS, L. M. & BASSANEZI, M. S. (2018). “Brasileiros na Itália: Movimentos Migratórios e Inserção Social”, *Margem*, Faculdade de Ciências Sociais/PUC-SP, EDUC/FAPESP, Vol.10, 211-227.

BUTLER, J. (2002). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. (2018). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do —sexoll. In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

CABRAL, V; ORNAT, M. J; SILVA, J. M. (2013). *As Relações entre Espaço, Violência e a Vivência Travesti na Cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil*. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p.118-135. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext. Acesso em 22/05/2018.

CARMO, H.; FERREIRA, M. M. (1998). *Metodologia da investigação. Guia para autoaprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa.

CARNEIRO, P. (2018). “O transexual e as repercussões jurídicas da mudança de sexo.”, *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XI, n. 51, mar 2018. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2623, acedido em 14 de Junho de 2018)

CAMPUZANO, G. (2013). *Recuperação das histórias travestis*. In: CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie (orgs.). *Questões de sexualidade: ensaios transculturais*. Rio de Janeiro: ABIA.

COUTINHO, C. (2010). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Coimbra.

DURCAN, M. & Minas, T. (2017). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *CIES e-Working Papers* n.º 60.

FERRAZ, M. (2006). *Reflexão sobre a Metodologia da História Oral na pesquisa de Mestrado em Serviço Social: a busca da compreensão do caráter mediador das atribuições privativas da supervisão de campo de estágio pelo Assistente Social*. Universidade Federal do Pará. UFPA.

FERREIRA, G. G. (2014). *Travestis e prisões: experiência social e mecanismos particulares de encarceramento no Brasil*. Curitiba: Multideia.

FOUCAULT, M. (2010). *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1974. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências Sociais; 7). *A implantação perversa*. In: FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. V. 1. p. 37-49. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências Sociais).

FORTIN, M. (2013). *O Processo de Investigação: da Concepção à Realização*, 3ª ed, Loures, Lusociência.

FURLIN, N. (2018). *A Categoria de Experiência na Teoria Feminista*. Universidade Federal do Paraná. Rev. Estud. Fem. vol.20 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2018.

GARCIA, M. & Lehman, Y. (2017). Issues Concerning the Informality and Outdoor Sex Work Performed by Travestis in São Paulo, Brazil. Arch Sex Behav, 40: 1211-1221.

GUERRA, I. (2016). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentidos e Formas de uso*, Estoril. Princípia.

GONÇALVES, R. de C., LISBOA, T. K. (2017). *Ensaio sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida*. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 83-92.

HELLER, A. (2013). *O cotidiano e a História*. 8ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.

KULICK, D. (2013). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

JAYME, J. G. (2001). *Travestis, Dreg-queens e Transexuais: Identidade, Corpo e Genêro*. Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

JESUS, J. G. de. (2018). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Brasília*. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up_TRANS acesso em 30/01/2018.

JIMENES, R. (2018). *A informação social no corpo travesti (Manaus, Amazonas): uma análise sob a perspectiva de vida com um enfoque nas políticas sociais*, 38(2), 35-45. Manaus Amazonas.

LEITE, J. (2013). *Das maravilhas e prodígios sexuais*. São Paulo: Annablume / FAPESP.

LIMA, R. R. (2016). *Sexualidades disidentes: entre cuerpos normatizados y cuerpos lábiles*. La Ventana, 33, 42-72.

LOURO, G. L. (2018). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

- MARTINELLI, M. L. (1999). *Pesquisa qualitativa, um instigante desafio*, Veras Editora, S. Paulo.
- MARQUES, T. S. (2008). “Nossos Corpos Também Mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso médico científico”. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UFAM-Amazonas Manaus.
- MARQUES, B. B. (2014). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, 1ª Edição Ed. Garamond.
- MOIRA, A. (2015). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9.
- MOREIRA, C. D (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*, ISCSP, Lisboa.
- MOTTA, L. (2010). Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: UFRJ. p. 99-146.
- MOTT, L.(1997). *Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.
- _____. (2000 a). *Travestis: anjos ou demônios?* Brazil Sex Magazine, São Paulo, v. 7, n. 38, p. 40-41.
- _____. (2000). *A cena gay de Salvador em tempos de Aids*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.
- MOTT, L; CERQUEIRA, M.; ALMEIDA, C. (2015). *O crime anti- homossexual no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.
- NAVAS, K de M. (2011). *Travestilidades: trajetórias de vida, lutas e resistências de travestis como construção de sociabilidade*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- NOGUEIRA, C. & OLIVEIRA, J. (2016). Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero. Lisboa: CIG.
- OLIVEIRA, N. M. de. (2014). *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- OLIVEIRA, R. C. de. (2014). *Um conceito antropológico de identidade*. In: _____. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo:Pioneira, 1976. p. 33-51.
- ONU. (2017). Organização das Nações Unidas, ou simplesmente Nações Unidas, é uma organização intergovernamental criada para promover a cooperação internacional. *Discriminação de gênero*.

PADILLA, E. (2012). *Ética, sexualidade, política*. Organização de Textos Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PLAZA Medeiros, R. (2011). *Metáforas y articulaciones para una pedagogía crítica sobre la interseccionalidad*. Quaderns de Psicologia. 2014, Vol. 16, No 1, 55-72. Disponível em: <<http://quadernsdePsicologia.cat>>. Acesso em: 17 de ago. de 2018.

PERES, R. S. & BORSONELLO, E. (2015). Análise e a produção da subjetividade: considerações práticas e teóricas. *Revista Psicologia em Estudo*. DPI/CCH/UEM v. 5 n. 1 p. 35-43. 2000.

PEIXOTO, L. (2018). Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Anthropológicas*, 15(1), 123-154. *Revista LGBT*, de São Paulo Brasil.

PIRES, W.S. (2013). Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos. Quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). *Revista Periódicus* 1ª edição maio-outubro de 2013. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index>. Acesso em: 03 de set. de 2018.

POURETTE, D. (2015). *La prositution masculine et la prostitution transgenre*. In M.-E. 41 Handman J. Mossuz-Lavau (Dirs.). *La prostitution à Paris*. Paris: Éditions de La Martinière.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. V. (1992), *Manual de investigação em ciências sociais*, Gradiva.

RAMALHO, N., Silva, A., & Santos, B. (2015). A Intervenção Social com Populações “Desassistidas” em Contexto de Rua: O Caso do Projeto “Trans-Porta. *Revista Intervenção Social* 207-227.

RIOS, R. R. (2012). *Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação*. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

RIOS, R. R. (2010). *Prostitutas, michês e travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas consequências práticas*. In: FÁBREGAS- MARTÍNEZ, Ana Isabel; BENEDETTI, Marcos Renato (Org.). *Na batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa.

SALES, A. (2018). *Travestis brasileiras e escolas (da vida): cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades / Adriana Sales*. Assis, 310 p. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Dr. Wiliam Siqueira Peres. São Paulo.

SALEIRO, S. P. (2013). *Trans Gêneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de gênero*. Tese Doutorado em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia.

SÃO PAULO. *Decreto Municipal No 52.652*, de 16 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://cmspbdoc.inf.br/iah/fulltext/decretos/D52652.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

SÃO PAULO. *Centro de cidadania LGBT*. 2015. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/his>. em: 26 jan. 2018.

SCOTT, J. (2015). *A inviabilidade da experiência*. Projeto História (16), São Paulo, fevereiro de 2015.

SEF, (2015). *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Relacionado ao Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1989. Disponível em: <http://portal.datapodata.usp.br/-pluginfile.php/185058/mod_res> . Acesso em: 05 de set. de 2018.

SILVA, A. (2013). *Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social*. Revista Nufen, v. 5, n. 1, p. 12-25, jan./jul.

SIMPSON, K. (2015). “Movimento Social, Relatos de Vivências e Lutas Contra o Preconceito e pelo Direito à Saúde” in *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*.

TEIXEIRA, A. (2013). *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados* (Relatório de investigação). Porto: FPCEUP.

TEIXEIRA, F. (2013). *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia para construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

Apêndices

Apêndice I - Guião da entrevista às travestis.

Apêndice II -Transcrição da entrevista às travestis.

Apêndice III - Guião da Entrevista à Assistente Social.

Apêndice IV- Transcrição da Entrevista à Assistente Social

Apêndices

Apêndice I – Guião da Entrevista às Travestis

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS**ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS DIA:****DURAÇÃO:****LOCAL:****ENTREVISTADA ()****1.IDADE.**

() 20 a 25; () 25 a 30; () 30 a 35; () 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU**3. IDENTIDADE DE GÊNERO (COMO SE DENOMINA)**

() Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; () Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; () Negra; () Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

() Solteira; () Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; () Médio; () Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO**9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL**

() 1 SM; () 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

() Formal; () Informal; () Recibo Verde

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

() Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

() Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros Em

Lisboa moro em uma casa arrendada.

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA

14.1- Como foi sua infância e Adolescência? (Violência e Preconceito)

- Família;
- Amigos; Escola;
- Lazer;

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto? Quais?

14.3- Porque você se denomina Travesti?

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc)

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil/Portugal)

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal

15. POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dá o acesso à saúde, educação, assistência social, lazer e segurança no Brasil e em Portugal.

15.2- Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal)

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência?

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1- - Local onde vive

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos?

17.2- Pensa na velhice? de que forma?

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1- As travestis residentes em Lisboa em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

18.2- Como você classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

18.3- O ajustamento da transição demográfica em marcha apresenta alguma ocorrência mais intensa na sua emigração entre Brasil e Portugal?

18.4- Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?

Apêndice II -Transcrição da entrevista às travestis

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS

DIA: 23/03/2018

DURAÇÃO: 1h47min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (01)

Mora em Portugal-Lisboa a mais de três anos.

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; () 25 a 30; () 30 a 35; (X) 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU

Rio de Janeiro.

3. IDENTIDADE DE GNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; () Negra; (X) Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

() Solteira; (X) Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; (X) Médio; () Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil trabalhei como cabeleireira.

Em Portugal trabalho como trabalhadora do sexo e também como cabeleireira.

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; (X) 4-5; () 6-7; () acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Serviço Social

() Formal; () Informal; () Recibo Verde

R. No Brasil trabalhava informal

R. Hoje em Portugal realizo atividade como autônoma, aqui eles chamam de recibos verdes, pago meu imposto todo ano. E também realizo atividade como trabalhadora do sexo. esta atividade é informal pois a prostituição aqui em Portugal ainda não está regularizada.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros R.

No Brasil eu morava em casa própria dos meus pais.

Aqui em Lisboa eu moro em apartamento alugado, aqui eles chamam de arrendamento rsrs.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

() Própria; (X) Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA

14.1- Como foi sua infância e Adolescência ? (Violência e Preconceito)

- **Família;**

R. Bem minha família sempre me tratou com muito respeito, meus pais respeitavam, só minha mãe muito preocupada com a violência na rua, tentava sempre me manter em casa. O meu pai sempre comentava com minha mãe sobre o meu jeito feminino mais nunca foi assunto relevante dentro de casa. Com meus irmãos sempre brigamos como todos os irmãos brigam que é normal né. Mas sem rancor amo meus irmãos assim como eles me amam, e não me sinto discriminada nem excluída por eles.

- **Amigos; Escola;**

R. Nunca tive problemas com amigos, sempre brinquei com os meninos e com as meninas, sempre fui bem aceita assim. Agora o problema era com os pais dos meus amigos que não deixava eu brincar com eles por eu sempre ser assim bem feminina, Tive dois amigos um em especial Rodrigo, mesmo assim brincava comigo escondido dos pais. O outro o Jefferson também teve o mesmo problema.

A escola, sofri pouco por estudar na minha comunidade no ensino fundamental, e no ginásio também não tive muitos problemas, mas cheguei ter alguns mais nada muito relevantes.

Eu desde pequena já não usava o banheiro masculino nem o feminino na escola pra não ter problemas, lembro bem um dia a diretora descobriu que eu estava saindo da escola pra ir ao banheiro de um bar em frente da escola, e ela disse que não era pra eu fazer isso que já que eu não queria usar os outros banheiros eu podia usar o banheiro privado que tinha na escola, pra mim foi ótimo até tomava banho lá rsrs

- **Lazer;**

R. Sempre me diverti do meu jeito, nunca tive grandes problemas com isso. Meu lazer foi sempre minhas bonecas, e tenho bonecas barbie desde quando eu era criança, e hoje tenho mais de 200 bonecas rsrsr

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto ? Quais ?

R.No início foi Conturbada pela maldade dos que se diziam meus amigos. Por falsidade, falta de caráter de algumas pessoas, depois que comecei a tomar hormônios muitos amigos se afastaram de mim, foi bem na fase de transição mesmo, lembro até hoje a primeira vez que tive

uma maquiagem, foi engraçado fiz um trabalho como cabeleireira para uma amiga que me deu 20 reais pra escovar o cabelo dela, eu fiz a festa fui em uma drogaria e comprei maquiagens e hormônios daí em diante foi sempre assim. Nunca tive freio! Minha família já tinha percebido que era isso que eu queria e meu pai nunca falou nada então fui viver minha vida de mulher rsrs.

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque Travesti pra mim é, ter a aparência feminina, corpo bem feminino e ter pênis, não sou homem nem sou mulher, sou travesti. E Transexual pra mim já são as meninas que fizeram cirurgia de mudança seu sexo.

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. No Brasil no Rio de Janeiro, sempre o meu nome foi respeitado, meu nome de batismo é Cicero, alguns me chamam assim e outros de Débora, mas sempre respeitaram os 2 nomes. Na verdade eu pessoalmente nunca me inportei com a questão do meu nome, lógico que adoro meu nome Debora, mais não foi um fato exclusivo pra mim.

Em Lisboa nunca passei por nenhum constrangimento em relação ao meu nome não, aqui já posso mudar o meu nome também como no Brasil, mais pra vc ver que isso não me incomoda que eu nem fui trocar ainda, os Portugueses são bem educados eles respeita você como você está, se um português olhar pra você e ver você vestida de mulher com comportamento de mulher nunca que vão querer chamar vc de homem.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

R. No Brasil eu comecei e aprendi a trabalhar com cabelo em um pequeno salão de cabeleireiro perto da minha casa depois fiz um curso de cabeleireira, continuei neste salão ainda por algum tempo e depois fui para o meu próprio espaço e trabalhava como profissional autônoma, portanto não tinha férias e nem décimo terceiro salário, só ganhava se trabalhasse, não podia me dar o luxo de passar 40 dias em casa. Foi quando decidi juntar dinheiro para vir para Europa, minhas amigas falavam que aqui eu ia viver muito bem trabalhando como cabeleireira. Mais quando cheguei aqui foi bem diferente, era muito explorada no local onde consegui o meu primeiro trabalho e depois de três meses já neste local, não tive contrato de trabalho que iria me possibilitar conseguir ficar aqui com documento de trabalho, então foi quando comecei a fazer trabalho sexual pois já estava irregular no país e não consegui mais outro emprego, e só trabalhava com cabelo em casa e a domicílio, como faço até hoje.

Aqui em Portugal eu também sigo como Cabeleireira autônoma, e exerço a profissão mais antiga do mundo, como trabalhadora sexual. e consigo unir as duas profissões e viver minha vida tranquila.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc)

R. Sim eu sempre colaborei nas despesas de casa, hoje em dia bem menos pois minha mãe já recebe aposentadoria dela e do meu pai então a ajuda hoje e bem menos que antes.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Não no Brasil

Em Portugal Portugal já me inscrevi no centro de emprego e já fiz cursos de graça e ainda tive direito uma bolsa de auxílio para não faltar no curso é maravilhoso esse tipo de incentivo.

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. No Brasil sim esse tipo de sentimento preconceito e discriminação é mais latente, percebemos isso a toda hora a todo instante, eu sou do rio de Janeiro lá e muito perigoso eles te matam por nada, ainda mais travesti eles não toleram, a bicha lá tem que ficar quietinha no canto dela se não quiser morrer, eu quando vou ao brasil visitar minha mãe fico em casa, confesso q tenho medo de ir e nao voltar pra cá, isso me apavora.

R. Em Portugal nunca senti preconceito e nem discriminação por parte dos portugueses que eu percebesse não. aqui é outra cultura, é olha que q portugal e o menor país financeiramente da europa e mesmo assim você percebe o respeito pelas pessoas independente de como a pessoa é, aqui elas não ligam nem pra que tipo de roupa você veste imagina querer saber de sua sexualidade, aqui não vejo isso.

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal R.

Não nunca participei.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS**15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.**

R. No Brasil tudo é mais difícil isso já sabemos kk. A saúde é precária, a educação ainda tem muito a melhorar, assistência social até desconheço por não precisar, a segurança é uma calamidade, a única coisa melhor no Brasil é lazer, mais pra ter esse lazer merecido e preciso ter dinheiro, ao contrário o que vai te restar e a violência..

Em Portugal tenho toda assistência principalmente na rede de rastreio, que é um serviço de saúde que visita as casas para cuidar da saúde em geral das pessoas, recebemos preservativos e lubrificante para o trabalho e também encaminhamento caso preciso ir ao médico.

Educação funciona muito bem como exemplo que eu falei pra você dos cursos que são oferecidos aqui e ainda ganha dinheiro pra nao desistir.,

Assistência social também acredita que eles vão na minha casa, pergunta como estamos em relação às questões de documento essas coisas mais burocráticas que temos que ter aqui ela orienta como resolver.

Quanto a segurança considero Portugal um país muito seguro por esse motivo também hoje estou aqui, o Lazer é perfeito, gosto das praças, muitas coisas que você não precisa pagar para usar, parques museus etc, muita coisa mesmo, o lazer das cidades portuguesas, e maravilhoso e isso pra eles é a garantia do que é básico para a população

15.2. Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal

R. Conhecer sim participar não. Em Lisboa não frequento nenhuma organização.

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social ? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência ?

R. No Brasil Não em Portugal sim tenho assim tenho assistência em casa como falei antes, e isso é muito importante.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:**16.1 - Moradia e local onde vive**

R. Quando cheguei na europa fui primeiro pra espanha como o trabalho de cabeleireira lá não deu certo e também tinha problemas com o idioma resolvi migrar para Lisboa e aqui fui morar com um amigo e foi nesse período comecei a fazer programa, e logo consegui meu espaço minha casa, depois conheci um rapaz que hoje é meu esposo pois casamos e agora estamos nos organizando para comprar nossa casa própria.

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos ?

R. Sim tenho, um desses projetos é trazer minha família e legalizá-los, acho o Brasil muito violento, e quero tentar trazer minha mãe e irmã, minha irmã tem profissão e será fácil a inclusão social dela em Portugal, pois eu já estou aqui e posso ajudar melhor.

17.2- Pensa na velhice? de que forma ?

R. Com um bom pé de meia, e com a família ao lado.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 As travestis residentes em lisboas em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

Sim essa integração se faz todos os dias por meio do convívio. Os Portugueses são pessoas de fácil integração. de início são mais observadores, calados, mas depois que gosta de você são bons amigos, eu mesma tenho meus vizinho aqui do meu andar do andar de cima, aqui onde eu moro tem um centro comercial em baixo, todos me conhecem, dão bom dia boa noite, perguntam como você está como foi o fim de semana, se eu passar uns tres dias sem ir no mercado, a senhora do caixa já pergunta porque que se passa que eu sumi, essas coisas é maravilhoso para uma travesti que sempre sofreu com o preconceito, e muito bom viver com pessoas que querem e se importam com tua vida se está bem ou não, isso eu tenho aqui onde moro em lisboa.

18.2 Como você classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R. Eu particularmente não entendo muito bem disso, mais uma boa relação que posso dizer que o povo pode ter como boas relações com a população é a educação, todos aqui estão, as crianças crescem aprendendo inglês na escola e em casa, os canais de tv são educativos, ao contrário do Brasil que parece que o governo não quer ver a evolução da população e como se não pudesse ter o direito a vida, e estranho isso, isso falo de uma pessoa cis, imagina para uma travesti, que tão pouco consegue chegar na porta da escola.

18.3 Como você destaca a realidade integrada aos quadros econômico, social e político entre Brasil e Portugal?

No brasil não tem mais nem quadro já roubaram tudo, kkk falando sério, é um povo capitalista e sem noção. Portugal por sua vez tem suas divergências políticas sim porém tudo aqui se presta conta mesmo nao e prestação de contas falsa aqui tem que ter transparência e acima de tudo as leis funcionam muito bem.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?.

Acho que facilitou pra mim pelo uso do mesmo idioma, portugal é um país pequeno posso até dizer o mais pobre da europa, mais e muito acolhedor, organizado, uma segurança impecável, um país com uma economia onde você pode ir ao mercado com 20 euro e vai fazer compras para no mínimo dois dias, ou seja as necessidades básicas aqui são bem garantidas isso me fez ficar aqui e não voltar para o brasil. O Brasil não vejo democracia,! Portugal sim é democrático com grandes ideias.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS

DIA: 19/02/18

DURAÇÃO: 1h:45min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (02)

Mora a mais de 2 anos em Portugal-Lisboa

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; (X) 25 a 30; () 30 a 35; () 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU

Rio de Janeiro.

3. IDENTIDADE DE GÉNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; () Negra; (X) Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

(X) Solteira; () Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; (X) Médio; () Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil Tele marketing, nesse emprego eu trabalhei com contrato de trabalho e cabeleireira, trabalhei em um salão sem contrato de trabalho.foi neste período que eu comecei a pensar em querer vim pra Portugal.

Em Portugal, faço programa, convívio como os portugueses dizem para prostituição. Faço esse trabalho desde quando cheguei aqui, na verdade eu já vim do Brasil sabendo que vinha para se prostituir.

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; () 4-5; () 6-7; (X) acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

() Formal; (X) Informal; () Recibo Verde

R. Hoje eu sou acompanhante de luxo trabalho em apartamento privado é mais seguro.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros R.

No Brasil eu morava em casa própria.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

() Própria; (X) Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros Em

Lisboa moro em uma casa arrendada- alugada.

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA**14.1- Como foi sua infância e Adolescência ? (Violência e Preconceito)**

- **Família;**

R. Como todo início é difícil o meu não foi diferente mas hoje, temos uma relação saudável e sem problemas do passado. eu sofri muito com meus irmãos, eles são muito machistas, quando eles descobriram sobre minha travestilidade, eu lembro ter apanhando muito em casa. Como não tive pai acho q eles queriam me corrigir como se fosse o meu pai, mais isso não resultou nada, mesmo apanhando aos poucos fui assumindo minha identidade feminina.

- **Amigos; Escola;**

R. Amigos tranquilo, nada que desabonasse a conduta de ninguém. Eu sempre tive meus primos como amigos então pra eles tudo foi meio natural porque estávamos sempre juntos e também estudavam comigo. Acabou que eles até me protegiam na escola.

Na escola sempre ouvi burburinhos em relação a minha sexualidade, mas eu não me ofendia ou me importava com isso na hora mais depois era triste se sentir rejeitado por ser diferente deles como eles diziam. Isso não foi bom não confesso q fica marcado na gente.

- **Lazer;**

R. É primordial sempre fui e gosto das baladas do sábado a noite, gosto muito e não abria mão disso. Agora aqui eu tenho outro tipo de lazer e um lazer de dia, eu só saía à noite agora é diferente. Mais saudável mais fino rsrs.

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto ? Quais ?

R. Tranquilo pra mim né desde quando soube que era isso que eu queria comecei a tomar hormônios que uma amiga me falou , mais minha família sempre foi contra, tive ate que sair de casa para poder ser quem eu realmente era né. E muito difícil viu , logo depois apliquei silicone industrial nas nádegas e no seio. Era tudo que eu queria. Mesmo com o risco de morrer com isso eu fiz assim mesmo e amei o resultado. Sempre gostei de cabelo grande brincos, quando me olhei no espelho chorei de felicidade. Pois agora eu conseguia me ver de verdade.

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque se travesti pra mim é minha identidade, eu sou assim minha cabeça funciona desse jeito e eu me denomino do jeito que quero e que devo, pra isso serve o livre arbítrio.

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. Sim no Brasil sou conhecida como tal e sempre me respeitaram e chamaram pelo nome que eu me dei. Desde criança que muitas pessoas já me chamava assim. Se tive problema foi na escola, a escola era horrível, na hora da chamada de alunos, sempre tinha uma chacota quando o meu nome era chamado pelo professor. Foi difícil esse período da vida. Banheiro nem pensar, até hoje lembro das dores na bexiga que eu passei com medo de ir no banheiro da escola.

Aqui em Portugal nunca que eu passei por isso, aqui as pessoas te chamam de senhora, senhorita é um outro mundo.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

R. No Brasil eu fiz um curso de telemarketing trabalhei na área. Foi meu primeiro emprego. Trabalhava 6 horas por dia, era bem cansativo mais lá eles também me chamavam pelo meu nome feminino e também tinha crachá e usava o banheiro feminino.

Depois fui trabalhar em um salão como auxiliar de cabeleireiro e foi nesse período que conheci outras travestis daquela área, foi onde conheci a prostituição e o desejo de ganhar dinheiro na Europa. E foi quando eu vim com ajuda de uma amiga e consegui entrar e trabalhar aqui. Aqui em Portugal eu apenas faço convívio, com excelentes rendimentos. Hoje já tenho meu apartamento alugado tentando agora me regularizar no país que isso é importante.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc)

R. Sim agora eu colaboro bastante com minha família, antes eu não tinha condições de ajudar nem além mesmo, agora eu ajudo todos e tenho orgulho disso. Por mais que um dia eles me rejeitaram eu ajudo não tenho mágoas disso.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Sim no Brasil quando eu estudava eu recebia pelo Bolsa Família.

Aqui em Portugal não é nem preciso, mais quando se tem a residência aqui a pessoa já tem muitos direitos no país.

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. É uma questão bem distinta essa questão do preconceito e discriminação , entre os dois países com certeza no Brasil somos mais cruéis e um país que discriminação e o preconceito está marcado pela pobreza e as desigualdades que existe no Brasil somos um país muito desigual

economicamente claro q isso vai quebrar do lado mais fraco que somos nós as memórias onde eu travesti estou no meio desse furacão.

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal

R. No Brasil sim, fui uma vez mais por diversão mesmo aqui em Portugal nunca fui.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.

R. No Brasil esse acesso a saúde é um pouco ruim, educação também é precária, assistência social sim no Brasil eu considero a assistência ao cidadão válida lá temos bolsa família, Universidade e auxílio moradia. A questão da segurança não é das melhores.

Em Portugal esses recursos são bem provenientes, e não tenho esses auxílios, Porque ainda estou irregular aqui, mais aqui tem todas as assistências possíveis basta ter documento né. E se não tem como eu vou sempre as ONGs que aqui tem muitas e sou sempre atendida igual, mas a vida é bem mais tranquila. Quase nunca precisamos de ajuda-se de governo.

15.2. Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal

R. Conhecer sim participar não. Em Lisboa não frequento nenhuma organização.

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social ? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência ?

R. No Brasil sim quando estudadas era acompanhada pelas assistentes sociais por causa do bolsa família,

Em Portugal eu já fui na ONG onde recebo preservativo é faço meus exames de rotina. Lá tem assistente social, foi ela que me ensinou como tirar o cartão de saúde daqui do país.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1 - Moradia e local onde vive

R. Quando cheguei em Portugal fui morar com essa amiga que me ajudou a chegar aqui, fiquei com ela o tempo para aprender a viver e me virar aqui. Depois consegui esse apartamento aqui em lisboa, mais sempre estou viajando também gosto de dinheiro como disse pra você foi pra isso q eu vim. Aos poucos fui me adaptando e hoje adoro morar aqui. Fiz muitos amigos brasileiros portugueses até de outros países.

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos ?

R. Sim tenho, com certeza. Quero em 10 anos já ter construído tudo que desejo, como uma casa um sitio e uma boa poupança e muita saúde.

17.2- Pensa na velhice? de que forma ?

R. Penso com Saúde e ter meu lazer que hoje é conhecer os lugares cidades países da Europa.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 As travestis residentes em lisboas em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

R.Eu acredito que Sim mas parte de nós, temos que interagir, junto às pessoas q estamos em Nossa volta cumprimentando sendo educada só assim conquistamos na sociedade o nosso espaço. E a minha estratégia sempre é em prol da boa vizinhança se vc tiver bons vizinhos e como ter a família perto.

18.2 Como você Classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R.Em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade, é uma relação de parceria onde o povo foi educado para isso, buscam sempre uma utopia de racionalidade de interesses progressivos eu não entendo bem mais aqui quando o povo não é de acordo como o que o governo coloca o povo vai a luta para mudar o que dê-lhes incomoda.

No Brasil o povo não é educado para isso porque não teve acesso à educação né , rsrs, a história é um campo de irracionalidade das coisas imprevisíveis, onde o povo aprendeu a aceitar tudo que é imposto agora que temos uma parte da população reivindicando as coisas no Brasil mais a opressão do outro lado também é bem forte nessa luta de direitos é uma pena. Portugal está cada vez mais em crescimento económico cada vez melhor e concretiza isso desperta o interesse de imigrar para cá. Foi oque eu fiz a facilidade com o idioma as boas relações como Brasil isso nos facilitar o acesso e a busca de uma vida melhor aqui eu acredito que toda travesti que vem para Portugal busca isso, dinheiro e segurança o'que o Brasil não nos oferece.

18.3 Como você destaca a realidade integrada aos quadros econômico, social e político entre Brasil e Portugal?

R.No Brasil a temos uma economia mal administrada e mal distribuída, isso percebemos nas regiões mais pobres do Brasil e nas favelas onde o poder está aliado ao grume e tráfico de drogas que daí claro aparecer a pobreza e as discriminações que vivenciamos hoje. Diferente de Portugal que acho q não tem uma economia tão boa mais ainda vivemos aqui muito bem com pouco. O português pode até ganhar pouco mais também terá poucos gastos. Lógico q aqui também já vi pessoas nas ruas pedindo dinheiro mais e bem menor que no Brasil.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?.

O Brasil essa relação de democrática não existe podemos ver na televisão bandidos soltos e pai de família preso, políticos corruptos absolvidos, leis q não funcionam, pobres nas universidades privadas e os ricos nas públicas, rsrs está tudo errado.

Bem no caso Portugal é um país onde as discussões sobre a sociedade civil não é tratada isolada existe a união europeia, o governo só estabelece uma decisão se a união europeia aceitar isso é muito bom pois o governo não prejudica o país. Assim funciona as relações entre estado e sociedade.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS

DIA: 23/03/18

DURAÇÃO: 1h48min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (03)

Mora a mais de 6 anos em Portugal, na cidade de Lisboa.

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; () 25 a 30; () 30 a 35; () 35 a 40; (X) 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU

Manaus – Amazonas Brasil.

3. IDENTIDADE DE GÉNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; () Negra; () Parda; (X) Indígena

6. ESTADO CIVIL

() Solteira; (X) Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; () Médio; () Superior; (X) Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil Sou funcionária Pública, e vim para Portugal de início para fazer um mestrado em Higiene e segurança do Trabalho, sou Graduada em Engenharia Civil. Especialista em Matemática pela ESBAM EM Manaus e Segurança do Trabalho pela UEA. Universidade do Estado do Amazonas.

Em Portugal, Curso Mestrado em Higiene e Segurança do Trabalho, pela FELP, Iniciei o curso, mas tive que voltar ao Brasil por conta do meu emprego como funcionária pública, pois estava de licença especial, passei um ano no Brasil e voltei para terminar meu mestrado, e morar em Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Serviço Social

Portugal definitivamente pois pretendo me aposentar e viver com meu Marido que é Português, por aqui mesmo .

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; () 4-5; (X) 6-7; () acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

(X) Formal; () Informal; () Recibo Verde

R. Tenho trabalho Formal no Brasil e em Portugal Informal, mas mesmo assim Ganho bem mais em Portugal.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros R.

No Brasil minha casa é própria.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros

Em Lisboa moro em uma casa também própria, meu sogro nos deu um terreno e estamos construindo nossa casa.

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA

14.1- Como foi sua infância e Adolescência ? (Violência e Preconceito)

- **Família;**

R. no início foi um tanto conturbado, Fui criada pela minha vó, minha mãe trabalhava e meu pai era ausente, mas sempre fui incentivada a estudar, minha mãe e vó davam o jeito para passagens e lanches da escola, éramos muito carentes, nossa casa era de papelão, mas logo fui me tornando adulta e fui trabalhar e ajudar minha família. Somos 3 irmãos Tenho uma irmão Trans homem, e um irmão vos, mas hoje temos uma excelente relação, amo minha família, agora estou construindo outra família com o meu marido, mas sem esquecer os meus claro.

- **Amigos; Escola;**

R. não tive grades problemas porque desde cedo já tinha esse jeito de garota, meus amigos de escola e faculdade temos amizades até os dias atuais, sempre fui muito polêmica, mas ao mesmo tempo muito estudiosa e isso trazia os amigos pra mais perto, sempre fui um pouco Nerd...

- **Lazer;**

R. Sou muito caseira, gosto de lazer em família e amigos..

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto ? Quais ?

R. Há eu sempre fui muito apressada pra coisas, quero as coisas pra ontem, eu quis me transformar rápido muito novinha ainda, por isso não tive problemas com isso, sofri discriminação por parte dos amigos e algumas pessoas da família, só que com uma ressalva, a

peessoa que me sustentavam, minha vó, não se surpreendeu, então era o que me bastava, minha mãe era um pouco, porra louca mas mesmo assim me apoia até hoje .

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque continuo com meu órgão genital, mas tenho uma mente feminina.

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. Meu nome é diferente e dado pelo meu pai, e gosto dele então, todos na minha cidade e em Portugal me conhecem como Weydman Henriques. Portanto meu nome social não difere do meu de batismo, sim respeitado por todos.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

R. No Brasil sou funcionária pública, continuo como funcionária e estou de licença prêmio.

Aqui em Portugal tenho um trabalho informal.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc) R.

Sim colaboro com a família e companheiro.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Não nem no Brasil nem Portugal. Nunca recebi nada de governo algum.

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. No Brasil o preconceito e discriminação é muito grande, lá eles matam travesti só pelo fato de ser travesti, todos os dias matam travesti no Brasil. Aqui em Portugal nunca tive problema algum com isso, nem com amigas. R. Em Portugal idem.

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal

R. Sim fui presidenta da parada LGBTI em Manaus, por alguns anos, aqui em Portugal não, até porque meu foco no momento é o mestrado e doutorado.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.

R. Vou resumir o acesso a educação no Brasil tem tido um crescimento significativo, o serviço público onde eu trabalho garante esse acesso a Educação básica e o Nível Superior.

Quanto a saúde em Manaus também tem tido um crescimento significativo melhorando muito com um programa de marcação de consulta chamado de Sisreg, quanto a assistência social o Brasil tem o programa bolsa família e auxílio gás moradia e leite do meu filho entre diversos programas sociais. Quanto a segurança no Brasil ainda é precária esse é um dos motivos de não morar no Brasil.

Em Portugal existem algumas vantagens e desvantagens, quanto a assistência social não tenho nada a declarar, mas a saúde, educação e segurança são excelentes.

15.2. Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal R.

Conheço mas no momento não participo.

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social ? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência ?

R. No Brasil sim em Portugal não.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1 - Moradia e local onde vive

R. Quando cheguei em Portugal fui morar com um amigo logo depois conheci meu marido e fui morar com ele.

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos ?

R. Sim tenho, construir minha vida em Portugal e trazer minha família pra qui..

17.2- Pensa na velhice? de que forma ?

R. Com uma boa aposentadoria no Brasil mas desfrutar em Portugal.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 As travestis residentes em Lisboa em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

R.Sim a estratégia começa pelos estudos, onde convivemos com a sociedade portuguesa tem melhor local pra interagir? .

18.2 Como você classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R.Em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade tem características econômico-sociais da população bem definida, No Brasil essa relação não tem uma definição plausível por conta do individualismo dos governantes.

18.3Como você destaca a realidade integrada aos quadros econômico, social e político entre Brasil e Portugal?

R.O quadro sócio-econômico do Brasil não é dos melhores, e está longe de ser pois os políticos pensam só no momento, por conta disso a situação trágica em que se encontra o país. Portugal com um capô de metas e necessidades a serem cumpridas com êxito.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?.

R.O governo brasileiro democrático deveria, essencialmente, viável em uma sociedade capitalista: a regulamentação democrática da vida não poderia ser atingida sob as restrições impostas pelas relações capitalistas de produção. Portanto considero necessário transformar a

própria base da sociedade para criar a possibilidade de uma “política democrática no Brasil. Em Portugal essa democracia é válida e não tenho muito o que comentar.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS

DIA: 23/02/18

DURAÇÃO: 1h38min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (04)

Mora em Portugal a mais de 3 anos.

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; () 25 a 30; () 30 a 35; (X) 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU

Rio de Janeiro.

3. IDENTIDADE DE GÊNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; (X) Negra; () Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

() Solteira; (X) Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; (X) Médio; () Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil trabalhei como cozinheira informal em um bordel no Rio de Janeiro. e lembro que não tinha nenhum direito trabalhista, as vezes ficava até sem receber o meu ordenado, foi aí que me organizei para vim para Portugal e melhorar a minha vida.

Em Portugal, trabalho com contrato de trabalho, faço limpeza em escritórios e durante a noite faço programa em casa.

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; () 4-5; (X) 6-7; () acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

(X) Formal; () Informal; () Recibo Verde

R. Hoje eu trabalho em uma empresa de limpeza e também realizo atividade como Acompanhante sexual.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros R.

No Brasil eu tenho minha casa própria.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros

R. Aqui em Lisboa também tenho minha casa própria com meu marido

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA**14.1- Como foi sua infância e Adolescência ? (Violência e Preconceito)**

- **Família;**

R. Minha família não aceitou, e fui morar fora e trabalhar como domestica, trabalhava em troca de casa e comida, mas hoje já não tenho magoas e sigo em frente.

- **Amigos; Escola;**

R. Amigos sempre foram meus aliados e por meio dos amigos comecei a fazer minhas transformações do corpo. Hormônios, silicone etc

A escola, não sofri por sempre fomos barraqueiros e minha família meus irmãos sempre estiveram do meu lado.

- **Lazer;**

R. sempre morei em comunidade então todo dia tem festa o lazer nosso e as festas.

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto ? Quais ?

R. Conturbada mais ao mesmo tempo eu tive oportunidades de fazer o que eu queria com meu corpo. Já apliquei silicone industrial, já fiz plásticas e agora quero fazer uma lipor e implante de cabelo. Nessa fase claro eu sofri muito, e acho que todas as travestis sofremos com isso, sofri até agressão verbal, agressão física em casa na rua. Foi uma época bem difícil eu só saía à noite com medo de que poderia acontecer novamente.

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque Nasci menina kkk. Me sinto e vivo 24h mulher, não tenho problemas com isso, sou travesti e pronto.kkkk

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. Sim muito respeitada pelo nome que tenho.. mais no Brasil não é tão tranquilo não, em muitos lugares eles não querem te chamar pelo seu nome social é muito constrangedor.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

R. No Brasil fui domestica cozinheira e fui fazendo o que eu sabia para sobreviver..

Em Portugal eu trabalho em uma empresa de limpeza e também faço trabalho sexual. Aqui em Portugal o salário mínimo não é tão alto então eu faço um extra por fora. E esse extra às vezes chega a ser 3 vezes a mais que meu salário.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc) R.

Não até porque eles não precisam.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Não nem no Brasil nem Portugal.

14.8-Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. No Brasil tudo é sem lei, preconceito total, você tem que ter cuidado por onde vai andar para não ter problemas.

R. Em Portugal sofri preconceito mas nada de mais. Acho q o preconceito que sofri até foi por causa da minha cor e não por ser travesti, acho q não perceberam.

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal R.

Não nunca participei.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.

R. No Brasil essa questão é mediana lá eles tem assistência social com auxílio do governo, mas a segurança é péssima.

Em Portugal conheço muito bem esses acesso. Quando fui dar entrada no meu casamento de primeiro momento o processo foi negado porque não estava com os documentos completos e foi através do serviço social do governo que eu consegui resolver isso **15.2.** Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal R. Conhecer sim participar não.

Em Lisboa eu conheço uma organização mais não frequento por causa dos dois trabalhos.

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social ? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência ?

R. No Brasil sim minha família sempre foi atendida por este profissional por conta dos meus irmãos menores q estudavam.

Em Portugal recebi atendimento pelo serviço social quando precisei de documentos pra casar. E também para pedir o rendimento mínimo quando fiquei desempregada uma vez aqui. Naquele momento foi muito bom esses serviço pra mim que não sabia como fazer.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1 - Moradia e local onde vive

R. Quando cheguei em Portugal fui morar com amigos, que já conhecia desde o Brasil, foi nesse período que comecei logo a trabalhar na limpeza depois fiquei desempregada fui fazer programa, depois casei e fui morar com o marido e agora estou com as duas profissões. Moramos eu e ele os pais dele. Temos uma ótima convivência desde o início do namoro, os pais dele e ele sempre me respeitaram.

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos ?

R. Sim tenho, fazer minha família vim pra cá para morar com agente e poderem crescer aqui.

17.2- Pensa na velhice? de que forma ?

R. Ao lado do meu companheiro, com nossa família.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 As travestis residentes em Lisboa em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

R. Bem isso é muito relativo, acho que essa estratégia deve partir da convivência com as pessoas, acho que só busca integração quem quer viver aqui, muitas travesti daqui do quem saber o trabalho e do dinheiro para mandar pro Brasil.

18.2 Como você classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R. Em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade é perfeita. No Brasil essa relação é babado, pois o estado e a sociedade não buscam o mesmo interesse. Acho que a questão da igualdade social dos dois países é bem diferente. Aqui apesar de tudo consegui comprar minha casa no Brasil e também uma aqui. Coisa que eu não ia conseguir nunca no Brasil com o trabalho que eu tinha que é o mesmo que tenho aqui. Apenas mais valorizado né

18.3 Como você destaca a realidade integrada aos quadros econômico, social e político entre Brasil e Portugal?

R. No Brasil esse quadro é caótico, em Portugal as coisas caminham bem. Já tivemos uma forte crise aqui muitas pessoas desempregadas como eu fiquei mais graças a Deus foi passageiro. Hoje estamos em um momento de desenvolvimento novamente.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?.

R. O Brasil sabemos que não existe democracia, vivemos cada um por si. Um país praticamente sem lei, onde morre no mínimo uma travesti por dia vítima de ódio só por ser travesti. Isso é muito triste para os dias atuais. Estamos em um novo momento de liberdade de expressão.

Portanto o povo brasileiro está ferrado na forma que vivemos . Portugal pode não viver em total democracia. Mais conseguimos perceber que as desigualdades são menores em comparação ao meu país, ou estão bem escondidas que no consigo ver.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS

DIA: 08/04/18

DURAÇÃO: 1h50min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (05)

Mora em Portugal- Lisboa a mais de 3 anos.

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; (X) 25 a 30; () 30 a 35; () 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU Manaus Amazonas.

3. IDENTIDADE DE GÉNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

(X) Branca; () Negra; () Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

(X) Solteira; () Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; () Médio; (X) Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil trabalhei como industriaria, supermercado e em escritório de contabilidade Em Portugal, tenho um trabalho informal.

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; (X) 4-5; () 6-7; () acima de 8

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

() Formal; (X) Informal; () Recibo Verde

R. Hoje eu realizo atividade como acompanhante.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

() Própria; () Alugada; () Financiada; (X) Cedida; () Outros R.

No Brasil eu morava em casa cedida.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

() Própria; (X) Arrendada; () Financiada; () Cedida; () Outros Em

Lisboa moro em uma casa arrendada.

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA

14.1- Como foi sua infância e Adolescência? (Violência e Preconceito)

- **Família;**

R. Família sempre percebeu desde criança meu jeito feminino, minha mãe sempre me entendeu e fez um acordo que se eu desse boas notas eu ganharia as bonecas que tanto queria, e aí veio a questão da transformação e ao mesmo tempo a aceitação do meu próprio “eu” e a família continuou ao meu lado me apoiando quanto a todos os meus conflitos.

- **Amigos; Escola;**

R. Amigos sempre estiveram ao lado.

A escola, também não tive muitas questões, pois não era muito de conversas, só na adolescência que fui tendo outros amigos que eu me identificava.

- **Lazer;**

R. No meu mundo de travestir.

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto? Quais?

R. A Transformação foi babado, fui pra Venezuela fazer o peito e minha irmã foi comigo, nesse momento conheci um rapaz e fiquei com ele por um tempo lá na Venezuela. Sobre o preconceito e discriminação que eu senti foi por parte de alguns amigos, que ficaram contra mim e deixaram de falar comigo, isso acaba com agente.

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque gosto de ser mulher. Vivo como mulher meus hábitos são do gênero feminino, pra mim travesti e vivenciar o feminino.

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. sim em Manaus sempre fui respeitada e aqui também.

14.5- Descreva a sua ocupação Brasil e Portugal.

R. Meu último emprego foi de industriaria em Manaus fazendo celular da Samsung .

Em Portugal faço trabalho informal. Como acompanhante.

14.6- Colabora financeiramente com alguém? (Família, companheiro, amigos etc) R.

Sim colaboro com a família.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Não nem no Brasil nem Portugal.

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. No Brasil é mais latente as pessoas olham e você percebe logo é perceptível tipo questão banheiro, no Brasil temos que usar banheiros masculinos eu até gostava por me relacionar com os meninos no banheiro rs, eu tive um problema no banheiro do trabalho em um escritório onde a moça se incomodou por eu usar o banheiro feminino. R. Em Portugal, nunca senti preconceito uso banheiros femininos.

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal R.

Não nunca participei.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.

R. No Brasil, não sei se eles têm esse acesso, porque vejo pela tv só escândalo.

R.Em Portugal percebo que esse acesso é obrigatório.

15.2. Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal)

R. Conhecer sim participar não. Em Lisboa não frequento nenhuma organização.

15.3- Já foi atendida por um (a) profissional de Serviço Social? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência?

R. No Brasil Não, em Portugal sim tenho assim. O atendimento e lá no espaço intendente toda vez que preciso ou tenho dúvidas de alguma coisa eu vou lá e passo no serviço social.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1 - Moradia e local onde vive

R. Quando cheguei em Portugal fui morar com um amigo e hoje sigo em meu próprio apartamento

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos?

R. Sim tenho, mas é algo relacionado a família.

17.2- Pensa na velhice? De que forma ?

R. Saudável com uma boa aposentadoria.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 as travestis residentes em Lisboa em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

R.Sim todos os dias busco essa estratégia de integração com o convívio. Tenho muitos amigos. Frequento os cafés perto de minha casa onde todos me conhecem e me respeitam como uma pessoa normal como todos q frequentai lá

18.2 Como você classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R.Em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade é bem visível. Aqui existe muitos benefícios pra quem já possui documento português. Eles têm muitas oportunidades para ter um emprego. Aqui vejo que todo mundo trabalha. eu mesma quando consegui meu documento vou também ter um trabalho.

R.No Brasil essa relação não tem muita parceria. No Brasil se é difícil um homem ou mulher ter um trabalho imagina eu que sou travesti.

18.3 Como você destaca a realidade integrada aos quadros econômico, social e político entre Brasil e Portugal?

R.O quadro do Brasil é Muito ruim, diferente de Portugal. Eu não entendo muito de política mais acho que aqui não tem corrupção não polo menos não vejo.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?

O Brasil a sociedade é desafiada a ser democrática, em Portugal se nasce democrático.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS
ENTREVISTA ÀS TRAVESTIS BRASILEIRAS
DIA: 19/03/18

DURAÇÃO: 1h52min

LOCAL: Residência da Entrevistada

ENTREVISTADA (06)

Mora em Portugal- Lisboa a mais de 2 anos.

1. FAIXA ETÁRIA

() 20 a 25; () 25 a 30; () 30 a 35; (X) 35 a 40; () 40 a 45; () mais de 45 anos

2. CIDADE ONDE NASCEU

Manaus -Amazonas- Brasil.

3. IDENTIDADE DE GÊNERO (COMO SE DENOMINA)

(X) Travesti; () Transexual

4. ORIENTAÇÃO SEXUAL

() Homossexual; (X) Heterossexual; () Lésbica; () Bissexual

5. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

() Branca; () Negra; (X) Parda; () Indígena

6. ESTADO CIVIL

(X) Solteira; () Casada; () União Estável; () Divorciada; () Outros

7. ESCOLARIDADE

() Fundamental; (X) Médio; () Superior; () Pós-graduação

8. PROFISSÃO; OCUPAÇÃO

R, No Brasil trabalhei como cabeleireira e também shows de dublagem artísticas.

Aqui em Portugal, a principio eu vim para fazer um show de dublagem, e por fim acabei ficando, porque minha vida no Brasil não estava muito boa, então fiquei com a possibilidade de seguir a vida artística. Mais como o inicio e bem difícil até vc conseguir conquistar o público e os donos dos bares demora. Então eu comecei a fazer o trabalho sexual para ir me mantendo.

9. RENDA MENSAL QUANDO ESTAVA NO BRASIL

() 1 SM; (X) 1-3; () 4-5; () 6-7; () acima de 8

10. RENDA MENSAL EM PORTUGAL

() 1 SM; () 1-3; (X) 4-5; () 6-7; () acima de 8.

11. VÍNCULO EMPREGATÍCIO

() Formal; (X) Informal; () Recibo Verde

R. Hoje eu realizo atividade como acompanhante, é o que me mantém hoje aqui. E também já faço a recolha dos impostos e também segurança social.

12. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA BRASIL

(X) Própria; () Alugada; () Financiada; () Cedida; () Outros

R. No Brasil eu morava em casa própria dos meus pais, eles já são separados e a casa ficou para minha mãe e filhos.

13. SITUAÇÃO DE RESIDÊNCIA PORTUGAL

() Própria; (X) Arrendada; () Financiada; () Cedida; () Outros.

R. Em Lisboa quando cheguei morei na casa de uma amiga, e depois de três meses consegui alugar o meu apartamento junto com um amigo.

14. HISTÓRICO SOBRE PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE VIDA

14.1- Como foi sua infância e Adolescência ? (Violência e Preconceito)

- Família;
R. Minha família é uma família muito unida, meus pais já não moram juntos mais sempre está presente com os filhos, minha mãe que hoje já é falecida sempre dizia que eu já era bem feminina desde criança, eu o meu irmão, que é gay, nossa família sempre ficou do nosso lado, isso foi muito bom para minha vida. Não lembro de nada de ruim por parte da minha família em relação a mim e nem com meu irmão.
- Amigos; Escola;
R. eu sempre tive muitos amigos desde criança, sempre gostei de participar nas atividades da escola, adorava quando tinha que dançar e dublar, até hoje gosto. Já na adolescência que alguns problemas começaram a surgir, porque eu já gostava de usar umas roupas mais femininas e isso era motivo de chacota na rua na escola, foi aí que comecei a perder o interesse pela escola, mais consegui concluir o ensino médio. A escola foi horrível nem o banheiro eu frequentava. Cheguei a pegar suspensão por usar o banheiro feminino. Então passava a não fazer uso do banheiro na escola. Lazer;
R. O meu lazer sempre foi e até hoje é minha vida artística, fazer os shows de dublagem, bordar meus vestidos eu amo isso, me sinto uma grande artista quando estou nos palcos. É muito bom esse sentimento é meu lazer maior, mais também gosto muito de cinemas com amigos, eu tenho muitos amigos, por conta dos shows que faço muita gente me conhece.

14.2- Como se dá (ou se deu) a constituição da transformação do seu corpo ? Enfrenta algum tipo de problema em relação a isto ? Quais ?

R. A construção do meu corpo iniciou quando tinha uns 14 anos com hormônios feminino, eu sempre gostei de praticar esportes, eu jogava voleibol e os amigos do vôlei todos eram gays então para eu construir minha identidade feminina na aquele grupo foi muito tranquilo, já em casa que foi mais difícil porque depois minha família falava que eu tudo bem, mais meu irmão era por culpa minha que eu que incentivava. Isso foi bem ruim p mim.

14.3- Porque você se denomina Travesti?

R. Porque ser Travesti pra mim é como eu gosto de ser, ter a aparecia feminina, corpo bem feminino e não me importo se tenho pênis, não sou homem nem sou mulher, sou travestir.

Transexual pra mim já são as meninas que querem fazer a cirurgia de mudança de sexo, que querem viver mesmo como mulheres elas não querem nem ser trans querem ser mulheres, pra mim são essas essas transexuais.

14.4- Tem conhecimento do uso do nome social respeitado nos locais que frequenta? Brasil/Portugal.

R. No Brasil na minha cidade nunca o nome social foi respeitado se seu nome era João então é João que era chamado, eu mesmo dente não ia ao médico não, para passar vergonha preferia ficar em casa e tomar os chá de minha vó.

Em Lisboa nunca passei por nenhum constrangimento, nem no aeroporto nem no banco, sempre olharam meu passaporte e sempre me chamando como senhora, aqui eles são bem educados.

14.5- Descreva a sua ocupação no Brasil e Portugal.

R. No Brasil eu fiz um curso de cabeleireira, e montei meu pequeno salão na frente da minha casa, o espaço foi oferecido pela minha mãe. Era do São que ajudava em casa e também para mim. Também fazia shows de dublagem em casas noturnas, discotecas LGBTI, onde também conseguia um bom dinheiro, mais esse dinheiro uma boa parte eu utilizava para a confecção dos figurinos que gostava de sempre mudar.

Aqui em Portugal eu também sigo a carreira de dublagem mais o valor do investimento ainda e mais que o valor que ganho por cada shows, mais continuo porque gosto e ainda tenho pouco tempo de carreira aqui. Minha principal ocupação no momento e como acompanhante (trabalhadora sexual), quando cheguei eu procurei trabalho como cabeleireira mais foi só uma experiência eles, não queriam me dar contrato de trabalho, então tive que sair. Então comecei a fazer trabalho sexual, para consegui permanecer aqui e investir na carreira. Mais também faço trabalhos como cabeleireira, maquiadora, tudo que posso fazer pra ganhar dinheiro eu faço, então pode se dizer que eu tenho varias atividades aqui em Lisboa, eu não fico é parada. **14.6- Colabora financeiramente com alguém? (família, companheiro, amigos etc)**

R. Eu quando morava com minha família eu colaborava com o mínimo que tinha, hoje posso dizer que ajudo muito mais, principalmente agora, já não tinha mãe e meu pai também faleceu este ano. Momento que eu nem consigo descrever, perder alguém que você ama e esta longe sem poder ver. Foi horrível, assim com a Morte de Minha mãe. Então hoje eu ajudo em que posso com meus irmãos. Pois estou em condições melhores que eles, não me custa nada ajudar.

14.7- Já foi beneficiada com algum programa de transferência de renda no Brasil e Portugal?

R. Não minha família nem eu nunca recebemos nada do governo.

Aqui em Portugal Também nunca recebi nada.

14.8- Como você percebe o Preconceito e Discriminação? (Brasil / Portugal)

R. No Brasil eu já percebi o preconceito comigo e com meu irmão na escola, o preconceito as vezes era de professores. Na minha cidade o preconceito e a discriminação por pessoas LGBTI é muito grande se você é gay ou travesti e for passando na rua pode ter certeza que alguém vai te xingar ou suar com sua cara isso e certo, era oque mais acontecia comigo, era só sair na rua pra receber chacotas. Eu preferia ficar em casa e so saia a noite.

R. Aqui em Lisboa nunca percebi questões de preconceitos não, também lisboa é capital existe muita mistura de raças, mais nunca passeio por situação de constrangimentos aqui não, vou onde quero, uso banheiro feminino, provador feminino, vivo uma vida como mulher que sou kkk

14.9- Participa das paradas LGBT no Brasil e Portugal

R. Sim na minha cidade eu fazia parte do elenco de shows do evento, que na minha cidade e muito importante que acontece, é uma cidade ainda bem preconceituosa em relação aos LGBTI.

R. Em Lisboa fui no ano passado junto com amigos que tenho aqui, foi a primeira vez que fui, este ano estamos já nos preparativos da marcha LGBTI de Lisboa. E o momento que podemos mostrar que existimos que somos pessoas e precisamos existir, ter emprego, educação, acho isso.

15.POLÍTICAS PÚBLICAS

15.1- Como se dar o acesso à saúde, educação, assistência social, Lazer, segurança no Brasil e Portugal.

R. Posso falar de mim, pois eu não gostava de ir ao hospital por que toda vez era chamada pelo nome masculino e eu voltava p casa, era muito complicado o acesso a saude. Em questão a educação agora que consigo ver meninas travestis estudando, pois a maioria da minha época não tiveram oportunidade de permanecer na escola algumas nunca nem entraram na escola, hoje já esta mais mudado, não esta como precisamos mais está melhorando. Em relação ao lazer como disse antes meu lazer é os shows e o voleibol, eu participava de uma liga esportivas, acontece um campeonato todos os anos e eu sempre participei jogando, isso e uma das coisas que sinto falta. Já a segurança e muito mínima na minha cidade, o exemplo maior foi agora a pouco tempo atra, onde meu pai foi sequestrado e em seguida assassinado, brutalmente. Então posso dizer que meu pais não tem segurança não so pra as travesti, não tem segurança pra nenhum cidadão.

Aqui em Lisboa a segurança é ótima, se vc tem algum tipo de problema e só ligar para policia e em pouco minutos já estão perto de você pra averiguação. As ruas estão sempre bem

vigiadas pelos policiais, o trânsito e bem fiscalizado, acho perfeito aqui. Não tenho medo de esta na rua e acontecer algo de ruim. Saimos e voltamos sem medo, isso é muito bom.

15.2. Conhece ou participa de alguma Organização Social? (Brasil / Portugal

R. Sim na minha cidade tinha a organização da parada LGBTI da cidade, durante o ano eles oferecem curso profissionais e entrega de preservativos, eu sempre ia por lá.

Aqui em Lisboa não frequento nenhuma organização.

15.3- Já foi atendida por um(a) profissional de Serviço Social ? (Brasil / Portugal). Como foi a experiência ?

R. No Brasil o contato que tive com assistente social foi no período que minha mãe estava internada, ela a assistente social que nos passava as informações sobre diárias dos plantões e também foi a assistente social que nos deu a notícia do falecimento de minha mãe, também foi o serviço social que nos ajudou nos procedimento tomar naquele momento. aqui em Lisboa e vou sempre no espaço intendente lá tem assistente social e com ela que pego preservativos sou acompanhada por eles.

16. CONDIÇÕES DE VIDA EM LISBOA:

16.1 - Moradia e local onde vive

R. Quando cheguei em Portugal fui morar com uma amiga nesse período comecei a fazer programa, logo conheci um cliente que acabou sendo meu amigo e me ajudou a alugar o meu apartamento onde eu vivo hoje, e divido o aluguel com mais duas pessoas que são amigos da minha cidade, que convidei pra vim morar comigo, na verdade eles são minha família aqui, moramos juntos e conseguimos viver bem. Conhecemos a maioria dos vizinhos, nunca tive problemas com eles, os europeus são muito discretos, e respeitadores, não se preocupam com a vida dos outros.

17. PROJETOS FUTUROS

17.1- Tem projetos de vida para 5 ou 10 anos ?

R. Meu projeto de vida aqui a 5 ou 10 anos, e ter os documento para permanecer aqui legalmente, através dos meus recibos, ter uma casa e ter vida confortável seja nesse trabalho ou em outro.

17.2- Pensa na velhice? de que forma ?

R. Sim penso sim, espero poder envelhecer bem, com saúde, independência, isso é muito importante hoje em dia.

18. ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E SOCIAIS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA CIDADE DE LISBOA

18.1 As travestis residentes em Lisboa em sua concepção buscam uma estratégia de integração social junto a sociedade Portuguesa?

R. Sim com certeza as travestis que conheço são super engajadas nessa coisa de interagir com o país em que vivem, vejo as monas muito focadas em participar da sociedade como um todo.

18.2 Como você Classifica a relação entre o Estado e a Sociedade portuguesa em Relação ao Brasil?

R.Bem em Portugal a relação entre o Estado e a Sociedade no meu entendimento é bem ampla, percebo que o estado busca transparência nas relações com a sociedade.

No Brasil é totalmente ao contrário. no Brasil os escandalos do poder público é amplo e por meio disso acaba afetando a todos.

18.4 Como você descreve a democracia como prática na política da construção de novas relações entre Estado e sociedade civil no caso de Brasil e Portugal?.

R.Portugal é um país democrático onde tudo funciona, o poder público presta contas por meio das relações entre o estado e a sociedade.

O Brasil nesse aspecto se perde em meio ao vão, prefiro nem comentar, acho que o Brasil pra ser ou está numa democracia tem que começar pela honestidade e sabemos que isso por lá tá difícil..

Apêndice III – Guião da Entrevista à Assistente Social

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS ENTREVISTA

À ASSISTENTE SOCIAL DIA:

DURAÇÃO:

LOCAL:

1- Nome:

2- Cargo

3- Tempo de Formação:

4- Nome da Instituição:

5- Local?

6- Função da instituição e do Serviço Social?

7- Tempo de Funcionamento do projeto?

8 - Número de pessoas atendidas: (utente/paciente)?

9- Número de Travestis atendidas?

10- Como é realizado o acesso ao serviço pelas travestis?

11- Tipo de orientação as travestis buscam no atendimento do serviço social?

12- O serviço social consegue solucionar os problemas encontrados no atendimento?

13- Sobre questões de integração social. Como o serviço social percebe esse grupo?

14- O serviço social consegue perceber o motivo das travestis imigrarem para Portugal?

15- O serviço social percebe no atendimento alguma questão de violação de direitos, exclusão, ou violência por parte do governo português?

16- Na ausência desta instituição o serviço social acredita que este atendido seria mais dificultoso?

17- O serviço social consegue realiza alguma ação para aproximar as travestis a integrarem a comunidade portuguesa?

18- Quantos assistentes sociais trabalham na instituição?

19- Com você percebe a atuação do serviço social em Portugal?

20- O serviço social consegue perceber o respeito pelo nome social no atendimento nas instituições públicas em Portugal?

Apêndice IV- Transcrição da Entrevista à Assistente Social

**INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS ENTREVISTA
À ASSISTENTE SOCIAL**

DIA: 11/04/18

DURAÇÃO: 1h35min

LOCAL: Espaço Intendente

IDENTIFICAÇÃO.

1- Nome:

R. Marília Oliveira 2-

Cargo:

R. Técnica de serviço social, técnica de rastreio, gestão (GAT).

3-Tempo de Formação:

R. 4 anos

4- Nome da Instituição:

R. GAT

5- Local:

R. Espaço intendente.

6- Função da instituição e do Serviço Social?

R. Acompanhamento as pessoas transexuais travestis gays e lésbicas imigrantes de outros países

7- Tempo de Funcionamento do projeto? R.

Desde setembro de 2016.

8 - Número de pessoas atendidas: (utente/paciente)?

R. Não dá para mensurar no momento não temos com descrever um a um 9-

Número de Travestis atendidas?

R. Não dá para mensurar no momento todos temos em média de 500 atendimentos ao mês no caso das travestir e transexual 100 pessoas em média.

10- Como é realizado o acesso ao serviço pelas travestis?

R. Por meio de indicação, ou pelo passa palavras, ou pelo teste de rastreio, pedido de orientação social ou pedir ajuda.

11- Tipo de orientação as travestis buscam no atendimento do serviço social?

R. Se faz relacionado a saúde e muitas vezes buscam orientação para conseguir os documentos necessários para permanecerem no país e outras questões pessoais.

12- O serviço social conseguiu solucionar os problemas encontrados no atendimento?

R. Sim por se tratar também de uma instituição de saúde conseguimos aqui através do rastreio conseguir atender e acompanhar o utente depois do diagnósticos.

13- Sobre questões de integração social. Como o serviço social percebe esse grupo?

R. Temos parceria com outras instituições que auxiliam nessa ajuda. Apesar de ser um serviço de saúde conseguimos integrar as utentes em outros serviços que nos possibilitam essa integração.

14- O serviço social consegue perceber o motivo das travestis imigrarem para Portugal?

R. Com certeza, isso é uma questão muito pessoal de cada indivíduo. O que percebemos nos atendimentos que elas buscam uma estabilidade financeira no seu país de origem, outras já buscam documento para ter essa instabilidade aqui, falam que aqui tem muita segurança e qualidade de vida.

15- O serviço social percebe no atendimento alguma questão de violação de direitos, exclusão, ou violência por parte do governo português?

R. Sim principalmente quando relacionado ao trabalho sexual. Muitas utentes relatam que não sentem preconceito por serem travestis mais sim porque são trabalhadoras sexuais.

16- Na ausência desta instituição o serviço social acredita que este atendido seria mais difícil?

R. Isso sem dúvida, seria muito difícil ajudar essas pessoas na ausência da instituição. Por motivos de estarem irregular no país.

17- O serviço social consegue realiza alguma ação para aproximar as travestis a integrarem a comunidade portuguesa?

R. Sim! O fato de elas gostarem de sair e da forma como conseguem o dinheiro para sua sobrevivência não interfere nas relações sociais com vizinhos e amigos portugueses. E a instituição tenta fazer o cidadão aceder até porque o acesso aqui é para todos

18- Quantos assistentes sociais trabalham na instituição?

R. O GAT somos quatro Assistentes Sociais, aqui no espaço Intendente apenas eu.

19- Com você percebe a atuação do serviço social em Portugal?

R. O serviço social ainda caminha em pequenos passo-as aqui em Portugal, ainda a muito para construir com a profissão que ainda não tem um sindicato mais no terreno conseguimos desenvolver as atividades dos serviços dentro de um cronograma que responda às necessidades do utente, e a dificuldade é mas por sermos poucos colaboradores no serviço que impossibilita maiores atividades no espaço.

20- O serviço social consegue perceber o respeito pelo nome social no atendimento nas instituições públicas em Portugal?

R. Com certeza, O nome social é respeitado além do espaço que deixamos aberto para todos. E que possam ser referências para todos também, mas, contudo, isso é bastante limitado ainda, eu acho um erro mas ainda estamos comentando.